

NASCIDA DA PENA E DO FERRO:

De como as letras lapidaram
minha história

Ediene Pena Ferreira

**NASCIDA DA PENA E DO FERRO:
DE COMO AS LETRAS LAPIDARAM MINHA HISTÓRIA**

EDIENE PENA FERREIRA

**NASCIDA DA PENA E DO FERRO:
DE COMO AS LETRAS LAPIDARAM MINHA HISTÓRIA**




Pedro & João
editores

Copyright © Ediene Pena Ferreira

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Ediene Pena Ferreira

Nascida da pena e do ferro: de como as letras lapidaram minha história. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 177p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0772-8 [Digital]

1. Memorial. 2. Narrativa. 3. História de vida. 4. Percurso acadêmico. I. Título.

CDD – 370

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

A todos que acreditam no poder transformador da educação.

AGRADECIMENTOS

A todos que me antecederam e aos
que caminham ao meu lado, meu
muito obrigada!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meu pai (Azamor Teixeira Ferreira) e minha mãe (Ana Pena Ferreira).	21
Figura 2 - A) Minha irmã Margarida e eu (1974). B) Minha avó materna, Joana de Siqueira Pena. C) Em sentido horário, minha irmã Margarida, minha mãe, eu e minha irmã Salete, em frente à casa onde passávamos as férias na comunidade de Carariacá.	24
Figura 3 - A) A bicicleta. B) Eu, com meus irmãos Francisca e Cristóvam. C) Eu aos 9 anos, com um cavaquinho que ganhei de presente do meu irmão Cristóvam.	31
Figura 4 - Estão na foto minha irmã Salete, meu sobrinho Angel, que se tornou Flamenguista, quando começou a entender melhor a vida, e eu com cabelos da cor da asa da graúna.	43
Figura 5 - A - Foto tirada na Escola Barão do Tapajós em 1982. B - Foto tirada na Escola Barão do Tapajós em 1983.	49
Figura 6 - Meus boletins da 3ª e da 4ª séries na Escola Barão do Tapajós.	52
Figura 7 - Rock in Rio Lisboa, 2014.	53
Figura 8 - Boletim escolar da 1ª série do segundo grau.	60
Figura 9 - Registros de Lisboa, 2014, com Luís Fernando Veríssimo (à esquerda) e Zuenir Ventura (à direita).	67
Figura 10 - A - Registro da Turma de Letras 92. B - Ana Maziles Gama, eu, Aya Cristina Fideliz e Lucicleia Tavares, nessa ordem.	69
Figura 11 - Vestida de futurista para declamar <i>Lisbon Rvisited</i>	70
Figura 12 - Sexta cinco e meia. Santarém, 1994.	71
Figura 13 - Em cena na peça Comédias da vida privada – Santarém, 1995.	72
Figura 14 - Capa do Livro <i>Santarém Conta</i> , de Simões e Golder, 1995.	75
Figura 15 - Com a profa. Guilhermina Correa – Santarém, 1996.	76
Figura 16 - Atividades do projeto Alfabetização com Base Linguística – Santarém, 1997.	79
Figura 17 - Atividades do projeto Alfabetização com Base Linguística. Profa. Nancy e eu em evento sobre alfabetização em Santarém, 1999.	79
Figura 18 - Participação no II Congresso Paranaense de Alfabetização – Curitiba, 1997. À direita, com o prof. Luiz Percival Britto.	80
Figura 19 - Registros da Formatura da turma de Letras 92 da UFPA, <i>Campus</i> Santarém, em 1996. A - Foto para o álbum de formatura. B - Estão na foto: Profa. Guilhermina Correa (Nome da turma); Prof. Aldo Queiroz (Patrono); Profa. Ana Maria Vieira Silva (Paraninfa), eu e minha amiga Aya. C - Com o Prof. Leonel Mota. D - Família na cerimônia de outorga de grau. E - A oradora da turma.	81

Figura 20 - Registros do Mestrado em Letras, UFPA, 2000. A - Com Eliane Soares. B - Disciplina Morfologia, ministrada pela profa. Ana Suely Cabral, com a participação do prof. Aryon Rodrigues. C - Apresentação de trabalho na Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Profa. Célia Brito (de vermelho) com as orientadas de mestrado Sheila, Eneida e eu. D - Encerramento da disciplina Análise da Conversação. Prof. Joaquim Nepomuceno e as colegas de mestrado Eliane e Lúcia.....	89
Figura 21 - Registros do III Congresso Internacional da Abralín e XVI Instituto Internacional de Linguística, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2003. A - Com Maria Helena de Moura Neves. B - Com o linguista Talmy Givón. C - Com o linguista Paul Hopper.	93
Figura 22 - Exemplos do Corpus Mínimo de Textos Escritos em Língua Portuguesa – Comtelpo.....	98
Figura 23 - Banca de defesa de tese – Fortaleza, 2007.	104
Figura 24 - Com o prof. Mackenzie. Lisboa, 2014.	112
Figura 25 - Em sala de aula em Itaituba, 2001.....	119
Figura 26 - Registro da Aula Inaugural do Profletras/Ufopa – Santarém, 2015.	123
Figura 27 - Lançamento do 1º e-book do Grupo de Estudos em Funcionalismo – GEF/UFC.	127
Figura 28 - A primeira geração do Gelopa.	130
Figura 29 - A - Premiação de melhor trabalho de Iniciação Científica, discente Leydiane Lima – Santarém, 2013. B - A bolsista de iniciação científica Cássia Feleol recebendo o certificado de honra ao mérito pelo melhor trabalho de IC, na área de Letras, na X Jornada Acadêmica da Ufopa, 2022. C - Luênisson Mesquista, orientando do PPGL recebendo o certificado de honra ao mérito pelo melhor trabalho de Pós-graduação na X Jornada Acadêmica da Ufopa, 2022.	140
Figura 30 - A – Divulgação do I Congresso de Língua Portuguesa. B - Poeta Tiago de Melo – Santarém, 2008. C - Folder de divulgação do II Congresso de Língua Portuguesa, Santarém, 2010. D - Cartaz de divulgação do III Congresso de Língua Portuguesa, Santarém, 2012.....	151
Figura 31 - Cartazes de divulgação do II Seminário de Extensão do Gelopa (2011), do Curso de Extensão do Gelopa (2020) e do III Encontro de Estudos em Funcionalismo Linguístico (2021), nessa ordem.	153
Figura 32 - Cartazes de divulgação do II Simpósio Internacional Nós do Norte.	154
Figura 33 - Os quatro números da Revista Olho de Boto e o Lançamento do seu primeiro número.....	154
Figura 34 - Volumes I e II do Corpus de textos orais do português santareno (CTOPS).....	155
Figura 35 - Livro e CDs "Santarém dos anos 20 em anúncios, cartas e notícias".	156
Figura 36 - Comemoração dos 10 anos do Gelopa.	157

Figura 37 - Comemoração dos 15 anos do Gelopa, com a participação do Prof. Dr. Xoán Lagares (UFF) e o corte do bolo.	157
Figura 38 - Atividades culturais do Gelopa: A e B - Sonetos e canções. C - Vinhos e poemas.	158
Figura 39 - Com meu sobrinho e integrante do Gelopa, Breno Augusto.	159
Figura 40 - Alunos do <i>campus</i> de Santarém participando da I Jornadas Acadêmica, 2009.	160
Figura 41 - Gincana com alunos do ensino médio durante o Seminário de Iniciação Científica da Ufopa.	162
Figura 42 - Com a Profa Solange Ximenes.	165
Figura 43 - Equipe da Procce.	166
Figura 44 - Homenagens recebidas em rede social, de ex-alunos da turma de Letras 1999 – Itaituba.	169
Figura 45 - Placa recebida da turma de Letras 2003.	169

SUMÁRIO

1. ADVERTÊNCIA AOS LEITORES	15
2. EU, EDIENE PENA FERREIRA: NASCIDA DA PENA E DO FERRO	17
3. MEUS PRIMEIROS PASSOS	23
3.1 Lápis de giz	29
4. MINHA EXPERIÊNCIA LEITORA	33
5. A EDUCAÇÃO FORMAL	47
5.1 Barão do Tapajós	47
5.2 O Colégio São Raimundo Nonato	52
5.2.1 Fábula de Esopo	55
6. NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA	63
6.1 O dia em que encontrei o Gigolô das Palavras	65
7. É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO - MESTRADO	83
8. POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS	91
8.1 O Doutorado	91
8.2 Pós-doutorado	105
9. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: MINHAS EXPERIÊNCIAS	113
9.1 Experiência no ensino de graduação e pós-graduação	113

9.2 Pesquisa e Extensão: O Gelopa	126
9.2.1 Projetos de Pesquisa	131
9.2.2 Principais eventos promovidos pelo Gelopa	140
9.2.3 Produções	154
9.3 Experiências em gestão	159
10. PENA TALHADA NO FERRO	167
11. REFERÊNCIAS	171

1. ADVERTÊNCIA AOS LEITORES

Quando pensei em escrever este memorial, requisito para promoção de classe docente, fiquei em dúvida sobre o formato que o texto teria. Optei por escrever uma narrativa de experiência pessoal, onde narro as principais experiências vividas, responsáveis pela construção da profissional que sou hoje. Há, por certo, muitas lacunas, a memória já nos falha. As seções são curtas, de leitura simples, para não enfadar o leitor. É um texto catártico e sincero! Algumas situações narradas aqui podem ser consideradas estranhas ao leitor acostumado com textos com muita seriedade acadêmica. Preferi registrar no papel o que está registrado em minha memória, mesmo que, por vezes, pareça inapropriado à finalidade, mas se não o registrasse, este texto não me representaria.

2. EU, EDIENE PENA FERREIRA: NASCIDA DA PENA E DO FERRO

Sabiá lá na gaiola
fez um buraquinho
voou, voou, voou, voou
a menina que gostava
tanto do bichinho
chorou, chorou, chorou, chorou
Sabiá fugiu pro terreiro
foi cantar no abacateiro
a menina pôs-se a chamar
Vem cá, sabiá, vem cá
A menina diz soluçando
Sabiá, estou te esperando
Sabiá responde de lá
Não chore que eu vou voltar
(cantiga popular)

Essa cantiga infantil é a primeira lembrança que tenho de escola. Oficialmente, meus primeiros passos escolares foram dados, quando eu tinha por volta de 5 ou 6 anos de idade, na Escola de Educação Infantil Cinderela na cidade de Santarém, a oeste do estado do Pará. Mas a lembrança que tenho de escola é bem mais antiga. Minha mãe, Ana Pena Ferreira, foi professora primária, mas quando nasci, ela já exercia a profissão em casa, dando aulas particulares. Lembro de ver algumas crianças e/ou adolescentes chegarem com caderno na mão e, dentro do caderno, um lápis preto. Assistia enciumada à cena em que a minha mãe se transformava na professora de outras crianças. Às vezes, ela me dava um papel para rabiscar, assim eu também fingia ser uma de suas alunas, começando, na sala de uma humilde casa de madeira,

na Rua vinte e quatro de outubro, bairro da Aldeia, em Santarém, minha paixão por aprender.

Uma das minhas irmãs, também chamada Ana, inspirada no ofício de mamãe, começou a brincar de professora. Todos os dias ela marcava um horário, para me ensinar a escrever meu nome. Tarefa que a deixava irritada, porque eu fazia um monte de bolinhas, como resposta ao exercício que ela me passava. Em um caderno com folhas pautadas, ela escrevia meu nome, que deveria ser coberto, a lápis, por mim. Mas eu pegava o caderno e, nas extremidades, fazia bolinhas. Eu não faltava às aulas da nossa classe imaginária. Mas meu interesse era outro. Ela servia, durante o nosso recreio, uma deliciosa limonada, feita com limão apanhado na hora em nosso quintal amplo e arborizado. Eu gostava da limonada. Eu gostava de ir “para aula”, porque sabia que no recreio minha sede, que ainda não era de saber, seria saciada. E o recreio também me traria outra lembrança. Minha irmã me ensinava a cantar a cantiga que inicia este memorial. Um sabiá que fugia e deixava sua menina inconsolável. Eu sofria com o sofrimento da menina, mesmo que o sabiá dissesse que voltaria. Sentia um pesar pelo sabiá fujão. Às vezes sentia escorrer uma lágrima seguida de um tímido sorriso, o sabiá ia voltar e haveria um final feliz. Até hoje, quando me vem à mente a música do sabiá, uma melancolia enche minh’alma. Sem saber eu estava construindo meu conceito de escola: lugar de aprendizagem, emoções e acolhimento.

Com essas reminiscências começo a escrever este memorial que, se aprovado, me dará promoção da Classe D, professora associada IV, para a Classe E, Professora Titular. O título proposto a este memorial – “Nascida da Pena e do Ferro: de como as letras lapidaram minha história” – é sugestivo e descritivo. É sugestivo, porque faz remissão à rainha dos sete reinos da famosa série *Game of Thrones*, produzida pela HBO, baseada no livro *A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin. A rainha dos sete reinos, Daenerys Targaryen era descrita como a primeira de seu nome, nascida da tormenta, a não queimada, mãe dos dragões, quebradora das correntes, mãe dos escravos, Khaleesi dos Dothraki, Rainha de

Mereen, Rainha de Westeros, dos Ândalos, dos Raoinare. Essa descrição inspirou o título Nascida da Pena e do Ferro, que é descritivo, porque sou pena e ferro e sou formada em Letras. Sou Pena, porque este é meu sobrenome materno, que veio de Ana Pena Ferreira, que é nascida de Joana de Siqueira Pena, que herdou o sobrenome de João da Gama Pena, seu pai. Sou Ferro, porque sou Ferreira, meu sobrenome paterno, nascida de Azamor Teixeira Ferreira, nascido de Manoel Faustino Ferreira. Os dois sobrenomes representam a minha antítese, me completam e me descrevem. Tenha a suavidade da pena e a rigidez do ferro.

A palavra *pena* é um exemplo de homonímia. De acordo com Cunha (2010, p. 459), *pena* é uma palavra latina, cujo significado depende da sua origem. Assim, temos:

a) pena, do latim *poena -ae*, derivado do grego *póinē*, datada do século XIII, *pena* > p̃ea> pea> pena, significa castigo, punição sofrimento.

b) pena do latim *pīnna -ae*, datada do século XIII, *pīnna* > peña, significa rochedo, que dará penhasco.

c) pena, do latim *penna -ae* (*pinna -ae*), datada do século XIII, significa pluma.

Como sobrenome, há registros (SOBRENOME, [s.d.]) de que *Pena* tenha origem espanhola, *Peña* nomeia localidades em Oviedo, Albacete e Jaén, embora também seja encontrado em Portugal, em Ribeira de Pena. Há ainda a forma *Penna* de origem italiana, encontrado comumente em Piemonte. No Brasil, o sobrenome *Pena* está relacionado à imigração ibérica e italiana, datada do final do século XIX e início do século XX. Há ainda a possibilidade de o sobrenome ter se fixado no Brasil, porque indígenas passaram a ser batizados com sobrenomes espanhóis e portugueses.

A palavra *Ferreira* vem de *ferreiro*, palavra derivada da palavra *ferro*, também do latim *ferrum -i* e também datada do século XIII, de acordo com Cunha (2010). *Ferreiro* é aquele que trabalha com ferro, “metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte” (CUNHA, 2010, p. 290). *Ferreira* é um topônimo de origem castelhana, da vila Herreira, no reino de Castela, atual Espanha

(TRESPASH, [s.d.]). O sobrenome Ferreira é de origem portuguesa, tendo sido trazido para o Brasil Colônia. Há também a possibilidade de que os escravos africanos trazidos para o Brasil tenham sido batizados com sobrenome de seus senhores.

De forma que sou frágil como a pluma e sou forte como o ferro e o rochedo. Sou uma antítese, ao mesmo tempo frágil e forte, o motivo da minha fragilidade é, por vezes, o mesmo motivo da minha fortaleza. A fragilidade se revela fisicamente – sou uma mulher pequena, 1m50 e 52kg, – e socialmente, pertenço a um grupo socialmente minorizado, sou mulher! E sou do meio da Amazônia, sou do Norte do país, região que historicamente sempre recebeu pouco investimento governamental, se comparada com as regiões sul e sudeste, e vista com bastante preconceito. Os olhares exógenos romantizam a Amazônia e subestimam seus habitantes, sub-intelecualizando-os.

A fortaleza se revela porque carrego a herança de mulheres fortes e mulheres são fortes em sua essência. Herança de mulheres ribeirinhas, que plantavam roçado para sobrevivência, arrancavam do chão a raiz da mandioca, para fazer a farinha, o beiju (mais conhecido como beju) e extrair o tucupi. Mulheres que plantavam juta, criavam gado, porco e galinha. Mulheres que iam para mata cortar palha, e aproveitavam os dias chuvosos para “catar” essa palha, tingi-las com anilina e fazer chapéu, para vender aos turistas. Mulheres que caçavam para garantir o alimento da família. Mulheres que benziam para espantar o quebranto e os maus espíritos encantados da floresta. Tenho a herança da mulher amazônida, que é por natureza forte, resistente às intempéries da vida, assim com as árvores da Amazônia resistem às tempestades, às secas e às cheias.

Herança de homens fortes, que não escolhiam trabalho e de tudo faziam para o sustento da família. Homens de mãos calejadas pelo terçado e pela enxada. De ombros curvados pelo peso da estiva, das sacas de juta, de farinha, de laranja, de manga, que tiveram que carregar em troca de algumas moedas para aumentar

o orçamento familiar. Homens de ombros curvados, mas de olhar levantado pela altivez do caráter.

Fragilidade e fortaleza. Pena e Ferro. Antítese. Elementos que contrastam e se completam. Pena do lado materno, além da suavidade da pluma, também está relacionada à escrita. A pena de algumas aves foi instrumento de escrita, uma tradição iniciada no século VI e modernizada no século XVIII, quando surgiram as penas de metal (CANETA, [s.d.]). A imagem da pena do escritor acabou se tornando símbolo da arte de escrever. Minha mãe foi professora primária, a que ensinava as primeiras letras. Foi dela que herdei a paixão pela leitura e o gosto por ensinar. O trabalho intelectual herdei dela. A leitura performática dos poemas, a vontade de fazer teatro, a criação artística. Do meu pai, que fazia trabalhos braçais, tinha as mãos calejadas pelo punho do terçado e pela rudeza da vida cotidiana, herdei a força da resiliência, a persistência, a capacidade de transitar entre mundos bem diferentes e de me adaptar a cada um deles. Herdei a seriedade e o fino humor. Pena e Ferro estão na minha constituição. Isso me lembra aquela famosa frase atribuída a Ernesto Guevara de la Serna, o Che Guevara, “hay que endurecerse pero sin perder la ternura”. Além da dureza e da ternura, também sou o que minha região me permite ser.

Figura 1 - Meu pai (Azamor Teixeira Ferreira) e minha mãe (Ana Pena Ferreira).



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sou de uma região onde o rio é mar. Onde tem encanto. Onde o boto, em noite de lua cheia, vem dançar com as raparigas. Onde se faz Piracaia na praia. Onde dois rios se encontram, mas não se misturam. Onde as águas barrentas e violentas dos rios passam derrubando barrancos, mas as árvores resistem, mesmo com as raízes de fora. Sou da Amazônia. Sou de onde resistir não é opção. É obrigação. Talvez resistência seja a melhor definição para a mulher amazônida. É o percurso de resistência e de resiliência de uma mulher ribeirinha que será apresentado neste memorial.

A canção que será cantada aqui não é de gelo e de fogo (*A song of Ice and fire*), será de pena e de ferro!

Figura 2 - Mãe, irmãs e irmãos

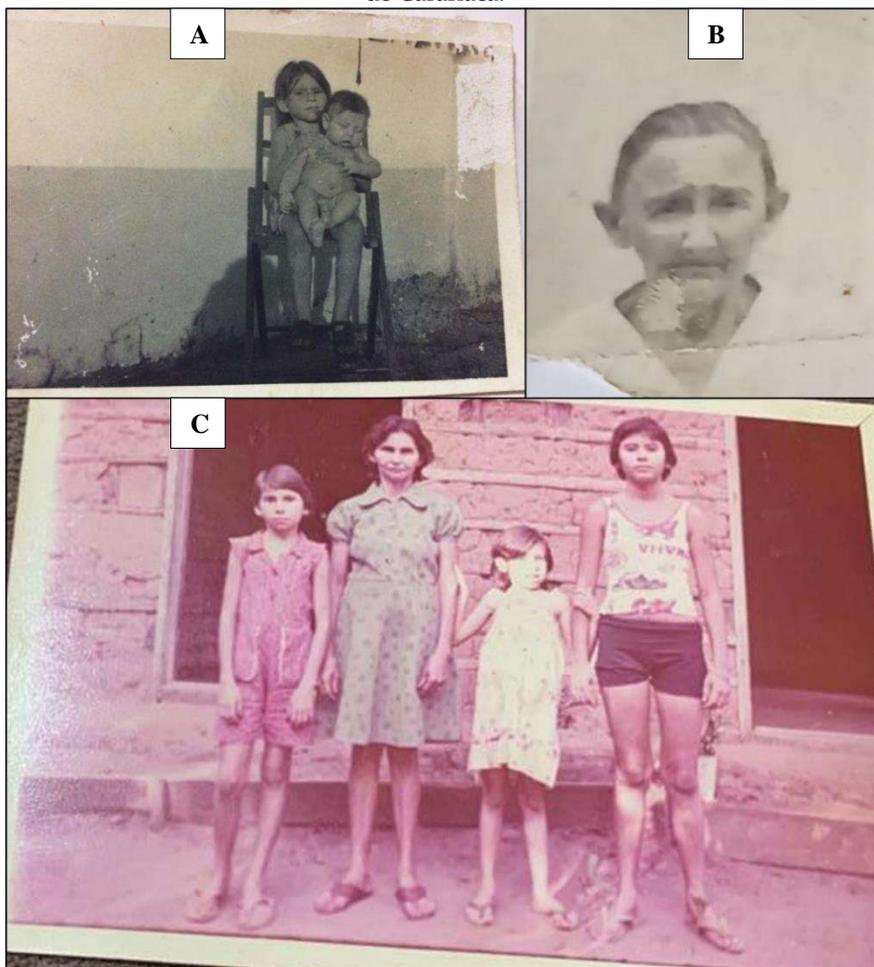


Fonte: Arquivo pessoal.

3. MEUS PRIMEIROS PASSOS

Nasci às onze horas do dia vinte e seis de junho de mil novecentos e setenta e quatro na comunidade ribeirinha de Carariacá. Um pequeno vilarejo que fica localizado às margens do canal do Jari, entre os rios Amazonas e Arapiuns, no distrito de Arapixuna. Sou filha de Ana Pena Ferreira e Azamor Teixeira Ferreira, a caçula de uma família de oito filhos (Maria de Fátima, Raimundo, Cristovam, Francisca, Ana, Salete e Margarida). Fui uma criança branquinha, magrinha, pequeninha, doentia, curada com muita reza, banho de folha de ateira, vindicá e uriza, e benzida com folha de vassourinha.

Figura 2 - A) Minha irmã Margarida e eu (1974). **B)** Minha avó materna, Joana de Siqueira Pena. **C)** Em sentido horário, minha irmã Margarida, minha mãe, eu e minha irmã Salete, em frente à casa onde passávamos as férias na comunidade de Carariacá.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Minha família migrou para Santarém quando eu tinha um ano de idade, em busca de melhores condições de vida. No Carariacá ficaram minha avó materna, Joana de Siqueira Pena, meu tio Raimundo Nonato e o cachorro Guarany.

As férias de janeiro e de julho eram ansiosamente esperadas, para voltarmos ao Carariacá e vermos nossa vizinha. Lembro do abraço acolhedor e do olhar feliz com o qual ela nos recebia e do coração apertado quando tínhamos que retornar. Nós sempre levávamos um presente para ela. Um pente, um sabonete e às vezes um tecido pra ela fazer uma roupa. Lembro que a vovó só usava saia longa e camisa de mangas compridas. Os tecidos eram de algodão, sempre coloridos. Ela era uma velhinha baixinha, corcunda, de olhos pequenos e azuis, pés igualmente pequenos e com joanetes, que me ficaram de herança.

Quando aprendi a ler e a escrever, cheguei ao sítio contando essa novidade para ela. Disse-lhe que ia lhe ensinar também. Começamos a lição, mas ela não tinha mais paciência para aprender o alfabeto e sempre me dizia: “Ah, minha filha, papagaio velho não aprende mais a falar”. Tinha vontade que ela fosse morar conosco em Santarém, mas ela nunca quis deixar a terra dela. Morreu, numa manhã do dia 25 de março de 1987, aos 97 anos, como um passarinho que bate as asas e voa em direção ao céu. Depois da morte da vovó, voltar para o sítio já não tinha o mesmo encanto. Nossas idas ficaram cada vez mais raras.

A comunidade ribeirinha de Carariacá era por nós chamada de sítio da vovó. O sítio tinha árvores frutíferas, seringueiras e área de aningal, estradas de terra batida e casas de barro cobertas de palha. A viagem até lá era feita de barco e levava em torno de 2 a 3 horas para chegar. Na época de seca, mês de julho, o barco pegava um atalho, que era pra mim simplesmente a paisagem amazônica mais bonita que meus olhos infantis já tinham visto. Era o sururu, um estreito canal, com águas plácidas e muitas árvores nas margens. O barco passava tão lento e tão próximo às margens que, na minha imaginação, podíamos tocar as águas, as árvores e as casas que raramente apareciam, com o simples espalmar das mãos.

Embora gostasse do ambiente rural, nunca aproveitei as férias me jogando no rio nem subindo às árvores, como a maioria das crianças da minha idade fazia. O excesso de natureza provoca em mim estranhas sensações. É como se as águas quisessem me tragar,

e as árvores escondessem mistérios, que eu tinha medo de desvendar.

Eu preferia fazer algo inusitado para uma criança na minha idade. Gostava de descobrir o que havia no pequeno quarto da minha avó e do meu tio. Livros antigos, molduras de quadro e imagens religiosas pintadas em pano rasgado pelo tempo, restos de roupas antigas. Lembro de um pedaço de pano roxo com folhos brancos, que minha avó dizia ser parte da roupa de sacristão do pai dela, João da Gama Pena. Lembro de uma imagem da Nossa Senhora do Carmo, pintada em um pano marrom escuro e já amarelado pelo tempo. Diante desse quadro, minha avó, com voz rouca e fraca, sempre cantava no dia 16 de julho:

Oh, virgem do Carmo
vós não permitais
que eu viva nem morra em pecado mortal.
Em pecado mortal
não havemos de morrer
A virgem do Carmo
nos há de valer.

Mas minha grande descoberta estava numa maleta de ferro, antiga e pesada. Dentro dela encontrei um mundo inteiramente novo e para mim totalmente desconhecido. Encontrei exemplares de uma antiga revista brasileira chamada *O Cruzeiro*. A Revista *O Cruzeiro* foi fundada por Assis Chateaubriand e lançada no Rio de Janeiro nos anos 20. Sua última edição foi em 1975. Os exemplares que encontrei na mala eram da década de 40 e de 50. Fiz uma viagem no tempo. Nas páginas coloridas da revista li uma reportagem sobre o casamento de Mário Jorge Lobo Zagallo. Sempre gostei de futebol e já o conhecia como treinador. A reportagem mostrava um jogador novinho ao lado de uma mulher vestida de noiva, acima da foto com letras graúdas lia-se o título: *O melhor goal de Zagallo*. Bem antes de estudar metaplasmos, de entender que línguas mudam com o passar do tempo e que a etimologia nos ajuda a entender a grafia das palavras, entendi que,

por ser uma revista dos anos 50, a grafia era diferente. Eu simplesmente amava a revista. Não sei dizer do que gostava mais, se das estrelas de cinema, das imagens paradisíacas de lugares que queria conhecer, das mansões luxuosas dos artistas ou dos títulos das reportagens.

Eu viajava nas páginas dessa revista, conheci artistas de Hollywood, vi o encontro entre Marilyn Monroe e Gina Lollobrigida, dois ícones do cinema mundial. Conheci Rita Hayworth. Lembro-me de uma reportagem que apresentava Rita se espreguiçando numa cama luxuosa com o título: *Entre sedas e coxins desperta uma estrela*. Eu sonhava em viajar pelos lugares que eu via na revista: Rio de Janeiro, Paris, Londres, Nova York. Eu também queria ser uma estrela de cinema.

Nas páginas da revista conheci Ilabela, soube que Martha Rocha foi eleita Miss Brasil, mas que perdeu o título de Miss Universo por ter algumas polegadas a mais no quadril. Conheci o personagem Amigo da Onça – amava os quadrinhos nos quais ele aparecia desmascarando outros personagens e colocando-os em situações embaraçosas. Soube da existência do sabonete Lever e de um famoso perfume chamado Chanel nº 5 e que duas gotinhas dele eram a única coisa que Marilyn Monroe usava para dormir. Conheci as Cantoras do Rádio numa reportagem que trazia Emilinha Borba como a rainha de 100 mil faixas.

Essa era a minha diversão nas férias, além de brincar de professora num quadro negro que havia na sala de casa no Carariacá, lembranças da época em que minha mãe dava aula. Pisar à terra, subir às árvores, nadar no rio, brincar de pira, nada disso marcou minha infância. O que eu gostava mesmo era de mergulhar nas páginas da Revista *O Cruzeiro*. Atitude estranha para uma criança na faixa de 7 a 12 anos. Mas era disso que gostava. Talvez isso explique uma frase que, certo dia, uma colega de colégio escreveu na minha borracha: “Ediene, uma menina esquisitona”.

Mas minha história começa bem antes. Reproduzo aqui parte do livro de memórias “As faces de Ana”, escrito em homenagem aos 90 anos de minha mãe. Assim o faço, porque sei que minha

história foi traçada bem antes de eu nascer. O ano era 1938 e a história é contada por minha mãe:

Como disse, anteriormente, Carariacá é uma típica vila no interior da Amazônia. Na época que eu lá vivi, não havia energia elétrica – nos valíamos do bom e velho candeeiro – nem água encanada, tínhamos que ir ao porto buscar água em baldes ou, os mais valentes, em latas de 20 litros.

Na vila não havia escolas, mas havia quem quisesse aprender. O governo estadual, na década de 30 do século passado, encaminhava algumas professoras desbravadoras, para ensinar as primeiras letras. Era o máximo de aprendizagem permitida aos caboclos. Saber assinar o nome já era uma grande conquista. Afinal, o governo precisava de eleitores.

As famílias que tinham algumas posses, ou seja, um bom roçado, que lhes rendessem umas boas sacas de farinha, ou um campo de juta, poderiam se responsabilizar pela educação dos filhos, mandando-os para Santarém. Infelizmente não era a minha realidade, mas estudar estava no meu destino. Então o universo conspira para que as tramas do destino se teçam e ele se realize.

Um dia, chegou ao Carariacá uma professora chamada Aparícia Costa. Mamãe mandou Vicente, Nonato e eu, para aprendermos o alfabeto com ela. As aulas eram ministradas em casas, por não haver um espaço próprio destinado ao ensino. Eu não sabia, mas aquela professora viria a ser minha fada madrinha. Ela gostou de mim. Lembro (lembro mesmo ou isso foi-me contado pela minha mãe?) que um dia ela pediu a minha mãe, pra eu passar uns dias na casa em que ela morava.

O período letivo acabara, a professora Aparícia voltaria para Santarém, mas já não voltaria sozinha. Ela falou com a minha mãe sobre possibilidade de eu ir estudar na cidade (sim, é assim que nos referimos a Santarém, cidade. Apenas cidade). Moraria com ela em Santarém, caso eu me adaptasse à vida na cidade, ficaria para estudar.

Foi uma decisão muito difícil para minha mãe. Eu tinha apenas 8 anos, era única filha, que poderia ajudar nos serviços domésticos, e estudar não era algo comum na família. Além disso, as viagens para Santarém eram extremamente difíceis. Não havia barco. A travessia do rio Amazonas era feita à canoa. E eu tinha um medo danado de andar de canoa. A maresia me causava enjoos. Minha mãe pensou em tudo isso. Nas dificuldades, na distância, na saudade, no trabalho que deveria ser dobrado, para me sustentar estando longe dela. Ela tinha todos os motivos para dizer não. Mas disse sim. Sim. Contrariando a tudo e a todos. O sim, igual ao de Maria que mudou a história da humanidade, mudou a minha história e a história da minha família.

Às vezes, fecho os olhos e me pergunto, se ela tivesse dito não, como teria sido minha vida e a vida dos meus filhos? Minha mãe não teve apoio da família nessa difícil decisão. Quando meu tio João Pena, irmão dela, chegou a nossa casa, eu já havia partido. Com o coração apertado, em busca de conforto, mamãe falou com voz embargada:

__ A Ana já foi.

Friamente, meu tio respondeu:

__ Já foi, já foi!

Fecho os olhos novamente e revivo a minha vinda para Santarém. (PENA-FERREIRA, 2021, p. 15-16).

A decisão da minha avó em mandar minha mãe, aos oito anos, estudar em Santarém, selou o meu destino. Com a simplicidade de uma mulher da roça, viúva e analfabeta, minha avó teve a sabedoria de deixar, por meio de suor e lágrimas, a educação como herança aos seus filhos, traçando assim uma nova história para seus netos. Sou extremamente grata a ela. A ela e a todas as mulheres que me antecederam, que abriram caminhos para eu ser o que sou hoje.

2.1 Lápis de giz

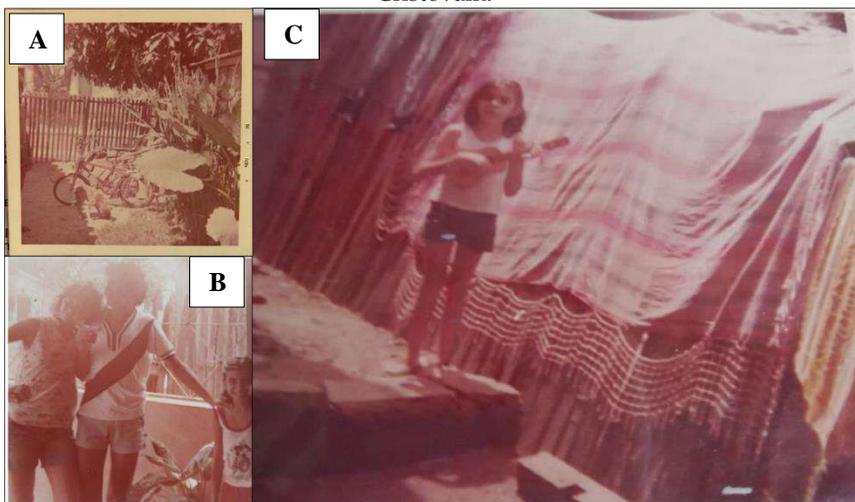
A sala era ampla, com cheiro de pintura recente, tinha uma mesa retangular ao centro, as cadeiras de madeira rodeavam-na. Nas paredes havia armários. Mas o que mais me chamava atenção era a temperatura, a sala era geladinha. Até hoje posso sentir o gelado da sala matando o calor dos dias de verão na cidade de Santarém. Era a primeira vez que tinha essa sensação. Aparelho de ar condicionado não fazia parte da minha realidade. Nem podia imaginar que existia uma sala confortavelmente gelada. Essa era a sala de professores da recém-inaugurada Escola Estadual de Ensino Médio Felisbello Jaguar Sussuarana. A escola recebeu o nome em homenagem a um dos grandes poetas e escritores de Santarém. Localizada no bairro da Aldeia, na rua Silvério Sirotheau, que na época se chamava Benjamim Constant, Felisbello – como passou a ser chamada – foi inaugurada no dia 15 de março

de 1981, pelo então governador Coronel Alacid da Silva Nunes e pelo Secretário de Educação, Dr. Dionísio Hage.

A escola ficava pertinho de casa onde eu morava e ficava ao lado da escola Barão do Tapajós, onde comecei, pra valer, minha vida escolar. Eu tinha 6 anos e lembro de ir, aos sábados, não sei exatamente por que motivo, com minhas irmãs, à escola Felisbelo, visitar meu pai que era vigia da escola. Meu pai nos apresentava a nova escola como um lugar mágico. Mas a recordação mais forte que tenho era de ele pegar uma das chaves de um molho pesado, que carregava na cintura e abrir a sala dos professores. É como se eu me transportasse para outro mundo: o ar gelado, a tinta fresca, os armários e a mesa retangular. Sobre a mesa havia algumas cadernetas, alguns papeis e uma caixa pequena, de madeira, em formato retangular e dentro dela havia um sonho: lápis de giz coloridos! Nessa idade eu já ia para escola Cinderela e já conhecia, o pra mim fascinante, lápis de giz, mas não conhecia os coloridos. Meu pai percebendo a minha admiração me orientou a não mexer em nada, escola para nós era um lugar sagrado, onde se falava baixo, e em nada se tocava, para não perder, como por um passe de mágica, o encanto que tudo ali nos exercia.

Voltei para casa fascinada. Morávamos numa casa alugada na Rua vinte e quatro de outubro. A casa era de madeira, sem nenhum luxo, onde meu pai, minha mãe, eu e meus sete irmãos – dois meninos e cinco meninas – nos apinhávamos nos poucos cômodos da residência. Não tenho muita recordação dessa casa, só lembro que a casa pequena contrastava com o quintal. Era imenso, cheio de árvores frutíferas, onde circulam nossos cachorros e nossas galinhas. Do quintal tenho memórias afetivas e gustativas.

Figura 3 - A) A bicicleta. B) Eu, com meus irmãos Francisca e Cristóvam. C) Eu aos 9 anos, com um cavaquinho que ganhei de presente do meu irmão Cristóvam.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Minha irmã Salete, adolescente na época em que eu era criança, na ausência do meu irmão, pegava a bicicleta dele, uma monark vermelha e ficava treinando no nosso quintal espaçoso. Segura de suas habilidades, ela resolveu colocar à prova sua capacidade de conduzir a bicicleta, e me colocou no bagageiro. Era muito comum as bicicletas antigas terem bagageiro, comparado à garupa da moto. Um pouco receosa, me posicionei para o início da aventura. A bicicleta começou a se movimentar de forma sinuosa, como uma cobra deslizando na areia. Minha irmã aumentou a velocidade, o vento balançava meus cabelos finos e longos, e o medo foi tomando conta do meu pequeno e frágil corpo. Quanto mais a bicicleta passeava pelo quintal, contornando as árvores, mais meu desespero aumentava. Comecei a gritar pedindo para que minha irmã freasse. Mas na época, não conseguia produzir os encontros consonantais e o que gritei se tornou por muito tempo uma frase famosa e repetida na família:

__ Salete, feia! Salete, feia! Salete, feia!

A memória gustativa do quintal me é trazida por um fruto. Como já mencionado, o quintal era grande e cheio de árvores. Havia açazeiro, mangueira, bananeira e uma frondosa árvore bem no fundo do quintal, que produzia uma fruta típica da região amazônica do Brasil: *Pouteria macrophylla*, ou simplesmente cutite.

O fruto tem um sabor doce e levemente ácido, é de cor amarela e polpudo. Não sei por que, mas de todos os sabores da minha infância, o mais marcante é o sabor da cutite. Em 1983, nos mudamos de casa, desde então não tive por hábito comer cutite, mas a lembrança ficou.

Essa digressão foi feita para mostrar um pouco do ambiente simples e acolhedor em que eu vivia, do qual me desligava quando me deparava com pessoas, coisas, situações que me faziam sonhar e viajar por mundos distantes. Uma das situações está relacionada àquela sala de professores que abre esta seção. Um dia, meu pai voltou do trabalho e me entregou um embrulho feito com uma folha branca de papel A4. Abri curiosa o embrulho e vi que eram lápis de giz coloridos, iguaizinhos aqueles que vi sobre a mesa. Lápis rosa, azul, amarelo! Fiquei radiante! E passei a brincar de professora, riscando as paredes de madeira envelhecida de minha casa com meu giz colorido. A situação se repetia frequentemente. Esperava ansiosa que meu pai voltasse do trabalho com o embrulho branco trazendo dentro dele os lápis que desenharam meu futuro.

3. MINHA EXPERIÊNCIA LEITORA

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só pra depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardava o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante. (LISPECTOR, 1971).

Aprendi a ler em casa. A imagem que tenho quando penso em leitura é a de minha mãe com um livro aberto. Ela estava (e ainda continua) sempre lendo! Minha infância foi cercada por livros. Da casa humilde em que morava na infância, a lembrança mais forte é a de uma estante de fórmica amarela, com três prateleiras grandes e quatro menores, onde os livros eram cuidadosamente arrumados. Mamãe foi professora primária na comunidade em que nasceu. Minha irmã mais velha, Fátima, também era professora e sempre trazia para casa muitos livros. Os didáticos que ganhava das editoras, os de histórias infantis e de literatura, que ela comprava.

Não sei exatamente quando comecei a ler, mas me lembro de um livro grosso de capa dura, com imagens e textos que ainda não conseguia decodificar. Passava horas olhando as imagens, eram patos que falavam, vestiam roupas e se comportavam como gente. Tempos depois fiquei sabendo que pertenciam a uma família muito conhecida das histórias em quadrinho. Eram Tio Patinhas, Pato

Donald e seus sobrinhos, Huguinho, Zezinho e Luizinho. Ah, e a Pata Margarida. Olhava para as diversas situações pelas quais esses personagens passavam e eu mesma inventava a história, já que não conseguia entender o que aquelas letras pretas impressas no papel queriam me contar.

“Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. (...) De casa em casa, eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois decifrando palavras” (BOJUNGA, 2004, p. 8). Esse trecho não foi escrito por mim, mas bem que poderia ter sido, de tanto que me define. É de Lygia Bojunga, que conheci na graduação em Letras. *Livro – um encontro* é uma daquelas obras para as quais eu sempre volto, tamanha minha identificação com o que está escrito em suas páginas.

Sempre fui uma criança tímida e solitária. Embora sempre estivesse cercada por gente, pois minha família era grande, eu gostava mesmo era da companhia dos livros. Lembro de alguns livros que foram muito importantes para minha formação de leitora. O primeiro deles foi o livro de Jorge Amado, *O gato malhado e a andorinha Sinhá*. É um livro infanto-juvenil, que conta a história de um amor impossível entre um gato mau e uma adorável andorinha. “Porque – eu vos digo – temos olhos de ver e olhos de não ver, depende do estado do coração de cada um” (AMADO, 1976, p. 10). Minha torcida era para que o amor entre animais de espécies diferentes pudesse se realizar.

Como disse, na sala da minha humilde casa havia uma estante cheia de livros. Um deles era uma coleção de bolso, em formato pequeno, da minha irmã Francisca, com poesias de Castro Alves. Lembro de folheá-lo e de gostar das rimas, que na época eu não sabia que assim se chamavam. Havia um poema em especial que eu lia e me dava uma vontade imensa de chorar, porque contava a história de uma órfã. O poema é reproduzido aqui:

A órfã na sepultura

Minha mãe, a noite é fria,
Desce a neblina sombria,
Geme o riacho no val
E a bananeira farfalha,
Como o som de uma mortalha
Que rasga o gênio do mal.
Não vês que noite cerrada?
Ouviste essa gargalhada
Na mata escura? ai de mim!
Mãe, ó mãe, tremo de medo.
Oh! quando enfim teu segredo,
Teu segredo terá fim?
Foi ontem que à Ave-Maria
O sino da freguesia,
Me fez tanto soluçar.
Foi ontem que te calaste...
Dormiste... os olhos fechaste...
Nem me fizeste rezar! ...
Sentei-me junto ao teu leito,
'Stava tão frio o teu peito,
Que eu fui o fogo atizar.
Parece que então me viste
Porque dormindo sorriste
Como uma santa no altar.
Depois o fogo apagou-se,
Tudo no quarto calou-se,
E eu também calei-me então.
Somente acesa uma vela
Triste, de cera amarela,
Tremia na escuridão.
Apenas nascera o dia,
À voz do maridedia
Saltei contente de pé.
Cantavam os passarinhos
Que fabricavam seus ninhos
No telhado de sapé.
Porém tu, por que dormias,
Por que já não me dizias
"Filha do meu coração?"
'Stavas aflita comigo?
Mãe, abracei-me contigo,

Pedi-te embalde perdão...
Chorei muito! ai triste vida!
Chorei muito, arrependida
Do que talvez fiz a ti.
Depois rezei ajoelhada
A reza da madrugada
Que tantas vezes te ouvi:
"Senhor Deus, que após a noite
"Mandas a luz do arrebol,
"Que vestes a esfarrapada
"Com o manto rico do sol,
"Tu que dás à flor o orvalho,
"Às aves o céu e o ar,
"Que dás as frutas ao galho,
"Ao desgraçado o chorar;
"Que desfias diamantes
"Em cada raio de luz,
"Que espalhas flores de estrelas
"Do céu nos campos azuis;
"Senhor Deus, tu que perdoas
"A toda alma que chorou,
"Como a clícia das lagoas,
"Que a água da chuva lavou;
"Faze da alma da inocente
"O ninho do teu amor,
"Verte o orvalho da virtude
"Na minha pequena flor.
"Que minha filha algum dia
"Eu veja livre e feliz! ...
"Ó Santa Virgem Maria,
"Sê mãe da pobre infeliz."
Inda lembras-te! dizias,
Sempre que a reza me ouvias
Em prantos de a sufocar:
"Ai! têm orvalhos as flores,
"Tu, filha dos meus amores,
"Tens o orvalho do chorar".
Mas hoje sempre sisuda
Me ouviste... ficaste muda,
Sorrindo não sei pra quem.
Quase então que eu tive medo...
Parecia que um segredo

Dizias baixinho a alguém.
Depois... depois... me arrastaram...
Depois... sim... te carregaram
P'ra vir te esconder aqui.
Eu sozinha lá na sala...
'Stava tão triste a senzala...
Mãe, para ver-te eu fugi...
E agora, ó Deus!... se te chamo
Não me respondes!... se clamo,
Respondem-me os ventos suis...
No leito onde a rosa medra
Tu tens por lençol a pedra,
Por travesseiro uma cruz.
É muito estreito esse leito?
Que importa? abre-me teu peito
— Ninho infinito de amor.
— Palmeira — quero-te a sombra.
— Terra — dá-me a tua alfombra.
— Santo fogo — o teu calor.
Mãe, minha voz já me assusta...
Alguém na floresta adusta
Repete os soluços meus.
Sacode a terra... desperta!...
Ou dá-me a mesma coberta'
Minha mãe... meu céu... meu Deus...(ALVES, 1883)

Descobri que gostava de poesia! Gostava da sonoridade, do ritmo. Gostava de declamar em voz alta, de representar o que lia. Tinha boa memória. Lembro de decorar o poema de Vicente de Carvalho: A fonte e a flor.

Deixa-me, fonte!" Dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria
Cantava, levando a flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!"
Dizia a flor a chorar:
"Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar."

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.

“Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu;
Ai, claras gotas de orvalho
Caídas do azul do céu!...”

Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flor.

“Adeus, sombra das ramadas,
Cantigas do rouxinol;
Ai, festa das madrugadas,
Doçuras do pôr do sol;

Carícias das brisas leves
Que abrem rasgões de luar...
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!”

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor...
(CARVALHO, 1908)

A declamação de poesia sempre fez parte da minha história. Quando eu era criança, lembro que minha irmã Fátima viajava bastante para estudar. Em seu retorno, minha irmã Ana me preparava para recebê-la. Ana me arrumava, colocava uns colares coloridos em mim (lembro bem de um colar longo, de pérolas verdes, que dava muitas voltas no meu pescoço) e me punha em cima de uma mesa para eu declamar poemas. Esse ritual me acompanhou ao longo da minha vida escolar. Em datas

comemorativas, lá estava eu no palco da escola fazendo minha performance.

Como se percebe, o amor pela literatura começou cedo. Os textos literários, bem antes do curso de Letras, já faziam parte do meu dia a dia. Trago, para mostrar a importância da literatura, a reflexão de Britto (2015, p. 53-54):

Para que serve a literatura?

Para nada. E para tudo.

A literatura não presta para nada. A poesia, o romance, o conto, a crônica, as narrativas fantásticas e as de cotidiano, as histórias e fatos que não aconteceram e que podiam, ou podem acontecer – a literatura não forma nem conforta os espíritos, não salva nem consola, não ensina nem estimula. Enfim não se presta muito para coisas práticas e aplicadas. Não produz realidades mensuráveis e negociáveis.

A literatura presta para tudo. O texto literário é um convite a uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício. É simples pôr-se em movimento, para sentir-se existir num tempo suspenso na história, um tempo em que a pessoa faz somente para si, para ser, um tempo de indagação e contemplação, de êxtase e sofrimento, de amor e angústia, de alívio e esperança diante de tudo uma só vez e para sempre. Nele a gente se forma e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina a viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente intangíveis.

A literatura na minha trajetória, não só acadêmica, tem exatamente este papel, o de me “por em movimento e me fazer sentir existir no tempo”. Se me tirassem os livros que li, com a importância que tiveram na minha vida, pouca coisa restaria de mim. E novamente me valho de Britto (2010, p. 63), para quem “ler não é um prazer, apesar de poder lê-lo”. Muitas leituras foram para mim prazerosas, mas a importância delas é imensamente maior que o prazer. A leitura do texto literário é uma forma de humanização do sujeito. O tornar-se humano não deve ser utilizado apenas na acepção positiva da palavra. Ser humano é ser amável, afável, compreensivo, altruísta, benévolo, mas não é só isso! Ser humano também é ser cruel, mesquinho, vingativo, maquiavélico. Sim, a literatura me tornou humana em toda complexidade do tornar-se

humano pode abarcar. Tornar-se humano dói, conhecer-se é um processo dolorido, assim como crescer. A leitura literária me propiciou tudo isso. As páginas dos livros me proporcionaram alegria e tristeza, encanto e desencanto, pesar e prazer. Lembro dessas sensações quando comecei a ler os livros de contos de fada.

Havia uma coleção maravilhosa, comprada por minha irmã mais velha, de histórias adaptadas das obras de Charles Perrault, Hans Christian Andersen, Carlo Collodi, Joseph Jacobs e dos irmãos Grimm. Eram livros de capa dura e colorida, compridos, mas pouco volumosos. As letras eram grandes e havia várias imagens coloridas que descreviam as estórias. Foi assim que mergulhei no universo do *Gato de Botas*, do *Patinho Feio*, do *Pequeno Polegar*, do *Pinóquio*, dos *Três Porquinhos*, da *Bela e a Fera*, da *Cinderela*, da *Bela Adormecida*, da *Branca de neve e os sete anões*, da *Chapeuzinho Vermelho*, da *Rapunzel*.

Aprendi muito de esperteza com o *Gato de Botas*. Entendi, com o *Patinho Feio*, a necessidade de aceitação e de acolhimento. *Pinóquio* me ensinou que nem sempre falamos a verdade e que isso pode ser bastante perigoso. *Cinderela* me ensinou que a inveja é extremamente destrutiva e a *Branca de neve* me mostrou o valor da amizade. De todas as histórias a que mais me tornava humana era a estória do *Patinho Feio*. Com ele aprendi muito sobre crueldade, desprezo, tristeza e redenção. Quando meus sobrinhos nasceram, eu adorava contar essas histórias para eles. Em especial a do *Patinho Feio*.

Na adolescência descobri o bruxo do Cosme Velho. Machado de Assis entrou na minha casa numa coleção luxuosa, de capa dura e amarela. Eram os clássicos da literatura. Dessa coleção, me lembro bem de duas obras. Uma da literatura brasileira e outra da literatura estrangeira. Eram *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Rotterdam. Comecei por Machado de Assis (1899):

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que, depois de conversar um pouco, começou a recitar-me versos. eu, como estava cansado, fechei os olhos três

ou quatro vezes: ele se interrompeu e ficou amuado. No outro dia, acabou alcunhando-me de Dom Casmurro, e a alcunha pegou. Como não achei melhor título para a narração, vai este mesmo. O meu poeta do trem ficará sabendo que não lhe guardo rancor.

Foi assim que Machado de Assis se apresentou para mim. Quando li as primeiras linhas do romance, fiquei sem entender o que seria casmurro. Não me ocorreu procurar no dicionário, livro – diga-se de passagem – que estava sempre comigo. Fiquei curiosa e encantada com a narrativa que fui adiante com leitura e somente ao final do texto, pude entender o significado. Machado tem a capacidade de falar conosco ao pé do ouvido. Era essa sensação que tinha ao ler a obra. O autor estava do meu lado, quase sentia sua respiração e era sua voz que ouvia ao ler o título dos capítulos. Sim, os títulos dos capítulos eram uma atração à parte. Os que mais me chamaram atenção e dos quais me lembro de vez em quando, em situações bastante ordinárias, listo aqui:

- *Um dever amaríssimo*. Não preciso dizer que o que chamou a atenção da leitora adolescente foi o superlativo *amaríssimo*. A princípio pensei que estivesse relacionado a *amar*. Só depois entendi que *amaríssimo* é o adjetivo superlativo de amargo.

- *O agregado*. Outra palavra que Machado de Assis me ensinou. Gosto de utilizá-la no meu dia a dia.

- *O penteado*. Pra mim é o capítulo mais bonito da obra. Bonito e sinestésico. Quase podia sentir nas mãos os cabelos volumosos de Capitu e o coração acelerado de Bentinho.

- *Abane a cabeça, leitor*. Achava surpreendente a forma como Machado envolvia o leitor na história.

- *Tu serás feliz, Bentinho*. Isso pra mim era um mantra.

Li outras obras de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *O Alienista* e *Outros contos maravilhosos!!!* Mas nunca superei o casal Capitu e Bentinho, a suposta traição e o suposto triângulo formado com Escobar.

Outro livro da coleção *Clássicos da Literatura* foi *Elogio da Loucura*. O li quando tinha catorze anos. Raríssimas pessoas com quem converso, conhecem ou já leram a obra. Quando as encontro gosto de compartilhar minhas impressões. Um fato curioso: eu tinha por volta de catorze anos quando li o livro, morava na mesma rua que eu uma jovem mulher, com uma avó e duas filhas pequenas. Mãe solteira, os vizinhos pouco falavam com ela. Mas eu criei um profundo carinho pela avó da minha vizinha e de vez em quando eu ia à casa dela. Certo dia, vi que minha vizinha estava lendo um livro que me chamou atenção, era *O profeta*, de Khalil Gibran. Eu queria o livro emprestado, mas não sabia como pedir. Então usei um trufo, a minha carta na manga. *Você sabia que eu tenho o livro Elogio da Loucura, de Erasmo de Rotterdam?* Ela me olhou assustada como se não acreditasse que uma adolescente franzina tivesse um clássico daqueles. Era a moeda de troca que eu queria. Emprestei a ela Rotterdam, ela me emprestou Gibran.

O gosto pelos clássicos me fez, ainda na adolescência, ler William Shakespeare. Assim fui transportada para Verona do século XVI nas páginas de *Romeu e Julieta*. Mas confesso que meu casal sofredor preferido é *Tristão e Isolda*.

Minha fome por leitura era tanta que eu lia os livros didáticos que minha irmã trazia para casa. Foi no livro didático de português que li um capítulo de *Iracema*, romance escrito no século XIX por José de Alencar. Eu simplesmente fiquei fascinada pela descrição apresentada pelo autor da *virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que o tale da palmeira*. Desde aquele dia, passei a ter dois objetivos na vida: 1º) ler a obra completa; 2º) pintar meus cabelos, que tinham cor de mel, de preto asa da graúna. O primeiro objetivo só consegui quando já estava na graduação em Letras. O segundo foi mais fácil, uma amiga da minha mãe se encarregou da transformação. O resultado, querido leitor, pode ser comprovado abaixo:

Figura 4 - Estão na foto minha irmã Salete, meu sobrinho Angel, que se tornou Flamengo, quando começou a entender melhor a vida, e eu com cabelos da cor da asa da graúna.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Foi o livro didático que me apresentou grandes nomes da Música Popular Brasileira. Lembro de uma seção em um dos livros didáticos, que eu não cansava de folhear, cujo título era *A poesia que virou canção*. Essa seção me apresentou Chico Buarque (*Construção e Cálice*), Gilberto Gil (*Domingo no parque*), Zé Rodrix (*Casa no campo*), Moraes Moreira e Fausto Nilo (*Pão e poesia*), Geraldo Vandré (*Pra não dizer que não falei das flores*), Lupicínio Rodrigues (*Nervos de aço*), Noel Rosa (*Último desejo*), Cartola (*As rosas não falam*) e tantos outros. Lembro que eu não conhecia a música, apenas a letra, então eu inventava um ritmo e declamava a poesia que virou em canção com a melodia que queria. Só depois vim a conhecer a melodia verdadeira, mas ainda hoje me pego cantarolando *Nervos de aço* com o ritmo que a minha imaginação criou.

Esse aprendizado me fez ter um carinho todo especial pelo livro didático. É comum que, no meio acadêmico, sejam feitas análises apontando diversas falhas de ensino-aprendizagem nesses livros, mas guardo deles boas lembranças. O gosto por aquilo que chamamos bom texto e boa música me foi dado, em grande parte, por minha experiência leitora em livros didáticos. Quando já

estudante de séries iniciais, lia com prazer os textos que o livro trazia. Particularmente lembro de um texto sobre um navio que, ao chegar ao porto, contava muitas novidades. Era o *Grandote conta prosa*. Como eu gostava de ler esse texto! Como eu imaginava as aventuras desse navio nada prosaico. Outra memória afetiva do livro didático eram as trovas. Eu sempre gostei de declamar e tinha facilidade em decorar. Até hoje, quando é noite quente de lua cheia, olho para o céu e declamo a trova que aprendi na infância em um dos meus queridos livros didáticos:

As casas da rua
não têm quintal
só jardim!
As noites quentes de lua
Parecem feitas pra mim!

Eu realmente achava que as noites, assim como os livros, tivessem sido feitas/os para mim. Os livros me faziam sonhar e ir para além da minha vida cotidiana. Eu leitora sou tão intensa, mergulho tão profundamente na obra que leio, que depois de terminar um livro, fico com uma imensa sensação de perda e trechos da obra ficam latejando em minha cabeça e inquietando-me. *Um homem cego mascava chicles*. Essa frase do conto *Amor* de Clarice Lispector, lido já no curso de Especialização em Língua Portuguesa - UFPA, por muito tempo latejou na minha cabeça, me fazendo reviver as situações descritas no conto e tantas outras da vida real. A literatura tem esse poder! Clarice Lispector me enfeitiçou de tal forma que não seria possível iniciar uma seção, que falasse da minha experiência leitora, sem citar *Felicidade clandestina*, meu conto preferido dessa autora. Concorrem com ele, os contos *Uma galinha* e *O primeiro beijo*.

De revistas em quadrinhos, passando por livros de autoajuda (houve uma época em que li todos os livros do escritor brasileiro Lauro Trevisan que ficou famoso pelo livro *O poder infinito de sua mente*) a Sidney Sheldon (Como esquecer o livro *Se houver amanhã?*) a grandes obras como *Crime e Castigo* de Fiódor Mikhailovitch

Dosotievsk, meu gosto pela leitura me fez uma pessoa de hábitos ecléticos, posso, no mesmo dia, ouvir Anitta e Mozart, assistir a uma palestra de Noam Chomsky pela manhã e à noite assistir ao Big Brother Brasil.

A leitura me abriu os horizontes e não custou para eu perceber que meu lugar preferido era uma biblioteca. Bibliotecas sempre foram pra mim um lugar mágico. O cheiro dos livros guardados, o silêncio e o ritual de passar as pontas dos dedos na lombada dos livros, ler os títulos e escolher aquele que mais me chamasse atenção.

Simbiose. Quando descobri essa palavra em uma das aulas de Biologia, passei a utilizá-la para descrever minha relação com os livros. Tive a sensação de simbiose quando estive pela primeira vez na Torre do Tombo e na Biblioteca de Lisboa, em Portugal. Havia uma magia envolvendo o lugar, entre corredores estreitos cercados por estantes cheias de livros, de tamanhos e de épocas diferentes, vivi uma espécie de transe. Queria morar ali.

Meu sonho era trabalhar em uma biblioteca, para estar rodeada pelos livros. Tenho uma recordação muito boa da Biblioteca do Colégio São Raimundo Nonato, onde estudei desde a 5ª série do primeiro grau até a 3ª série do segundo grau. O colégio era dirigido pela Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo e muito organizado, onde a disciplina era um dos requisitos obrigatórios para ali estudar. Lembro que ao final de um dos pavilhões, havia uma sala que parecia um porão e cuja entrada era feita por um estreito caminho ladeado por roseiras. A sala era pequena, as paredes eram forradas por estantes, e o lugar se tornou uma parada obrigatória todos os dias na hora do intervalo. Tocava a campinha para o recreio e os demais estudantes saíam correndo para a cantina da escola ou para a quadra de esportes. Eu e algumas amigas – Gervânia, Helana e Aldenize – íamos à biblioteca. Para mim, o tempo poderia parar pra eu ficar apreciando toda aquela maravilha de livros que eu nem podia sonhar em ter em casa. Foi nessa biblioteca que encontrei um tesouro.

Descobri a coleção *O Tesouro da Juventude*. Gente, o que era aquilo? Eu poderia dizer que era uma enciclopédia, editada por W.M. Jackson, lançada em 1920 e constituída por 18 luxuosos volumes. A capa dura, num tom pastel, reunia, nas palavras do editor, *os conhecimentos que todas as pessoas cultas necessitam possuir, oferecendo-os em forma adequada para o proveito e entretenimento (sic) dos meninos*.

Para mim, era mais que uma enciclopédia. Era um mundo encantado. Como eu gostava de passar os minutos do intervalo das aulas enfeitada por aqueles volumes. Às vezes nem ouvia o sinal tocar anunciando que deveríamos voltar à sala de aula, tão envolvida que estava nos tesouros encontrados na coleção. De todos os assuntos lidos, lembro da fascinação que tive ao conhecer mitologia. Havia fragmentos de algumas obras de Homero, que anos depois foi leitura obrigatória no curso Letras. Ali conheci Ulysses e sua perspicácia. Quando o herói grego chega a uma ilha na tentativa de voltar para casa, encontra o ciclope Polifemo, um gigante de um olho só. Astuto, quando perguntado por Polifemo qual era seu nome, Ulysses respondeu: *Ninguém*. Assim, na tentativa de fugir da ilha e levar a salvo seus companheiros, Ulysses fere o ciclope. Ao ouvir Polifemo gritar, seus irmãos perguntam, o que havia acontecido. E Polifemo responde: *Ninguém me feriu*.

Quando comecei a trabalhar e pude comprar livros, fiquei pensativa se procuraria *O Tesouro da Juventude*, para guardá-lo na minha estante. Até hoje penso nessa enciclopédia. Mas prefiro tê-la guardada com carinho no fundo do baú de minhas memórias. Tenho medo que a materialidade quebre o encanto e a magia desapareça.

Se é verdade, como circula nas mídias sociais, que *somos o resultado dos livros que lemos, das viagens que fazemos e das pessoas que amamos*, posso dizer que, além de pena e de ferro, sou prosa e poesia.

4. A EDUCAÇÃO FORMAL

4.1 Barão do Tapajós

Da escola sou estudante.
da professora, a lembrança,
da mamãe sou o amor.
do Brasil, a esperança.

Embora já tivesse frequentado a Escola Cinderela, localizada na Av. São Sebastião, bairro Santa Clara, em Santarém – ainda lembro do uniforme: short marrom e blusa marrom bem clarinho – minha entrada oficial nos bancos escolares ocorreu em 1981 na Escola Estadual Barão do Tapajós. Lembro de ter feito uma prova de seleção e fui classificada para a turma Primeira Forte. Tinha muitas expectativas para o início da minha vida escolar. Ficava imaginando se teria coleguinhas, como seria a relação com a professora e se me sairia bem nas avaliações.

No primeiro dia, fiquei numa fila, no pátio amplo da escola, à espera de ouvir meu nome, para saber para qual sala me dirigir. Estava acompanhada por uma das minhas irmãs e lembro que meu coração disparava a cada novo nome gritado pela diretora. Ficava pensando... *e se meu nome não estiver na lista?* Finalmente, meu nome foi chamado e fui para a sala, onde nos esperava a professora Dorilda. Ela era branca, séria, mas carinhosa. Eu já sabia ler e escrever, lembro de copiar no caderno, com letras trêmulas, o famoso cabeçalho:

“Escola Estadual Barão do Tapajós
Diretora: Cléa Terezinha Ribeiro”

O primeiro ano se passou sem grandes surpresas, não lembro de ter feito amizades, estava sempre isolada e de vez em quando me pegava olhando a sala, os colegas em volta, me achando uma estranha naquele ambiente, tentando entender o significado de tudo aquilo. Sem saber, estava filosofando e buscando o sentido da vida.

Nos dois anos seguintes, nossa professora foi Rosalba Silva, uma mulher morena, jovem, bonita e despachada. Lembro de uma das primeiras atividades, ela pediu que, ao separarmos as palavras em sílabas, identificássemos o número das sílabas. Como eu já era um pouco adiantada, perguntei-lhe se era para responder se a palavra era oxítona, paroxítona ou proparoxítona. Ela me olhou surpresa e disse-me que era apenas para dizer se a palavra era monossílabo, dissílabo, trissílabo ou polissílabo. Quando finalmente chegou o momento de ela explicar que as palavras se classificavam de acordo com sua tonicidade, ela virou para mim e disse: *Ela já sabe*. Tive uma espécie de contentamento por mostrar que já sabia um pouco mais que os colegas. Mal sabia eu que isso me isolaria cada vez mais dos colegas.

Figura 5 - A - Foto tirada na Escola Barão do Tapajós em 1982. **B** - Foto tirada na Escola Barão do Tapajós em 1983.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na quarta-série, nossa professora foi Ana do Socorro Campos. Lembro dela com muito carinho. Em 1984, minha avó, que morava no interior, adoeceu gravemente e minha mãe, por ser a única filha mulher, teve que ir cuidar dela. Foi um momento muito doloroso, porque eu nunca tinha estado longe de minha mãe. Era difícil, por ser a filha caçula, era muito apegada. Eu chorava bastante todas as vezes que mamãe viajava, e a professora Ana me consolava e me aconselhava. Sou muito grata pela forma como ela me acolheu.

A Escola Barão do Tapajós era pequena, embora para mim, aos 7 anos, parecesse gigante. Estava localizada na Travessa Dois de Junho, no bairro da Aldeia, próximo à casa onde morávamos. Quando comecei a estudar no Barão, minhas duas irmãs – Salete e

Margarida – também estudavam lá. Salete, no ano seguinte, foi para o Colégio São Raimundo, ficando no Barão Margarida e eu. Lembro que Margarida, quando saía antes de mim, ficava em frente à minha sala, me esperando ou pedia à professora que me liberasse mais cedo.

Nessa época, talvez por ser a caçula, era bastante protegida, a ponto de a minha irmã Ana ir, por ordens da minha mãe, todos os dias na hora do intervalo, levar água pra mim e não me deixar sozinha. Nos intervalos, a escola servia merenda, cada um levava seu copo ou seu prato, eu levava uma cuia preta com meu nome escrito dentro de um saquinho de pano, que a mamãe costurava. Nos dias em que era a merenda era sopa, eu ficava sem comer, mas adorava quando era servida minha a merenda preferida: macarrão com picadinho.

Os dias mais temidos não eram os dias de prova, mas sim os dias em que havia o bochecho. De vez em quando era feita uma campanha de combate à cárie e nós ficávamos em fila para receber um copinho com um líquido amargo, que deveria permanecer na boca durante alguns segundos. Não sei se hoje ainda há preocupação com a saúde bucal dos alunos em escolas públicas. Embora, na época, não gostasse do dia do bochecho, hoje reconheço a importância dessas ações.

Foi no Barão do Tapajós, que falei pela primeira vez usando um microfone. Algumas crianças foram selecionadas para prestar uma homenagem à nossa diretora. Eu fui uma delas. Não me lembro o que falamos, mas me lembro das crianças em fila para dizer algumas palavras e serem abraçadas pela diretora emocionada. Lá também fizemos nossas primeiras homenagens às nossas mães e aos nossos pais. Desde o desenho de coração para entregar na data comemorativa até os versinhos ensaiados nas apresentações com a presença dos homenageados.

As crianças dos anos 80 eram as chamadas crianças ano 2000. Aquelas que estavam sendo preparadas para serem adultas nos anos 2000, que na minha cabeça infantil jamais chegaria. Era

comum nas apresentações da escola, cantarmos juntos a canção *Criança ano 2000*. Ainda me lembro de alguns versos:

Eu sou criança do Brasil gigante
Eu vou levar adiante
O amor que a vida traz
Sou esperança do Brasil que cresce
E que se curva em prece
Pra fazer a paz
Sou o amanhã
Sou a esperança
Eu sou criança
E lhe quero bem
Eu amo a vida
Eu amo tudo
E quero ver você amar também!

Foi nesse clima esperançoso que concluí a primeira etapa dos meus estudos. Fui uma boa aluna, conforme compravam meus boletins.

Figura 6 - Meus boletins da 3ª e da 4ª séries na Escola Barão do Tapajós.



Fonte: Arquivo Pessoal.

4.2 O Colégio São Raimundo Nonato

“O Pará que é um berço tão fecundo/
dessa nossa querida Santarém/
resplandece a Escola São Raimundo
Esta casa que a todos faz o bem.”

(Trecho do Hino do Colégio São Raimundo Nonato)

O ano de 1985 foi marcado como o ano em que o Brasil começou a respirar sem a asfixia de uma ditadura, pois, em 15 de janeiro, Tancredo de Almeida Neves foi eleito presidente do Brasil por 480 votos contra 180 de Paulo Salim Maluf, em uma eleição indireta, que deu fim ao Regime Militar. Ironia do destino, o homem que representava a esperança dos brasileiros não pode assumir, e seu vice José Sarney recebeu a faixa de presidente. Ainda em janeiro deste mesmo ano, outro importante fato marca o Brasil. *Se a vida começasse agora. E o mundo fosse novo de vez. Se a gente não*

parasse mais de se amar. De se dar, de viver. Woo, woo, woo. Rock in Rio. Esse *jingle*, repetido amplamente na nossa televisão preta e branca, anunciava a primeira edição do festival de música mais charmoso dos últimos quase quarenta anos. Ainda sinto arrepio ao ouvir essa música. A menina de 11 anos via pela televisão grandes ídolos mundiais em um palco eletrizante e sonhava um dia estar presente naquela plateia. Felizmente, vinte e nove anos depois, a menina – agora já uma mulher – realizou o sonho de estar na plateia. Não exatamente no Rio. Era o Rock in Rio Lisboa.

Figura 7 - Rock in Rio Lisboa, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

Sim, eu vi de pertinho o Mick Jagger!

Voltemos ao ano de 1985. Além dos eventos já mencionados, esse ano marca o início dos meus estudos no Colégio São Raimundo Nonato. Vale lembrar que antes da década de 70, a educação básica era dividida em ginásio e primário. Com a lei nº

5.692/71 (BRASIL, 1992), essa estrutura foi alterada, o ginásio e o primário foram unificados, originando assim o chamado primeiro grau – atual ensino fundamental, com oito anos de duração (1ª a 8ª séries), e o segundo grau – atual ensino médio, com três anos de duração (1ª a 3ª séries).

A Escola Barão do Tapajós só ofertava até a 4ª série do primeiro grau, por isso meus pais me matricularam no São Raimundo, onde minha irmã Fátima trabalhava e minhas irmãs Salete e Margarida estudavam, e onde cursei quatro séries do antigo primeiro grau e as três séries do antigo segundo grau.

O Colégio teve uma grande importância na minha formação. Não só porque cursei todas as séries antes de entrar na universidade, mas pelo diferencial de educação que o colégio oferecia. Administrado pelas Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, São Raimundo era uma escola considerada mista. Pagávamos uma pequena taxa mensal, e o estado do Pará arcava com todas as outras despesas. Localizado na rua Vinte e quatro de outubro, no bairro da Aldeia, o Colégio São Raimundo era espaçoso, limpo e agradável. Dirigido pela temida e amada Maria Mirtes de Aguiar Brito, a famosa Irmã Gorete (falecida em 2017), o colégio era uma referência na cidade, oferecia aos alunos uma formação religiosa, cultural, cidadã e científica. Do colégio, da Irmã Gorete, dos professores e dos colegas, tenho imensas lembranças e eterna gratidão. Lá conheci a amizade e a crueldade.

Estava ansiosa para começar a 5ª série, escrever com caneta e usar caderno de várias matérias, de preferência os que estampavam na capa a foto dos Menudos, grupo musical de Porto Rico que era febre entre as adolescentes. A novidade da 5ª série era que teríamos vários professores, um para cada matéria, e um dos professores seria nosso monitor. A escolhida para monitora da 5ª série A foi a professora de Língua Portuguesa, profa. Neci, uma mulher bem humorada, criativa e inteligente. Lembro, como se fosse hoje, da primeira aula que tivemos com ela. Ela passou um texto para interpretarmos. Era uma fábula de Esopo que, por ter gostado muito do texto, reproduzo-a aqui.

4.2.1 Fábula de Esopo

A dona de uma cozinha onde habitavam uns ratinhos tinha um formoso gato, tão bom caçador que estava sempre à espreita, de forma que os pobres ratos nem podiam sair dos buracos, nem mesmo no silêncio e na obscuridade da noite, pois tinham muito medo do inimigo.

Não podiam viver assim por mais tempo, pois lhe faltava alimento. Um dia, reuniram-se em um conselho para resolverem um meio de acabar com aquela triste situação, que os condenava irremediavelmente à morte.

– “Vou dizer-lhes o que há de se fazer”, disse um ratinho muito novo. “Ata-se um guizo ao pescoço do gato, e saberemos assim por onde é que ele anda.”

Esta engenhosa proposta fez saltar de alegria todos os ratos; mas um rato já velho e muito esperto observou maliciosamente:

– “Muito bem, mas digam-me lá: quem põe o guizo no pescoço do gato?”

Nenhum respondeu! (ESOPO, [s.d.]).

Eu, que sempre fui tímida, mas muito estudiosa e sentava na primeira carteira, fiz questão de responder em voz alta a todas as perguntas formuladas pela professora. Lembro bem de ter errado a última questão do exercício. A pergunta era que sentimento definia os personagens. Entre coragem e medo, respondi coragem. A professora me perguntou: *Por que coragem?* Respondi: *Porque eles deveriam ter coragem para enfrentar o gato.* Ao que ela me interpelou: *E eles tiveram?* Percebi nesse momento meu equívoco. Sempre me lembro dessa fábula e diante de situações complexas eu sempre me pergunto: *Quem vai colocar o guizo no pescoço do gato?* E entre a coragem e o medo, eu continuo preferindo responder *coragem*, pois como diz aquela frase que a gente sempre lê na internet, *eu tenho medos tolos e coragens absurdas.* Ou simplesmente, sou feita de pena e de ferro.

A minha participação na primeira aula de português me rendeu certa popularidade em sala de aula. Os demais colegas, sempre falantes e bagunceiros quando os professores não estavam em sala, se calavam envergonhados na presença dos nossos

mestres. Eu era diferente. Calada na maioria do tempo, era participativa durante as discussões, resolvia todos os exercícios e sempre respondia quando os professores faziam perguntas relativas ao assunto das aulas.

Certo dia, nossa monitora veio com uma novidade. Escolheríamos entre os alunos o presidente de turma. A pessoa deveria ser responsável e liderar as atividades discentes. A maneira como eu participava das aulas foi decisiva para que meus colegas julgassem ser eu a pessoa adequada para o cargo. Ledo engano. Fui eleita presidente. Como eu era muito “certinha”, levava a disciplina ao pé da letra, não tardou para surgirem descontentamentos entre meus colegas, com a minha gestão. Sofri *impeachment*.

A profa. Neci era bastante criativa. Durante uma homenagem à Irmã Gorete, ela nos ensaiou para cantarmos uma música parabenizando a diretora do Colégio. A melodia era da música *A pulga e o percevejo*. Lembro de receber um abraço caloroso da Irmã Gorete, ao final da nossa apresentação:

O teu nome é irmã Gorete
o mesmo daquela santa
Deus lhe guarde diretora
minha voz alegre canta
Irmã Gorete,
você é mesmo a tal
diretora como essa
eu nunca vi igual
Irmã Gorete,
o nosso abraço
da 5ª série A
cheio de satisfação.

Embora não tivesse dificuldade nas demais disciplinas, minhas matérias preferidas eram as ligadas às humanidades. Sendo hoje professora de Língua Portuguesa, preciso confessar que minha matéria preferida foi História. Sempre que me imaginava professora, me imaginava professora de História. Boa parte da minha paixão pela disciplina se deve à professora Francisca

Canindé Bezerra, que parecia dar vida a todos os fatos narrados e personagens históricos apresentados durante a disciplina.

O Colégio São Raimundo Nonato me proporcionou uma formação completa. Não tenho dúvidas de que foram as atividades realizadas nesse educandário que despertaram minha criatividade. As festas juninas, as gincanas, as celebrações religiosas, as representações teatrais, as pesquisas, tanto para as aulas quanto para as apresentações no palco da escola, tudo isso foi importante para meu desenvolvimento.

Todos os anos, no mês de agosto, havia a Semana Vocacional. Era uma semana em que íamos ao famoso Salão – um amplo auditório com um grande palco e espaço para todos os alunos se acomodarem confortavelmente – para rezar, para ouvir palestrantes de diferentes profissões convidados pela direção para falar sobre suas experiências, para participar de atividades que alertavam os jovens sobre os perigos das drogas e, principalmente, para pensarmos em qual seria nossa vocação profissional.

Do Salão tenho recordações muito emotivas. Lá ocorriam as famosas Culminâncias. Ao final do bimestre, nos reuníamos nesse espaço para comemorar as datas importantes: Dia da Mãe, Dia dos Pais, Dia dos Estudantes, Páscoa, Dia da Bandeira, Descobrimento do Brasil, Dia do Índio (sim, na minha época ainda era assim denominado) e tantas outras datas. Eu, em quase todas as datas, estava lá no palco declamando uma poesia. Cada turma era responsável por uma apresentação. Cabia à professora monitora escolher os alunos que representariam a turma. Eu era sempre escolhida. Lá estava a adolescente franzina se agigantando em cima do palco, fosse pra declamar, fosse para atuar em alguma peça teatral.

Lembro de o colégio ter promovido em 1986 um concurso de poesia com o tema Juventude. A professora pediu como tarefa para casa que fizessemos um poema falando sobre os jovens. Sem entender que era para participar de um concurso, apresentei umas trovas cujo título era *O jovem na perdição*. Não me lembro exatamente do texto, mas era algo como:

Oh, jovem por que te estragas
no vício e na ilusão
não vês que isso tudo
é uma grande perdição
Oh, jovem, por que te estragas
em má companhia, então?
As drogas em sua vida
é uma grande perdição
e a nicotina que você fuma
estraga-te o pulmão!

De repente me vejo em cima do palco declamando o poema e ganhando em primeiro lugar. Não me lembro se houve algum brinde, só lembro que, durante muitos anos, sofri *bulling* de meus “colegas” por causa desse texto. Na verdade, esse texto foi mais um motivo, para que as brincadeiras de mau gosto tivessem em mim um alvo fácil. Muito antes de se falar em *bulling*, já sentia o que é ser vítima desse tipo de violência.

Eu era uma menina muito branquinha, magrinha, de família humilde e muito estudiosa. Sempre tirava as melhores notas e recebia, publicamente, elogios dos professores e da diretora. Nunca fiz prova final, porque sempre tive média final acima de 80. E, embora tímida nas relações, me agigantava quando tinha que apresentar trabalho em sala de aula ou subir ao palco para declamar um poema. Isso incomodava. Tinha poucas colegas (Vita, Helana, Gervânia e Aldenize) com quem dividia os trabalhos em equipe e as conversas na hora do intervalo.

Certo dia, quando tinha por volta de 13 anos, já morava na Travessa Professor Carvalho, bairro da Aldeia, estava indo à mercearia próxima à minha casa, quando um carro, em pouquíssima velocidade, passa por mim. Dentro dele, no carona, um adolescente que morava no bairro e estudava no mesmo colégio, no banco do motorista, um rapaz mais velho. O motorista olha pra mim e diz em tom de deboche: *Cresce e aparece, tá?* O que poderia ser ofensivo pra mim, serviu de motivação para a vida. Eu não precisava crescer para aparecer. Eu já era grande o suficiente a

ponto de incomodar um adulto e os adolescentes com quem convivia. Entendi, naquele momento, que eu brilhava e por isso incomodava. As brincadeiras de mau gosto na escola já não me atingiam. Podiam falar o que quisessem, eu passava por eles, balançava meus cabelos longos, empinava meu nariz e andava rebolando. Criei tamanha indiferença às críticas. *Se você gosta de mim, farei o possível pra você gostar mais; se você não gosta de mim, agirei com tanta indiferença que você vai desgostar mais ainda.*

Assim foram os primeiros anos no Colégio São Raimundo.

O segundo grau tinha caráter profissionalizante e era dividido em Ciências Humanas, Ciências Biológicas e Ciências Exatas. Ao final da 8ª série, em 1988, ano em que foi promulgada a atual Constituição Brasileira, meus colegas e eu tivemos que decidir para qual tipo de ciência estávamos mais vocacionados. Pela minha trajetória, nem precisei fazer teste vocacional para saber que deveria cursar Ciências Humanas.

Destaco aqui a importância das disciplinas de Filosofia, Sociologia (ministradas pela profa. Maria de Fátima Lima), História (Francisca Bezerra), Geografia (Clorildes Oliveira e Silene) e Língua Portuguesa (Terezinha Barbosa e Solimar Vasconcelos). Recordo que certa vez, quando cursávamos o primeiro ano do segundo grau, a professora Silene tirou dez pontos de toda a turma, por indisciplina. Pagou o justo pelo pecador. Tal fato acabou virando tema no Festival Folclórico do colégio. Na apresentação do Jegue Raimundo (uma apresentação que mistura elementos do Boi bumbá, também inspirada na tradicional Vaca Bolandeira do Colégio Dom Amando em Santarém), o animador, em ritmo de toada de boi, dispara:

A Silene revoltada
tirou ponto do Raimundo
oh, Silene, desse jeito
ninguém vai para o segundo.

As gravações eram feitas em um clube da cidade e o programa era reproduzido aos sábados pela manhã. A cada programa, duas escolas competiam entre si. A escola que tivesse quatro vitórias seguidas, seria a campeã e receberia o troféu Passa ou Repassa. As perguntas eram sobre cinema, literatura e história. Vencemos! O colégio São Raimundo Nonato foi a primeira escola a levar o troféu de campeã.

Certo dia, nos idos de 1991, o colégio convocou todos os alunos do 3º ano para irem ao Salão, pois haveria uma palestra com um professor convidado. Acomodada em uma das cadeiras do salão, vi à frente dos alunos um homem de estatura baixa, olhar sisudo, camisa social e calça jeans folgada. Ele falava dos cursos que a Universidade Federal do Pará – UFPA – ofereceria no *Campus* de Santarém a partir do ano seguinte, 1992. O *Campus* já oferecia cursos intervalares, mas desta vez seriam oferecidos os cursos de Pedagogia, Letras e Matemática, em caráter regular. Fiquei interessada nas palavras daquele professor que, ao apresentar a UFPA, parecia vender sonhos. Eu comprei os sonhos. No ano seguinte, seria caloura do curso de Letras da UFPA em Santarém. O professor motivador era Aldo Queiroz.

5. NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra. (ANDRADE, 1928)

Esses versos de Drummond retratam o que o vestibular era para os alunos finalistas do segundo grau: uma pedra no meio do caminho. Eram muitas as dúvidas, poucas as opções de curso na cidade. Quem tinha maiores condições financeiras, viajava para a capital, para fazer um curso superior. A universidade, nos anos 90, era para pouquíssimas pessoas.

Lembrando das palavras do prof. Aldo Queiroz, prestei o concurso vestibular para o curso de Letras. Não tinha conhecimento sobre o curso, mas como gostava muito de Literatura, me pareceu a escolha mais acertada, já que as outras opções eram Pedagogia e Matemática.

Na época, o chamado Listão dos aprovados era divulgado nas rádios da cidade e havia uma enorme expectativa para o tão aguardado momento, antecedido pela música do cantor paraense Pinduca:

*Alô, alô, alô papai, alô mamãe
Põe a vitrola pra tocar
Podem soltar foguetes
Que eu passei no vestibular*

*Eu agora não me iludo
Estou com a cuca controlada
Já não sou mais cabeludo
Estou de cabeça raspada
Tudo agora é alegria
Vou alegre pintando o sete
Com a turma na folia
Dando tiros de confete.
(PINDUCA, 1974).*

Com meu nome na lista do Curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará – UFPA, *campus* de Santarém, turma 92, começava minha trajetória acadêmica, cujo ápice é a elaboração e defesa deste memorial. Quando lembro da minha entrada na universidade, lembro de uma frase de Raul de Pompeia, no livro *O Ateneu*: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” (POMPEIA, 1888).

Não, meu percurso universitário em nada lembra os personagens do *Ateneu*. Mas gosto muito dessa frase, acho-a muito reveladora. De fato, ao entrarmos na universidade, nós encontramos o mundo. Com todos os sabores e dissabores. A universidade me mostrou o mundo das Letras, da competição, das vitórias, da realização de sonhos. A primeira profissão, o primeiro salário, o primeiro concurso, a primeira defesa, a primeira viagem, tudo foi conquistado porque dei o primeiro passo e entrei na universidade.

Na época, o curso de Letras era bastante concorrido, lembro que, no vestibular de 1992, eram dez concorrentes para uma vaga. Ouvi isso do prof. Aldo Queiroz, coordenador do *Campus* de Santarém da UFPA, o mesmo que estive no colégio São Raimundo. O *campus* era modesto. O prédio, onde antes funcionava uma escola municipal, havia sido cedido pela prefeitura e estava localizado na Av. Marechal Rondon, por isso passou a ser conhecido como *Campus* Rondon. Hoje o prédio abriga o Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa.

Nossa turma foi a primeira regular do curso de Letras da UFPA em Santarém. Com todas as dificuldades de um *campus* no interior do estado, resultado de um processo de interiorização da UFPA, nossa turma foi bem formada. Da turma de 1992, Washington Abreu, Zair Santos e eu, ao terminarmos a graduação, fizemos concurso e fomos aprovados para docente na UFPA e hoje somos docentes da Ufopa.

A primeira disciplina do curso de Letras foi Português Instrumental, ministrada pela profa. Grace Troccoli. Uma mulher alta, bonita, espirituosa, inteligente, que me fez conhecer Luís Fernando Veríssimo, Ligia Bojunga e Hildo Couto. O texto *Gigolô das palavras*, de Veríssimo, foi bastante explorado na disciplina. “A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda” (VERÍSSIMO, 1982). Hoje a frase com a qual Veríssimo termina a crônica seria considerada politicamente incorreta. Mas entendemos o recado. Tive o prazer de em 2014, durante a realização do meu pós-doutoramento em Lisboa, conhecer o autor. Veríssimo estava participando de um evento promovido pela Fundação José Saramago em comemoração aos 40 anos da Revolução dos Cravos. O encontro pra mim foi tão simbólico que escrevi o texto abaixo, postado, na época, em minhas redes sociais.

5.1 O dia em que encontrei o Gigolô das Palavras

Quem foi da Turma de Letras 92 da UFPA/Santarém tem guardado na memória o texto *O gigolô das palavras*, do Luis Fernando Veríssimo! Esse foi o primeiro texto lido pela turma na disciplina Português Instrumental. Um texto que ficou para sempre! Não somente porque esteve presente quase o semestre inteiro, mas também porque trazia a ideia do novo, um novo jeito de olhar a gramática, um novo jeito de olhar o mundo. O texto tornou-se uma espécie de rito de passagem, pois marcava a transformação de jovens recém-saídos do ensino médio que mergulhavam em um novo mundo: o das Letras!!! Fiquei tão encantada com o texto que quando me tornei professora

universitária e fui ministrar a disciplina Português Instrumental fiz questão de iniciar minha aula com esse texto (quem já não fez isso??), pois ele é um excelente mote para discutir questões relacionadas à língua e à gramática. Fiquei fã também de Veríssimo, amo o que ele escreve, amo o jeito irreverente, alegre, fácil e perspicaz de ele escrever... Quem não se lembra do livro *Comédias da vida privada*? Tive o prazer de representar nos palcos uma dessas comédias! Nos tornamos íntimos... Intimidade entre leitor e autor... até as tirinhas *As cobras* são usadas nas minhas aulas de semântica!

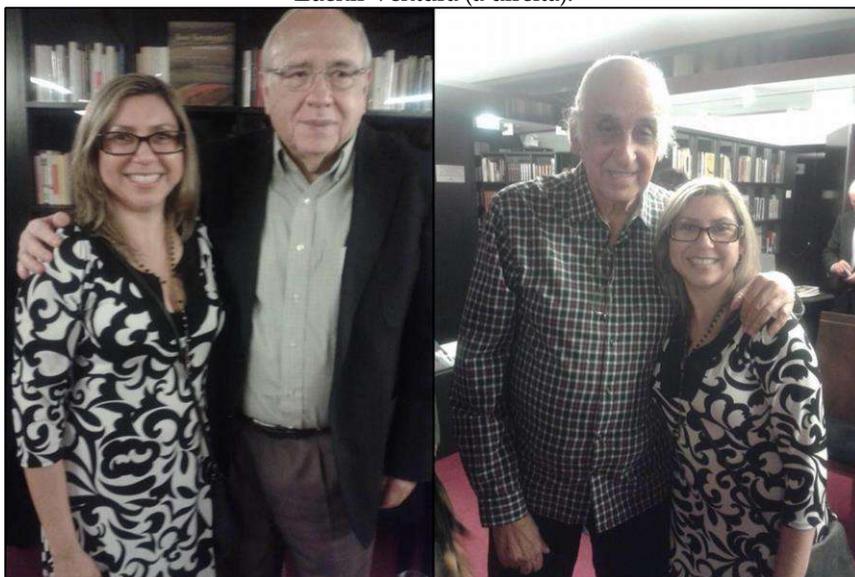
Eis que tomando conhecimento das atividades em comemoração aos 40 anos da Revolução dos Cravos em Portugal, vejo, na programação da Fundação José Saramago, que Veríssimo estaria em Lisboa. \0/\0/\0/ Eba!!! Nem acreditei! E mais... estaria com Zuenir Ventura, quer mais?

Dia 30 de abril, às 18h, estava eu na entrada da Fundação ansiosa para ver meu gigolô das palavras. A Fundação José Saramago já é um sonho em si, é a famosa Casa dos Bicos, um edifício do século XIV, que guarda, em seus quatro andares, um pouco de Saramago, livros, fotos, manuscritos, a máquina de escrever... é em frente à Casa dos Bicos, que repousam as cinzas de Saramago debaixo de uma oliveira centenária. Subo ao quarto andar e acomodo-me na primeira fila, tudo para ver de perto meu gigolô. E ele chega... de mansinho... eu olho e a primeira coisa que me vem à mente é: *Meu Deus, ele existe mesmo e é igualzinho às caricaturas que fazem dele, rs.* Fernando Veríssimo chega manso ao lado do sorridente Zuenir Ventura, e para completar vem também Roberto D'Ávila (muito gato pessoalmente, rs). No primeiro momento da conversa sobre o 25 de Abril, percebo que meu gigolô é tímido, do tipo super, hiper, mega, você não está entendendo, tímido!!! Você espera um Fernando Veríssimo das crônicas, falante e engraçado, mas não... entendi que esse falante e engraçado está guardado nas letras... pessoalmente Veríssimo é outro... que mistério fantástico sendo desvendado... percebo o poder da palavra, da escrita, de transformar o ser... conheço, então, o outro

Veríssimo... acanhado... ele me olha e sorri... gente... ele sorriu pra mim, rs! A conversa fluiu, de forma interessante, e entendo como o 25 de Abril de 1974 marcou cada um deles. A timidez de Veríssimo é alvo de brincadeira do Zuenir... a conversa é descontraída... de forma que o público se sentiu íntimo de cada um deles.

Ao terminar, vejo Veríssimo levantar-se e ficar assim... sem saber muito bem o que fazer, pra onde ir... onde colocar as mãos, rs... com o público ali olhando pra ele... aproximo-me dele e pergunto se posso dar-lhe um abraço... ele sorri e diz *claro que sim*. Digo a ele que o texto *O gigolô das palavras* marcou minha vida acadêmica, ele agradece e mais uma vez sorri timidamente... “muito obrigado, muito obrigado”. Não, Veríssimo, nós que agradecemos, muito obrigada por existir e por escrever!!!!

Figura 9 - Registros de Lisboa, 2014, com Luís Fernando Veríssimo (à esquerda) e Zuenir Ventura (à direita).



Fonte: Arquivo pessoal.

Outra paixão à primeira vista foi Lygia Bojunga. Lemos *Livro – um encontro*, no qual a autora conta um pouco de sua experiência como leitora. Fui atrás de outras obras de Lygia e me apaixonei por

A Bolsa Amarela e *Corda Bamba*. Aqui faço mais um parêntese. Quando pude construir minha casa, pintei-a de amarelo e a denominei de *Yellow House*. Por quê? Porque *A Bolsa Amarela* conta a história de uma menina, que amava ler e escrever e que guardava seus sonhos em uma bolsa amarela. Pois é, a minha casa é a minha bolsa amarela.

Hildo Couto nos mostrou o que é o português brasileiro. Aprendi que, para ser acadêmico do curso de Letras e futuro professor de língua, era preciso se despir de todo preconceito. De todas as lições que aprendi no curso, essa faço questão de passar adiante, não só na sala de aula.

E quanta coisa nova o curso me mostrou! História da literatura, ministrada pelo prof. Heliud Moura, me possibilitou ler os clássicos de Homero, dos quais eu só conhecia fragmentos. Teoria Literária, com o Prof. Lauro Roberto Figueira, me ensinou a fazer análises dos textos literários. Aprendi o que é catarse. E Latim? Simplesmente amava as aulas do prof. Nonato Costa. Quem não as ama?

Aos poucos fui conhecendo meus colegas Romy, Zair, Washington, Jair, Waldecira, Sebastiana, Isaurina (já falecida), Ednei, Célia, Clenilda, Raimundo (Dinho), Valdecira, Fraceli, Kátia, Elisângela, Valdenir, Ivânia, Edmara, César, Pedro, Joelma, Elcimar e Eládio, mas as colegas que constituíam comigo uma equipe e as quais eu guardo no fundo do coração eram: Cristina, Almira, Aya, Ana Maziles e Lucicleia. Quantas histórias vividas! Todos vocês fazem parte da minha construção profissional e pessoal. Da nossa equipe inicial, não concluíram conosco Cristina e Almira. Ana, Aya, Lucicleia e eu éramos o quarteto fantástico.

Figura 10 - A - Registro da Turma de Letras 92. B - Ana Maziles Gama, eu, Aya Cristina Fideliz e Lucicleia Tavares, nessa ordem.



Fonte: Arquivo Pessoal.

No segundo semestre do curso, foi-nos ofertada uma disciplina que, não é exagero dizer, mudou a minha vida. Introdução aos estudos linguísticos. Ministrada pelo prof. Leonel Mota, a disciplina que, para a maioria da turma era sinônimo de dor de cabeça e quiçá reprovação, para mim era pura poesia. Que fantástico conhecer Panini, os gregos Platão, Sócrates e Aristóteles, os estóicos, os sofistas, os alexandrinos, Apolônio de Díscolo, Prisciano, Dionísio de Trácia, Varrão, Donato. Franz Boas, Humboldt, Arnauld e Lancelot, Jakobson, Saussure, Chomsky, pelos livros de David Cristal, Jonh Lyons e Mattoso Câmara Júnior.

Foi um caminho sem volta! Cada disciplina de Linguística, mesmo as mais duras, como Fonética e Fonologia e Morfologia, continuou sendo pra mim um belo poema. Todos os níveis de Linguística (de I a III) e a maioria dos níveis de Língua Portuguesa (I a V) foram ministrados pelo professor Leonel, a quem sou eternamente grata por enxergar em mim uma futura professora universitária. Língua portuguesa VI foi ministrada pela professora Edna Sousa; VII e VIII foram ministradas pela professora Ana Lygia Cunha, ambas lotadas na sede Belém, *campus* do Guamá.

Fiz seleção para bolsista de monitoria da disciplina de Linguística I. Lembro que na época foi lançado edital para bolsista de Literatura e Linguística. Ainda fiquei em dúvida para o qual me inscreveria, estava dividida entre o antigo e o novo amor. Meu pai que, por brincadeira, chamava Linguística de linguíça, aconselhou-

me a escolher Literatura, por julgar mais fácil a aprovação. Desobedeci a seu conselho, porque além de gostar de desafios, alguma coisa me dizia que Linguística estava no meu destino. O tema sorteado foi Funções da Linguagem. Escrevi um bom texto e fui aprovada. Posso dizer que começou ali minha carreira docente.

Mas aquela menina que entrou no curso de Letras, porque gostava de Literatura, continuou apaixonada pelos grandes autores literários. Prof. Lauro Figueira ministrou o primeiro nível de Literatura Portuguesa e nos apresentou o *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente. Treinamos uma performance na qual eu seria Brígida Vaz. Não sei qual o motivo, mas acabamos não apresentando a peça. As performances de obras literárias e a interpretação de poemas eram comuns nas disciplinas de Literaturas. Em uma das disciplinas de Literatura Portuguesa, agora sob a direção da profa. Ana Maria Vieira, a turma fez uma série de apresentações. Há momentos bem marcantes, os quais sempre lembramos quando é possível reunir alguns colegas da turma. Um deles foi a declamação, feita pela minha amiga Almira, do texto de *Todas as cartas de amor são ridículas* e a minha interpretação de *Lisbon Revisited*, quando estudávamos os heterônimos de Fernando Pessoa. Lembro de ter me vestido de futurista para essa declamação.

Figura 11 - Vestida de futurista para declamar *Lisbon Revisited*.



Fonte: Arquivo pessoal.

As Literaturas Brasileiras também foram bem marcantes. Ministradas pela Profa. Terezinha de Jesus Dias Pacheco, as aulas eram sempre divertidas. Interpretei a personagem Aurélia Camargo, da obra *Senhora*, de José de Alencar. Quando tivemos aula sobre Literatura Paraense – não estava no currículo, mas discutíamos mesmo assim, conheci Ruy Paranatinga Barata.

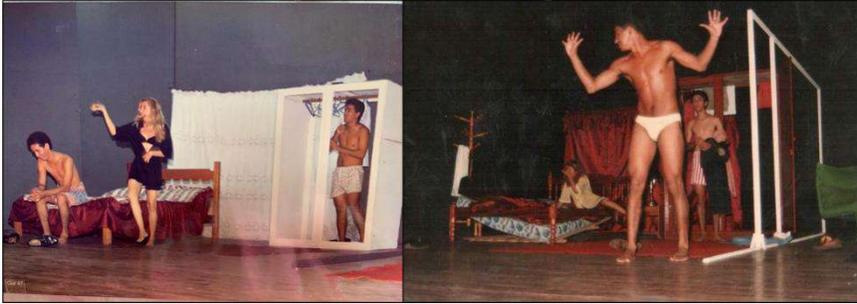
Às sextas-feiras, no *Campus* de Santarém, era realizada uma programação chamada *Sexta cinco e meia*. Em uma dessas sextas-feiras, nossa turma homenageou esse poeta. Minha amiga Lucicleia, que na foto está segurando um exemplar da Revista *Asas da Palavra*, cantou *Foi assim* e eu declamei *Me trae una Cuba-Livre*. Não preciso dizer que, durante muito tempo, fiquei conhecida como a garota Cuba-Livre.

Figura 12 - Sexta cinco e meia. Santarém, 1994.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13 - Em cena na peça *Comédias da vida privada* – Santarém, 1995.



Fonte: Arquivo pessoal.

A paixão pela arte me fez participar do Grupo de Teatro Acauã. Constituído em sua maioria por alunos da UFPA, *campus* de Santarém, o grupo participou de várias mostras do teatro santareno, mas o que ficou marcado na memória do público foi a peça *Comédias da vida privada*, em que encenávamos algumas crônicas escritas por Luís Fernando Veríssimo. Destaque para a crônica *Farsa*, que conta a história do marido traído que volta para casa sem avisar e encontra a mulher com um amante. O marido foi interpretado por Marcos Rodrigues, o amante por Jáder Gama e a mim coube o papel da esposa traidora.

O curso de Letras me proporcionou grandes descobertas e grandes experiências. Em 1993, viajei pela primeira vez para São Paulo, com o objetivo de participar do Encontro Nacional dos Estudantes de Letras – ENEL, realizado na USP. Era a Amazônia invadindo São Paulo. Conseguimos patrocínio com uma empresa de embarcação fluvial, que nos levou até Belém. De lá, juntos com os estudantes de Letras da UFPA/Belém, fomos de ônibus até São Paulo. Não foi fácil chegar a São Paulo, pois éramos jovens estudantes com pouco ou, no meu caso, nenhum dinheiro no bolso. Para angariar dinheiro, fizemos *A festa do calouro*, no Patifão, “área espaçosa onde os alunos realizavam festas, jogavam ping-pong e reuniam-se para momentos descontraídos”, Feira da Pechincha, Bingo e contamos com a ajuda de nossos familiares. Moedas contadas, partimos rumo ao nosso sonho.

Além de conhecer a “cidade grande” e cruzar a Ipiranga com a Avenida São João, tive certeza de que Letras era o curso certo para mim. Os minicursos, as palestras, as atividades envolvendo língua e literatura aumentavam meu desejo de querer ser professora dessa área. Não me recordo o nome do professor que proferiu a palestra de abertura do ENEL, mas me lembro muito bem de ele ler os versos do poema narrativo *O corvo*, de Edgar Allan Poe:

(...)

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negação,
Entrou grave e nobre um Corvo dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou nenhum momento,
Mas com ar sereno e lento pousou sobre os meus umbrais,
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,
Ó velho Corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.”
Disse o Corvo, “Nunca mais”.
(...) (POE, 1845)

Voltamos de São Paulo com muitas histórias para contar e muitas ideias para por em prática. Uma delas foi a realização, para o público externo, de um minicurso com o título *A literatura através da MPB*. Chico Buarque e Caetano Veloso foram, prioritariamente, nossos parceiros nessa atividade. Tínhamos um imenso prazer de socializar, sobretudo com alunos de escolas públicas, tudo que o aprendíamos no ambiente universitário.

Nos idos dos 90, o *campus* de Santarém contava com poucos professores. O curso de Letras era mantido por professores, cuja titulação máxima era a de especialista, contratados pela Fundação de Amparo ao Desenvolvimento da Pesquisa - FADESP. A maioria das atividades era relacionada ao ensino, poucas atividades de extensão e quase nenhuma pesquisa. Os professores mestres e

doutores estavam lotados em Belém e algumas vezes saíam da sede para ministrar disciplinas no interior.

Em 1994, recebemos duas professoras de Belém interessadas em ampliar suas pesquisas. Eram Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e Guilhermina Pereira Correa. Essas professoras mudaram a realidade de nossa turma.

Socorro Simões veio acompanhada pelo prof. Christophe Golder, para divulgarem o projeto interdisciplinar de extensão e pesquisa *O Imaginário nas formas narrativas orais da Amazônia Paraense – IFNOPAP*. O objetivo do projeto era coletar lendas e mitos amazônicos, para registro e análise das formas orais da cultura popular paraense, da realidade amazônica e da população que vive entre o rio e a floresta. O projeto já estava sendo desenvolvido em Belém e pretendia alcançar os municípios do interior do estado, Santarém, Castanhal, Abaetetuba, Bragança, Marabá e Cametá. Posteriormente, um livro deveria ser publicado com as narrativas recolhidas em cada município.

Ficamos encantados com a voz mansa da profa. Socorro Simões e com a beleza do projeto. Recolher lendas da nossa terra não nos parecia um trabalho, antes uma gostosa diversão, dessas de fim de tarde, quando nossos avós e parentes mais velhos nos contavam histórias sobre o boto, a cobra grande, os mistérios e perigos de nossos rios e de nossas florestas. Eu cresci ouvindo essas histórias. Minha vó falava do encanto, das pessoas que se ingeravam¹, e das pessoas que usavam ervas para tirar feitiço. Todas essas crenças nos faziam ter respeito pela natureza. *Não vá ao porto nem ao meio dia nem às seis da tarde; não vá ao rio se estiver menstruada, peça licença ao ir ao rio e à floresta. Esses lugares têm mãe.* Essas palavras de vó se tornaram realidade da gente da floresta. E isso agora seria registrado.

¹ O ingeramento é considerado por Cordeiro (2017) como um dispositivo cosmológico, imanente ao modo de vida dos povos do Baixo Amazonas, capaz de assegurar a complexificação das atualizações das diferentes culturas indígenas, e não indígenas, instituindo cosmologias e ontologias em fluxo, por meio de desterritorializações, reterritorializações e devires.

Os estudantes de Letras, nessa ocasião já havia mais duas turmas além da nossa, receberam instruções de como coletar as narrativas, como escolher os informantes, como manusear o gravador, como transcrever as estórias. Alguns colegas de turma foram bolsistas do projeto IFNOPAP e a maioria participou da coleta dos textos. Tenho prazer em dizer que as narrativas por mim coletadas compõem o livro *Santarém Conta*.

Figura 14 - Capa do Livro *Santarém Conta*, de Simões e Golder, 1995.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A outra professora que acompanhava Socorro Simões era a profa. Guilhermina Correa, que passei a chamar de fada madrinha, pela importância que ele teve na minha formação.

Figura 15 - Com a profa. Guilhermina Correa – Santarém,1996.



Fonte: Arquivo pessoal.

Diferente da profa. Socorro Simões, que objetivava registro de lendas e mitos, Guilhermina vinha apresentar um novo método de alfabetizar e nos apresentou o projeto *Alfabetização com base linguística*. Os interessados neste projeto participaram de um curso de capacitação, para dominar a proposta e posteriormente capacitar os professores alfabetizadores da cidade.

Durante uma semana, profa. Guilhermina revisou conceitos básicos de Fonética e Fonologia, para depois explicar o método que havia elaborado. Resultado de sua dissertação de mestrado, defendida no ano seguinte, em 1995, o ABL – como ficou conhecido o projeto – era inovador e desafiador. Era um outro olhar para o processo de ensinar uma língua. Uma das críticas que se fazia aos métodos de alfabetização tradicionais era artificialidade como a língua era tratada nas cartilhas utilizadas pelos alfabetizadores: os textos eram, não raras vezes, um amontoado de frases desconexas ou limitados ao famoso *Ivo viu a uva*; havia confusão entre letra e fonema; e nem sempre a letra apresentada na lição da cartilha correspondia ao fonema apresentado no texto base da lição (Por exemplo, a cartilha propunha ensinar a letra E – pronunciada *é* – e apresentava a palavra *estrela*, em que se tem duas letras E, a

primeira pode ser pronunciada como *i* ou *ê*, e a segunda letra pronunciada *ê*).

Aos poucos fomos criando familiaridade com o ABL. Minha amiga Aya, eu e alguns colegas fomos selecionados para sermos bolsistas do projeto. Profa. Guilhermina havia firmado parceria com a Secretaria de Educação do município de Santarém, para que o projeto fosse aplicado nas turmas de alfabetização. Os bolsistas selecionados deveriam ministrar um curso para apresentar o projeto aos professores alfabetizadores do município, para posteriormente os professores aplicarem o projeto em sala de aula, com a supervisão dos bolsistas. Aya e eu fomos alocadas para acompanhar dos professores da escola municipal Padre Manoel Albuquerque, localizada na Av. Dom Frederico Costa, no bairro do Santíssimo, em Santarém.

Quando se diz que o ABL era inovador não é apenas força de expressão. Como o próprio nome sugere, o projeto estava pautado nos conhecimentos da ciência Linguística e propunha alteração da prática de alfabetizar. No modelo tradicional, o aluno, já nas primeiras aulas, cobre as letras, “tira do quadro” sem reflexão da atividade que está sendo realizada. A nova proposta orientava o professor a começar o processo de alfabetização com um texto, de preferência produzido pelo professor. O texto seria escrito no quadro e em seguida seriam feitos cinco tipos de leitura com propósitos bem definidos:

1. A primeira leitura seria natural, para que se evitasse que o aluno lesse artificialmente, entendendo que o texto é um todo.

2. A segunda leitura seria mais lenta, observando a estrutura do texto, para que o aluno identificasse o título, o autor e os personagens, identificasse o limite dos parágrafos, dos períodos e os sinais de pontuação, mostrando a função de cada um deles para o sentido final do texto.

3. A terceira leitura seria artificial, para mostrar o limite das palavras. Cada palavra deveria ser circulada com giz colorido, para que o aluno já começasse a perceber a diferença da fala, onde fazemos junções, e da escrita.

4. A quarta leitura seria artificial, para mostrar o limite de sílabas. Cada palavra dividida em sílabas, para mostrar que as palavras são formadas por uma ou mais sílabas. O aluno descobre por meio da pronúncia que as palavras são formadas por partes.

5. A quinta leitura seria rítmica, para mostrar a sílaba tônica. Era uma leitura cantada e a preferida dos alunos.

Somente depois dessa fase de familiaridade com o texto, que levava algumas semanas, os alunos começariam a conhecer as letras. A ordem de apresentação das letras também era o diferencial do projeto, não se começava pelo famoso a, e, i, o, u. Começava-se do mais simples para o mais complexo, por isso a ordem de apresentação era a, i, u, e, o. As três primeiras vogais – a, i, u – foram escolhidas por não haver diferença entre letra e fonema. Diferentemente, as letras **e** e **o** poderiam representar os fonemas /ɛ/ (leva), /e/ (ele) e /i/ quando átono final; /o/ (ovo), /ɔ/ (olha) e /u/ quando átono final (ovo).

As consoantes também obedeciam a uma ordem de apresentação, considerando o grau de complexidade. Começava-se pela apresentação dos fonemas consoantes /b/, /p/, /d/, /t/, /f/, /v/ mais simples, para depois apresentar fonemas mais complexos.

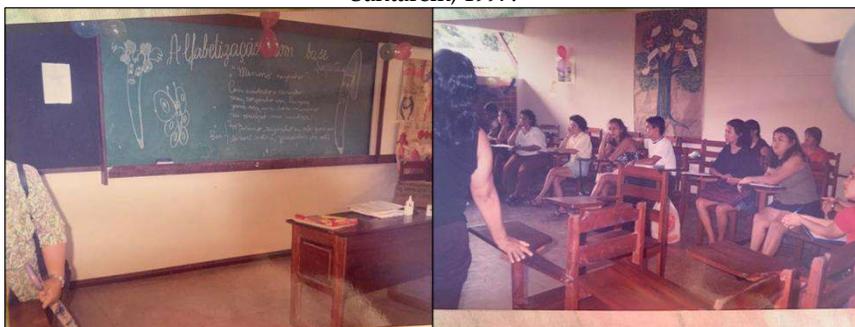
A inovação recebeu muitas críticas dos pais dos alunos, que, não raro, iam às escolas reclamar que a professora não estava ensinando nada aos filhos, pois, há mais de um mês do início das aulas, não havia nada escrito no caderno. Os professores alfabetizadores também teciam críticas, principalmente pelo fato de terem que dominar a fonética da língua portuguesa. Pode parecer óbvia a necessidade, mas nem sempre constam no currículo do curso de Pedagogia – curso que forma o alfabetizador – disciplinas que contemplem o conhecimento da ciência Linguística. Alfabetizar é ensinar uma língua.

As observações que fazíamos ao acompanhar os alfabetizadores foram cuidadosamente descritas em nosso relatório, que, no meu caso e de Aya Fidelis, se tornou nosso Trabalho de Conclusão de Curso. O projeto ABL abriu muitas portas para nós. Fomos bolsistas durante a graduação, e depois, já

formadas, fomos contratadas pela Secretaria de Educação de Santarém para representar a UFPA na coordenação municipal de alfabetização. Aya e eu éramos as representantes da UFPA na coordenação do ABL na Semed e a profa. Nancy Sousa Pinto era a coordenadora do ABL representando a Semed.

Juntas realizávamos cursos de formação para os alfabetizadores e acompanhávamos a aplicação do novo método de alfabetização.

Figura 16 - Atividades do projeto Alfabetização com Base Linguística – Santarém, 1997.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 17 - Atividades do projeto Alfabetização com Base Linguística. Profa. Nancy e eu em evento sobre alfabetização em Santarém, 1999.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi representando o projeto que estive, em outubro de 1997, no II Congresso Paranaense de Alfabetização em Curitiba, onde pude apresentar a experiência que vinha sendo desenvolvida em Santarém-Pará. Em Curitiba, conheci pessoalmente Luiz Percival, que anos mais tarde, viria a ser meu amigo e colega de trabalho na Ufopa.

Figura 18 - Participação no II Congresso Paranaense de Alfabetização – Curitiba, 1997. À direita, com o prof. Luiz Percival Britto.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sem dúvida, ter participado do Projeto *Alfabetização com Base Linguística* me deu maturidade acadêmica. Quando digo que profa. Guilhermina foi minha fada madrinha, o faço porque reconheço a importância do ABL não só para mim, mas também para muitos colegas de turma. Os dois últimos anos do curso fizeram mais sentido porque estávamos desenvolvendo esse projeto. Aprendi que é muito difícil mudar a realidade da sala de aula na educação básica, há uma estrutura alicerçada que vê a mudança como um desvio do “bom caminho”. Mas aprendi também que é possível fazer diferente e que o que aprendemos na universidade só tem razão de ser se puder chegar à e mudar para melhor a sociedade.

Nesse clima esperançoso que o projeto nos causou, concluí a graduação em Letras. As greves enfrentadas ao longo dos anos, realidade das instituições públicas, atrasaram nosso curso e só recebemos o diploma em março de 1996. Dos cinquenta alunos que ingressaram em setembro de 1992, menos da metade concluiu. Foi uma noite festiva, em que reunimos a família e os amigos, para compartilhar conosco a nossa vitória. Prof. Aldo Queiroz, coordenador do *campus*, foi o escolhido pela turma para ser o patrono, profa. Ana Maria Vieira Silva, a escolhida para ser a paraninfa. O nome da turma foi Profa. Guilhermina Pereira Correa.

Figura 19 - Registros da Formatura da turma de Letras 92 da UFPA, *Campus* Santarém, em 1996. **A** - Foto para o álbum de formatura. **B** - Estão na foto: Profa. Guilhermina Correa (Nome da turma); Prof. Aldo Queiroz (Patrono); Profa. Ana Maria Vieira Silva (Paraninfa), eu e minha amiga Aya. **C** - Com o Prof. Leonel Mota. **D** - Família na cerimônia de outorga de grau. **E** - A oradora da turma.



Fonte: Arquivo pessoal.

6. É CAMINHANDO QUE SE FAZ O CAMINHO - MESTRADO

Terminado o curso de Especialização em Língua Portuguesa: uma abordagem textual, e já tendo dois anos de docência na UFPA, *campus* de Santarém, inscrevi-me para seleção do Mestrado em Letras na UFPA. No final do ano de 1999, fui a Belém para a participar da seletiva.

É que Narciso acha feio o que não é espelho, foi essa sensação que tive ao andar pelas ruas de Belém. Já tinha ido à capital uma vez, para participar de um evento, quando eu trabalhava no Projeto Alfabetização com Base Linguística, mas não conhecia a cidade. Santarém dista 700 km em linha reta da capital, o que significa 1h de vôo, ou 2 dias de barco, ou 1 dia de carro. Senti-me um bichinho assustado no meio do trânsito caótico da Belém e pensei se me adaptaria caso conseguisse a aprovação.

Lembro de pensar sobre isso dentro do ônibus que me levava ao *Campus* Guamá, para a realização da prova escrita. Olhava os rostos estranhos e me perguntava se algum deles também iria para a seleção. Torcia muito para minha pergunta ter resposta positiva, assim eu não precisaria descer sozinha na parada e nem ir sozinha procurar a Faculdade de Letras. Novamente, os deuses do Olimpo estavam a meu favor e quando o ônibus de aproximou da parada em que eu deveria descer, vi uma mulher de cabelos curtos e óculos de grau dar sinal ao motorista de que ficaria na próxima parada. Aproveitei a oportunidade, levantei-me do assento e segui a mulher desconhecida.

Quando descemos do ônibus, eu, timidamente, perguntei se ela iria à UFPA, ela confirmou e disse que faria uma seleção de mestrado. A mulher desconhecida era Eliane Pereira Machado Soares, professora do *campus* de Marabá (hoje Universidade

Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa), que se tornou minha melhor amiga, uma amizade que começou no primeiro dia de seleção do Mestrado em Letras e que dura toda a vida.

A prova escrita foi tranquila. Foram duas questões. Na primeira deveríamos discorrer sobre a importância de Ferdinand de Saussure para os estudos linguísticos. Na segunda, foi-nos apresentado um problema a ser resolvido à luz da sociolinguística. Consegui me sair bem e passar para a etapa da entrevista. Já mais habituada ao ambiente, lembro de ficar esperando com meus futuros colegas no hall do Programa de Pós-graduação em Letras, a chamada nominal, para que entrássemos na sala e ficássemos diante da banca. Lembro da minha colega Lúcia (já falecida), sentada em um dos degraus da escada que dava acesso ao piso superior, dizer: *fiquem calmos, todos seremos aprovados e daqui a uns anos estaremos tentando o doutorado*. Sábias palavras.

Com a aprovação, começaram os preparativos para minha nova vida em Belém. Pela primeira vez deixaria a casa de meus pais e a minha cidade. Tudo era novo para mim. Liberada das minhas atividades docentes – friso aqui que só foi possível a realização do mestrado em Belém, porque já era docente universitária, caso contrário, o mestrado seria um sonho impossível – fui para a cidade das mangueiras. Minha irmã Fátima me auxiliou na mudança e me acompanhou nos primeiros meses em Belém. Ficamos na casa da profa. Nazaré Negrão, amiga da minha irmã, até eu conseguir alugar um apartamento. Sou muito grata à família Negrão pelo acolhimento inicial.

Devidamente instalada no Edifício Alexandre Severino, no bairro do Marco, cumpri minha agenda de mestrandia, indo pela manhã para UFPA, para, no primeiro ano, concluir todos os créditos de disciplina e reservar o último ano para a escrita da dissertação. Diferente das seleções atuais, não entrei no curso de mestrado com um projeto pronto. Quando fui para o mestrado queria elaborar o Atlas Linguístico de Santarém (vejam a minha pretensão e a minha ignorância!). Entrei em contato com o prof. Abdelhak Razky me colocando à disposição para trabalhar no

projeto que ele estava desenvolvendo, o Atlas Linguístico do Pará. Tinha feito algumas leituras sobre sociolinguística e estava muito encantada com a teoria da variação e mudança linguísticas. Mas o tempo, senhor do destino, nos leva para onde quer.

Durante o curso de especialização, conheci a profa. Célia Brito. Ela ministrou uma das disciplinas e utilizou conosco o texto de John Du Bois, *Competing motivations*, que defendia a hipótese de que demandas pragmáticas e semânticas entram em competição pela expressão morfossintática (DU BOIS, 1985). Não me lembro de outros textos que ela tenha utilizado. Esse, por algum motivo, me marcou e sempre me lembrava dele.

Reencontrei a profa. Célia Brito durante o mestrado. Ela era a coordenadora do Programa e ministrou uma disciplina obrigatória chamada Tópicos de Gramática. A disciplina nos apresentou a Teoria Funcionalista da Linguagem. Lemos o livro *Gramática Funcional* de Maria Helena de Moura Neves e os icônicos artigos *Transitivity in grammar and discourse*, de Paul Hopper e Sandra Thompson e *From discourse to syntax: grammar as a processing strategy*, de Talmy Givón. A disciplina provocou certo pânico nos colegas. Como explicar a hipótese da transitividade proposta por Hopper e Thompson (1980)? Como entender a gramática de acordo com a nova abordagem funcionalista?

Um novo mundo se descortinava diante dos meus olhos. Comecei a entender língua e gramática sob outra perspectiva. Mesmo gostando muito de sociolinguística, acabei decidindo escrever minha dissertação no funcionalismo linguístico, sob orientação da profa. Célia Brito.

A dissertação defendida em 2002 teve por título *Padrões funcionais da língua portuguesa: aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos*. Na pesquisa, partindo do preceito funcionalista que apregoa padrões gramaticais emergirem do discurso, objetivamos, investigar, em diferentes tipos de gênero de texto, a) padrões gramaticais que a língua portuguesa apresenta; b) a natureza gramatical dessa língua, de acordo com o alinhamento dos argumentos básicos (primeiro e segundo argumentos, este como preposicionado, ou não) do verbo em

relação à contiguidade do tópico; e c) a pressão de informação decorrente da manutenção do tópico.

Seguimos as orientações teórico-funcionalistas de Du Bois (1987), que vê motivações em competição como propulsoras de funções gramaticais e pragmáticas de Sintagmas Nominais no discurso, e também de Du Bois e Thompson (1991), que concebem fenômenos discursivos decorrerem do fluxo de informação e entendem como fluxo de informação os aspectos cognitivos e culturais que determinam o modo como o falante “empacota” o conteúdo ideacional que fala (CHAFE, 1987).

Por considerarmos, juntamente com Bronckard (1999, p. 137) que o gênero de texto é fator determinante de revelações de atividades de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais, vimos a importância de relacionar os fenômenos aqui examinados com diferentes tipos de gênero de texto orais.

Os padrões gramaticais da língua portuguesa foram examinados com base nas restrições gramaticais (Restrição de um argumento lexical e Restrição de A não-lexical) e pragmáticas (Restrição de um argumento novo e Restrição de A dado) referidas por Du Bois (1985, 1987), decorrentes do fluxo de informação.

Considerando-se o alinhamento dos argumentos básicos em relação à contiguidade do tópico no discurso, examinamos se os argumentos do verbo apresentam alinhamento acusativo, ou seja, se o tópico introduzido por S é retomado preferencialmente por sujeito de frase transitiva ou alinhamento ergativo, ou seja, se o tópico introduzido por S é retomado preferencialmente por objeto de frase transitiva ou outro tipo de alinhamento que, mesmo não sendo previsto pela teoria linguística, caracteriza a natureza gramatical da língua portuguesa (DU BOIS, 1985, 1987).

A pressão de informação, nos textos analisados, foi mensurada segundo o número de sentenças contíguas relacionadas à presença de referentes novos apresentados no discurso (DU BOIS, 1985, 1987).

Com o intuito de integrar a linha de pesquisa Documentação, Descrição e Análise da Língua Portuguesa da

Amazônia, desenvolvida no Curso de Mestrado em Letras da UFPA, o *corpus* selecionado constitui-se de 60 (sessenta) narrativas orais gravadas em seis cidades do Pará – Belém, Bragança, Castanhal, Oriximiná, Santarém e Soure. A decisão de se selecionar dados em seis municípios já expressa a preocupação de abarcarmos, em parte, a dimensão territorial do Estado do Pará.

A pesquisa contou com doze informantes adultos – dois de cada cidade acima referida – com diferentes níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior). Cada informante produziu cinco textos narrativos orais. O assunto narrado era sempre escolhido pelo informante, referente aos gêneros por nós determinados: Experiência Pessoal; Narrativa Recontada; Descrição de Local; Relato de Procedimento; Relato de Opinião.

A escolha desses tipos de gênero de texto previu sua adequação a formulações textuais por meio das quais o falante em causa expressa seus objetivos, suas intenções e questões específicas do seu dia-a-dia. Essa composição do *corpus* baseou-se, fundamentalmente, em Furtado da Cunha (1998), que organizou o *corpus* Discurso e Gramática, na cidade de Natal, com cinco tipos textuais na versão oral e escrita.

A hipótese que levantamos foi a de que os padrões gramaticais, bem como a natureza gramatical e a pressão de informação relativa à manutenção do tópico, da língua portuguesa, relacionam-se a diferentes tipos de gênero de texto, segundo o fluxo de informação do discurso.

A dissertação foi dividida em três capítulos, além da introdução e da conclusão. O capítulo um foi intitulado *O Uso e a Linguagem*, no qual tecemos comentários sobre as concepções formalista e funcionalista da linguagem, esclarecendo que o grande diferencial entre Formalismo e Funcionalismo está no enfoque que esses dois campos de investigação linguística dão ao objeto língua, visto, respectivamente, no paradigma formal – como sistema fechado, autônomo, descontextualizado, e no paradigma funcional – como um produto de interlocução.

No segundo capítulo, intitulado *Procedimentos Metodológicos*, apresentamos os passos seguidos na análise dos dados referentes à concepção de argumento (DIK, 1989) e ao que norteou sua seleção como integrante da cadeia tópica; à composição do *corpus*; aos tipos de gênero de texto; à justificativa de sua escolha e à descrição sucinta de suas características; e à concepção de gênero, bem como à justificativa de sua importância na investigação linguística.

No capítulo intitulado *O Fluxo de Informação em Diferentes Tipos de Gênero de Texto*, fizemos uma exposição do aporte teórico da pesquisa, mostrando como o fluxo de informação é um mecanismo importante para determinar as naturezas gramatical e pragmática dos argumentos. Neste capítulo também analisamos a contiguidade do tópico nos diferentes tipos de gêneros de textos, com o propósito de verificar se o alinhamento que a língua portuguesa apresenta se caracteriza como de língua acusativa ou ergativa. Analisamos, ainda, a pressão de informação decorrente da manutenção do tópico.

Na conclusão, confirmamos a hipótese de que o fluxo de informação é um condicionador de padrões gramaticais e pragmáticos dos argumentos do verbo, e que o tipo de gênero interfere em maior ou em menor grau nesses padrões. Confirmamos, também, que a contiguidade do tópico na língua portuguesa, em todos os tipos de gênero de texto – exceto em Relato de Procedimento, cujo resultado foi inconclusivo – reflete alinhamento de língua acusativa. Além disso, verificamos que o tipo de gênero de texto não interfere na pressão de informação, porquanto essa foi baixa em todos os textos analisados.

Figura 20 - Registros do Mestrado em Letras, UFPa, 2000. **A** - Com Eliane Soares. **B** - Disciplina Morfologia, ministrada pela profa. Ana Suely Cabral, com a participação do prof. Aryon Rodrigues. **C** - Apresentação de trabalho na Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Profa. Célia Brito (de vermelho) com as orientadas de mestrado Sheila, Eneida e eu. **D** - Encerramento da disciplina Análise da Conversação. Prof. Joaquim Nepomuceno e as colegas de mestrado Eliane e Lúcia.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foi um trabalho interessante, mas difícil de ser feito, porque para mim a abordagem era muito nova. Na minha banca estavam presentes, além da orientadora, o prof. Abdelhak Razky (UFPa) e a profa. Márcia Teixeira Nogueira (UFC). Ouvindo os professores argüirem meu trabalho, tive a sensação de que estava diante de minha futura orientadora de doutorado. Fiz questão de guardar o e-mail e o telefone da profa. Márcia, pois sabia que precisaria, no futuro, entrar muitas vezes em contato.

O Mestrado me fez conhecer o Funcionalismo, a Sociolinguística, a Terminologia e a Semiótica Greimasiana, e me apaixonar por morfologia (o que eram as aulas da profa. Ana Suely

Cabral e do prof. Sidney Facundes? Eram poesia para meus ouvidos. Tipologia linguística, línguas ergativas, ergatividade cindida). Além disso, o Mestrado me ensinou a gostar de Belém, a participar de eventos acadêmicos e me deu grandes amizades.

Eliane Machado e Júlio César Dinoá formavam comigo um trio inseparável. Dividiam conosco as alegrias e tristezas do mestrado Edmir Bezerra, Jairo Linhares, Eneida Fernandes, Maria Lúcia Santos, Jair Cecim (e sua irmã Rosalba, que o acompanhava sempre) e Alírio de Brito Alves. Também conheci Marilucia Barros de Oliveira (hoje Marilucia de Oliveira Cravo). Professora da UFPA, Marilucia tinha defendido recentemente o mestrado e deu dicas valiosas a mim e à Eliane, para a escritura da dissertação.

Resultaram do mestrado os seguintes trabalhos apresentados em eventos:

- A interdependência sincronia/diacronia no estudo do fenômeno de gramaticalização. Jornada de Estudos Linguísticos e Literários, 2000. Belém.

- A terminologia da medicina popular no Mercado do Ver-o-peso (Belém-PA). Abralim, 2001. Fortaleza.

- Padrões funcionais da Língua Portuguesa. Gelne, 2002. Fortaleza.

Defendi a dissertação em agosto de 2002. Voltei para Santarém com uma imensa vontade de mostrar tudo que havia aprendido no período que fiquei ausente e com uma certeza: tudo que sabemos é tão pouco diante de tudo que temos por aprender.

7. POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS

As armas e os barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram
(CAMÕES, 1572)

8.1 O Doutorado

Ao terminar o mestrado, sabia que precisava fazer o doutorado. Era professora universitária e tinha consciência de como a formação docente era importante para as atividades acadêmicas e para os relatórios institucionais. Para a seleção do doutoramento – diferente do que aconteceu na seleção do mestrado – era exigido um projeto de pesquisa. Lembro de um dia ter perguntando à profa. Célia Brito se ela tinha alguma sugestão pra me dar. Ela amorosamente falou: *Ah, minha filha, isso tem que vir do coração!* Ela estava certa.

Em pelo menos quatro anos de sua vida, você estará dedicada – ou deveria estar – à escritura de uma tese. O tema deve ser algo que lhe desperte interesse, curiosidade e paixão. Pensando nisso, passei a dedicar os meus dias a descobrir que tema me despertaria tudo isso. A resposta me veio em sonho. Certa noite, sonhei com um trabalho que havia apresentado durante os Estudos Linguísticos e Literários na UFPA, *a interdependência sincronial/diacronia no fenômeno de gramaticalização*. Era isso! O fenômeno da gramaticalização me despertava todos os sentimentos

necessários para escrever uma tese. Comecei a compilar trabalhos sobre o tema, a os ler com interesse e a esboçar um projeto de pesquisa.

Em março de 2003, participei do III Congresso Internacional da Abralín e XVI Instituto Internacional de Linguística, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Fiquei quinze dias no Rio de Janeiro, participando ativamente das atividades do Instituto. Na ocasião, conheci grandes nomes nacionais e internacionais da ciência Linguística.

Fui para o Rio de Janeiro com o firme propósito de voltar com meu projeto desenhado. Inscrevi-me em dois minicursos sobre gramaticalização. Um ministrado pelo professor Lucas Campos, da Universidade Federal da Bahia - UFBA; outro, pela professora Maria Luiza Braga, da UFRJ. Os dois professores foram extremamente importantes para elaboração de meu projeto e, posterior, tese. Prof. Lucas enviou-me pelos correios cópia de textos clássicos sobre gramaticalização e de sua tese doutoral *A negação prefixal na história da língua portuguesa* (2004). A profa. Maria Luiza, ao saber do meu interesse por um objeto de pesquisa, sugeriu que eu investigasse a gramaticalização de verbos e exemplificou com um uso conhecido em língua portuguesa: *doce chega enjoa!*

Figura 21 - Registros do III Congresso Internacional da Abralín e XVI Instituto Internacional de Linguística, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2003. **A** - Com Maria Helena de Moura Neves. **B** - Com o linguista Talmy Givón. **C** - Com o linguista Paul Hopper.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Objetivo alcançado. Trouxe na mala, além de souvenir, o objeto a ser pesquisado em minha tese: o verbo *chegar*. Com meu projeto de tese esboçado, precisava decidir em qual universidade faria seleção. Poderia ir para a UFBA, pois já tinha o contato do prof. Lucas, ou para Universidade Federal do Ceará, onde trabalhava a profa. Márcia Nogueira, que estivera na minha banca de mestrado. Fiquei sabendo da abertura do edital para seleção do doutorado em Linguística da UFC, entrei em contato com a profa. Márcia, que ofereceria, em 2004, duas vagas. Márcia me incentivou a fazer a seleção e me deu valiosas dicas para eu aprimorar meu projeto.

Preparei-me para a seleção e em dezembro de 2003 estava conhecendo o belo prédio rosa do *campus* Benfica da UFC. Fiz prova de proficiência em inglês e em francês. A segunda etapa foi a entrevista; a terceira foi análise do currículo.

O ano de 2003 foi um ano de perdas e ganhos. Em agosto, perdi meu pai, Azamor Teixeira, isso deixou um profundo vazio em mim e na minha família. Talvez para me dar um pouco de alegria, como presente de Natal, recebi a notícia de minha aprovação no Doutorado em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Ao arrumar as malas, pensei *se for para sofrer, que eu sofra no paraíso, Fortaleza, aqui vou eu!*

Realmente Fortaleza é um paraíso. Eu, que na adolescência li José de Alencar e tinha *Iracema* como meu alter ego, fui morar na praia com o nome da heroína indígena mais famosa da literatura brasileira. *Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros* (ALENCAR, 1865).

A novidade de estar em outra cidade, em outro estado e em outra região foi dando, aos poucos, lugar para a responsabilidade. Quando as disciplinas do doutorado e as pesquisas iniciaram, tive consciência do tamanho da minha responsabilidade. Eu precisava escrever uma tese! Nos dias em que as ideias se recusavam a aparecer e as palavras não preenchiam a página em branco do computador, uma voz ressoava na minha cabeça *quem te disse que eras capaz de escrever uma tese?* Quando isso acontecia – e não era raro – eu descia para ver o mar lambendo a areia branca da praia de Iracema. Com as energias recuperadas, voltava à produção da tese, usando um artifício que aprendi no mestrado: passar nos lábios um belo batom vermelho. Efeito placebo, mas que sempre dava resultado.

Embora a escritura da tese seja um trabalho solitário, é muito importante ter por perto pessoas que têm os mesmos objetivos. O Grupo de Estudos em Funcionalismo foi de extrema importância, não só pelas reuniões onde discutíamos textos de referência para os temas de nossas pesquisas (gramaticalização, modalidade, evidencialidade), mas também pelos momentos de descontração, onde podíamos fortalecer os laços de amizade.

Sob liderança da profa. Márcia, eram membros do grupo João Bosco, Nadja Prata, Claudete Lima, Izabel Larissa Lucena, Cláudia

Carioca, Léia Menezes, Klébia do Nascimento. Márcia é uma professora espetacular, daquelas que dá uma excelente aula sem fazer esforço; uma orientadora sagaz; uma pesquisadora ímpar. A segurança que tive para escrever a tese deve-se à sua orientação.

Na turma, os colegas mais próximos, com quem formava equipe para apresentação de trabalhos e para o cafezinho nos intervalos, eram João Bosco Figueiredo Gomes – orientando de Márcia, e José Roberto Alves Barbosa – orientando da profa. Socorro Aragão, ambos eram professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Foi um período de grande amadurecimento, com muita pesquisa, participação em eventos, apresentação de trabalhos e publicação de artigos e capítulos de livros. Destaco aqui como um dos momentos mais importantes do doutorado, a experiência de passar cinco meses em Portugal, realizando pesquisa na Universidade de Lisboa.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, lançou edital do Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior – PDEE. O objetivo do programa era contribuir para o estabelecimento e/ou manutenção do intercâmbio científico dos programas de pós-graduação consolidados no país com seus congêneres no exterior, por intermédio da concessão de cotas de bolsas de estágio a doutorandos.

Cumpridas todas as exigências da Capes, o PPGL/UFC apresentou a minha candidatura e a de meu colega de doutorado João Bosco. Nosso plano de trabalho, entre outras coisas, era constituir corpora de textos escritos em língua portuguesa, para investigarmos nosso objeto de estudo (no meu caso, o item *chegar*; no de Bosco, a expressão *é que*). Candidaturas aprovadas, fomos recebidos na Universidade de Lisboa pelas professoras Anabela Gonçalves, que orientou minha pesquisa, e Inês Duarte, que orientou João Bosco.

Atravessamos o Atlântico e *por mares nunca dantes navegados* chegamos à terra de Camões. Quando cheguei a Lisboa, tive a estranha sensação de reconhecimento, não estava conhecendo uma

nova cidade, um novo país, mas reconhecendo ruas, cheiros, casarões e jardins. O que não havia me chegado por meio de filmes ou por meio da literatura, havia me chegado em sonhos. O fado, o bacalhau, o vinho, a Baixa do Chiado, Alfama, o Tejo, a Praça do Comércio, o pastel de Belém, a Torre do Tombo, a Biblioteca de Lisboa, a Universidade de Lisboa, o Bairro do Benfica, fizeram parte da minha vida de março a julho de 2006.

O resultado do doutorado sanduiche foram dez volumes do Corpus Mínimo de Textos Escritos em Língua Portuguesa – Comtelpo, que dá conta de textos fiáveis escritos entre o século XII e o século XX, para uso de interessados que objetivam ter uma visão panorâmica da língua, organizados por João Bosco Figueiredo Gomes e Ediene Pena Ferreira (2006).

O Comtelpo se constitui de textos em suas variadas formas, denominados de gêneros. A opção foi feita por preferirmos não estudar os textos exclusivamente pela tipologia clássica (narração, descrição e dissertação), pois sentimos necessidade de uma tipologia mais ampla que contemplasse tanto os textos literários como não literários.

Para a constituição do corpus, utilizamos a noção de gênero do discurso de Bakhtin (2000), um enunciado relativamente estável, historicamente determinado e disponível na cultura, fixando-se na conceituação de enunciado como forma, oral e escrita, de utilização concreta e individual da língua por integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana.

Os gêneros escolhidos para compor nossa proposta de corpus foram aqueles de uso mais frequente na sociedade das diferentes épocas – em Portugal, desde o século XII, e no Brasil, do século XIX à atualidade. Utilizamos o agrupamento de gênero de Dolz e Schneuwly (1996):

1. Gêneros da Ordem do Narrar – cujo domínio social é o da cultura literária ficcional e a capacidade de linguagem dominante é voltada à recriação da realidade por meio da montagem de uma intriga no domínio verossímil. Exemplos deste gênero: fábulas, conto de fada, lendas, conto, narrativa policial, narrativa de

aventura, narrativa de ficção científica, gibi, crônica, cordel, romance, texto teatral, poema, letra de música, charge, novela, entre outros.

2. Gêneros da Ordem do Relatar – cujo domínio social é o da memória e o da documentação das experiências humanas vivenciadas e a capacidade de linguagem dominante é a de representação pelo discurso de experiências vividas e situadas no tempo. Exemplos desse gênero: diário, chamada jornalística, notícia, crônica jornalística, noticiário de rádio e TV, relatório, entre outros.

3. Textos de Gêneros da Ordem do Argumentar – cujo domínio social é o da discussão de assuntos sociais controversos, visando a um entendimento e posicionamento perante eles e as capacidades de linguagem dominantes são as que envolvem a habilidade de sustentar, refutar e negociar posições. Exemplos desse gênero: artigo de opinião, editorial, carta do leitor, resenha crítica, crítica literária e artística, entrevista, debate, diálogo, entre outros.

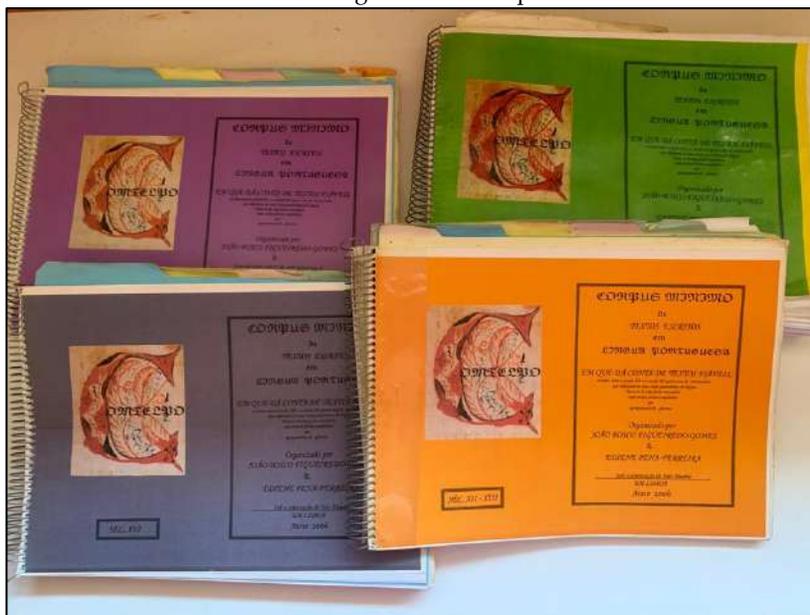
4. Textos de Gênero da Ordem do Expor – cujo domínio social é caracterizado por textos com conhecimento mais sistematizado transmitido culturalmente, conhecimento científico e afins, apresentação textual de diferentes formas de saberes. Exemplos desse gênero: conferência, palestra, ensaios, artigos científicos e técnicos, textos acadêmicos, resumo, prefácio, introdução, prólogo, homenagem, tributo, apresentação, dedicatória, entre outros.

5. Textos de Gênero da Ordem do Instruir ou Prescrever – cujo domínio social é caracterizado por textos variados de instrução, regras e normas que pretendem, em diferentes domínios, a prescrição ou regulamentação de ações; e regulação mútua de comportamentos. Exemplos desse gênero: bula, instrução de uso, regras de jogo, receita, cheque, leis, normas, testamentos, fintos, entre outros.

Selecionamos textos escritos (originais, fac-símiles ou transcrições com grafias preservadas ou editadas de manuscritos ou impressões originais) do século XII a XX, tentando equiparar ou aproximar a) os gêneros mais representativos e b) os mesmos volumes para amostra de cada século e os agrupamos em:

- GON (Gêneros da ordem de narrar)
- GOR (Gêneros da ordem de relatar)
- GOA (Gêneros da ordem de argumentar)
- GOE (Gêneros da ordem de expor)
- GOP (Gêneros da ordem de prescrever)

Figura 22 - Exemplos do Corpus Mínimo de Textos Escritos em Língua Portuguesa – Comtelpo.



Fonte: Arquivo pessoal.

Um ano e meio após meu retorno de Portugal, no dia 04 de dezembro de 2007, defendi a tese de doutorado com o título *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo panorâmico do verbo chegar*. Subsidiados pela proposta teórica do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana, que prioriza o estudo da língua em situação comunicativa e descreve os fenômenos linguísticos conjugando componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos, investigamos, nesta tese, construções com o verbo *chegar*, sob a perspectiva do processo de mudança chamado *Gramaticalização*.

Em linhas gerais, consideramos gramaticalização o processo de mudança linguística pelo qual itens e construções lexicais tornam-se gramaticais, ou itens e construções já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticais.

Embora os estudos sobre a origem das formas gramaticais não sejam recentes, remontam aos escritos de Humboldt, por volta de 1822, e de Meillet (1912), nos últimos anos notamos uma crescente preocupação com o tema. O interesse em estudar a interação entre sintaxe e discurso impulsionou muitos trabalhos. No Brasil, merecem destaque Gonçalves (1987), Martelotta, Votre e Cesário (1996), Castilho (1997), Galvão (1999, 2001), Naro e Braga (2000), Nogueira (2001), Gonçalves (2003), entre outros.

Esses estudos encontram-se abrigados no paradigma do Funcionalismo, que concebe os padrões sintáticos como resultado do uso da língua; em outras palavras, as regularidades da língua são determinadas pelas necessidades comunicativas. É à luz do funcionalismo linguístico que buscamos subsídios para a análise de diferentes usos de *chegar*. Consideramos que esse item sofre alterações semânticas a ponto de apresentar mudança categorial.

O objetivo central da nossa pesquisa foi rastrear, mediante uma investigação de natureza pancrônica, propriedades e/ou condicionamentos envolvidos no processo de gramaticalização de *chegar*, nos diferentes usos deste item no português arcaico, moderno e contemporâneo de Portugal e do Brasil. Além desse objetivo, outros, mais específicos, nortearam nosso trabalho, tais como:

a) identificar os diferentes usos de *chegar* no português arcaico, moderno e contemporâneo de Portugal e do Brasil e, dentre esses usos, uma forma fonte, a partir da verificação da frequência e das propriedades postuladas nas escalas de gramaticalização;

b) investigar como se manifesta o processo de auxiliarização na mudança de estatuto categorial de *chegar* e, considerando os estágios de auxiliaridade propostos por Heine (1993), observar até que estágio se estende tal processo;

c) pesquisar como se caracterizam os diferentes usos de *chegar*, observando os mecanismos cognitivos e comunicativos que atuam no processo de gramaticalização desse item;

d) avaliar os critérios de auxiliaridade, discutidos e propostos nesta tese, para avaliar o estatuto de auxiliaridade de *chegar*;

e) investigar que funções gramaticais e/ou textual-discursivas são expressas pela construção *chegar a* seguida de verbo infinitivo (*chegar a + INF*)

Formulamos a hipótese de que as propriedades e/ou condicionamentos de ordem morfológica, sintática, textual-discursiva e cognitiva estão envolvidos no processo de gramaticalização de *chegar*.

De acordo com os postulados funcionalistas, a gramaticalização é um processo de mudança unidirecional, por meio do qual elementos lexicais e construções passam a desempenhar funções gramaticais. Mas essa mudança não se dá abruptamente, o que implica o caráter gradual da gramaticalização. Dessa forma, podemos dizer que há uma cadeia de mudança representada por uma linha virtual. No ponto mais à esquerda dessa cadeia, alocam-se os itens lexicais e, no ponto mais à direita, alocam-se os itens gramaticais. Os itens localizados mais à esquerda originam os itens da direita, servindo-lhes de forma fonte, cujas características são as propriedades lexicais plenas, peculiares à classe a que pertencem. De acordo com os postulados teóricos dos estudos de gramaticalização, dentre diferentes usos de *chegar*, a forma fonte constitui o uso mais concreto, com valor auto-semântico, que está situado num ponto mais à esquerda da escala de mudança, com variabilidade verbal plena e com o traço [+Movimento], isto é, deslocamento no espaço de um ponto X para um ponto Y.

Os verbos, em geral, expressam conceitos lexicais, pertencem a um inventário aberto e, do ponto de vista nocional, representam ações, estados ou processos (BORBA, 2003, p.61). São considerados plenos quando constituem predicados das orações, ou seja, “designam as propriedades relacionais que estão na base das

predicações que formam quando eles se constroem com os seus argumentos e demais elementos do enunciado” (NEVES, 2000, p.25). Os verbos plenos, então, têm propriedades sintáticas e semânticas, como o número de argumentos implicados, a categoria morfossintática, e a função semântica desses argumentos, além das restrições de seleção para a sua realização lexical. Quando um verbo perde algumas dessas características lexicais e passa a expressar conceitos gramaticais, esse verbo pode estar em processo de gramaticalização e, em consequência, de verbo pleno passa a verbo auxiliar. Esse processo é conhecido na literatura como *auxiliarização*. De acordo com Longo e Campos (2002), trata-se de uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar cujo complemento será o verbo base; e a perífrase que forma um complexo unitário com o verbo e uma das formas nominais do verbo.

De acordo com as bases teóricas sobre gramaticalização e auxiliaridade apresentadas nos capítulos subsequentes, entendemos que os verbos se gramaticalizam para expressar categorias gramaticais, como Tempo, Aspecto e Modo. Em observância aos usos de *chegar*, formulamos a hipótese de que esse verbo, ao sofrer o processo de gramaticalização, não expressa funções gramaticais prototípicas, mas é usado com funções textual-discursivas, como a de marcar mudança temporal na narração de eventos, limite, contra-expectativa e consequência.

Para atingirmos os nossos objetivos e confirmarmos ou refutarmos nossas hipóteses, optamos por realizar um estudo pancrônico, por considerarmos que o processo de gramaticalização é um fenômeno tanto diacrônico quanto sincrônico. Utilizamos como *corpora* amostras de textos do *Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa – COMTELPO*, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006). Da coletânea, que possui textos de diferentes gêneros do século XII ao século XX, selecionamos um total de 2.000 páginas, a partir das quais atingimos uma soma de 795 (setecentas e noventa e cinco) ocorrências de *chegar*.

Como material de apoio, decidimos analisar uma amostra de fala, para verificar se os diferentes usos de *chegar* ocorrem, indistintamente, na língua oral e na língua escrita. Para estefim, utilizamos amostras do português brasileiro, do século XX, pertencentes ao Projeto NURC.

Cada ocorrência registrada em nossos *corpora* foi analisada considerando os critérios morfossintáticos, semânticos e pragmáticos que constituem nossas categorias de análise, descritas no capítulo 4. Para a análise quantitativa, utilizamos o pacote computacional Varbrul, fizemos uso do programa Make3000, para apurar a frequência. Vale ressaltar que esse procedimento foi utilizado pela possibilidade de manipular grande volume textual, mas nosso objeto de estudo não é um fenômeno linguístico variável nos termos clássicos da teoria variacionista.

A tese teve capítulos de ordem teórica, voltados para a discussão sobre Linguística Funcionalista, o processo de Gramaticalização e Auxiliaridade, e de capítulos destinados à descrição e à análise das construções em que figuram nosso objeto de investigação: o verbo *chegar*.

No capítulo 1, intitulado *O Paradigma Funcionalista*, apresentamos o quadro teórico geral que norteia nossa pesquisa, e tecemos comentários sobre a concepção funcionalista de linguagem, e sobre a relação entre gramática, discurso e cognição.

No capítulo 2, cujo título é *A Gramaticalização*, apresentamos um breve histórico desse processo de mudança linguística, suas características, princípios e discussões que possibilitam a compreensão desse fenômeno, e nos auxiliam na análise do processo de mudança que envolve *chegar*.

No capítulo 3, intitulado *Auxiliaridade: Aspectos Conceituais*, fizemos uma exposição de discussões teóricas e de alguns conceitos sobre auxiliaridade. Como nosso propósito é aplicar testes que revelem em que medida *chegar* apresenta características de auxiliar, resenhamos alguns trabalhos que utilizam critérios e estágios de auxiliaridade, de modo a nos posicionarmos acerca desses critérios, para fazermos uma descrição mais rigorosa do

nosso objeto de estudo. Ao final do capítulo, elegemos alguns critérios para a análise da auxiliaridade de verbos.

No capítulo 4, *Delimitação do Objeto e Procedimentos Metodológicos*, descrevemos características de *chegar*, identificamos alguns usos e apresentamos a seleção, a constituição e a delimitação dos *corpora* escolhidos para a análise dos diferentes usos de *chegar*. Apresentamos, ainda, os procedimentos de análise e as categorias que nos auxiliam na investigação dos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivos que influenciam o processo de mudança linguística do verbo *chegar*.

Usos de Chegar ao Longo dos Séculos é o título dado ao capítulo 5, em que discutimos a frequência de usos de *chegar* ao longo dos séculos e os tipos de *chegar* encontrados em predicado simples e na construção *chegar a + INF*. Merecem destaque, nesse capítulo, as diferentes acepções e a ampliação funcional de *chegar*.

No capítulo 6, *A Manifestação do Processo de Auxiliaridade de Chegar*, fazemos uma análise da construção *chegar a + INF*, com o propósito de testar nossa hipótese do estatuto de auxiliaridade e, portanto, de gramaticalização, do item *chegar* na construção.

No último capítulo de análise, cujo título é *O estatuto de auxiliaridade e gramaticalização de chegar*, discutimos os resultados dos testes de auxiliaridade, que nos permitiram esboçar algumas conclusões referentes a que estágio de auxiliaridade *chegar* se encontra, e ao grau de gramaticalização do nosso objeto de estudo.

Por fim, apresentamos as principais *Conclusões* a que chegamos por meio das discussões teóricas e da análise das ocorrências registradas em nossos *corpora*. Pelos resultados obtidos, confirmamos nossa hipótese de que *chegar* está em processo de gramaticalização.

Figura 23 - Banca de defesa de tese – Fortaleza, 2007.



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a elaboração de minha tese e depois de concluí-la, participei de grandes eventos, escrevi e apresentei os seguintes trabalhos:

- A auxiliarização do verbo chegar. XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos – João Pessoa, 2004.
- O percurso de gramaticalização de chegar. XIX Encontro Nacional da Anpoll – Maceió, 2004.
- Metáfora e gramaticalização: um estudo do verbo chegar. III Conference on Metaphor in Language and Thought. Fortaleza, 2008.
- Ampliação funcional de chegar. XXIII Encontro Nacional da Anpoll. Goiânia, 2008.
- Aspectos de gramaticalização de chegar. *Rosae*: I Congresso Internacional de Linguística – Salvador, 2009.
- Aspectos do processo de gramaticalização: um olhar sobre o verbo chegar. II Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia. Belém, 2009.
- Aspectos da aquisição de verbos (semi)auxiliares no português europeu. VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa, 2009.

Trabalhos publicados:

- Auxiliarização do verbo chegar. *In*: NOGUEIRA, M. T (Org.) **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Edições UFC, 2007.
- O fluxo de informação e a contiguidade tópica. *In*: NOGUEIRA, M. T (Org.) **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Edições UFC, 2007.
- Estrutura argumental preferida em textos orais da Amazônia paraense. *In*: NOGUEIRA, M. T (Org.) **Estudos Linguísticos de Orientação Funcionalista**. Edições UFC, 2007.
- Plurilinguismo e o código da linguagem (em parceria com FIGUEIREDO-GOMES e BARBOSA). **Expressão**. v.38, 2007.
- Uma análise da estrutura argumental preferida em textos orais da língua portuguesa. **Leitura** – UFAL, 2007.
- O processo de gramaticalização: um estudo do item chegar. *In*: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, G.(org.) **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH, 2008.
- A manifestação do processo de auxiliaridade do verbo chegar. **Diadorim**, v.4, 2008.
- Funções discursivas da construção chegar a + INF. *In*: MARÇALO, Maria João; LIMA-HERNANDES, Maria Célia et all. (org.) **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Évora: Uévora, 2009.
- O processo de auxiliaridade do verbo chegar: um olhar funcionalista. **Moara**, v. 30, 2009.

8.2 Pós-doutorado

Sete anos depois de ter concluído o doutorado, cruzei novamente o Atlântico e voltei a mares já navegados, desta vez para minha pesquisa pós-doutoral. Em fevereiro de 2014, iniciava, no Instituto de Linguística Teórica e Computacional – ILTEC, em Lisboa, Portugal, sob orientação de Lachlan Mackenzie, e financiado pela Capes, o estudo que denominei de *Uma análise*

funcionalista dos pronomes pessoais no Português Brasileiro e no Português Europeu.

O interesse por esta investigação surgiu pela observação de uso dos pronomes pessoais do caso reto na função de complemento verbal, como em (01) e o uso dos pronomes oblíquos na função de sujeito, como em (02):

(01) nós adotamos **ele**... então... no caso ele é o irmão... sobrinho né? (*k27-EP) (PENA-FERREIRA; LIMA-GOMES, 2010)

(02) deram... contribuição com dinheiro e... e para **mim** puder ter essa embarcação... (FK8DL)

Esses usos nos levaram a refletir sobre o paradigma dos pronomes pessoais e sobre a mudança como o fenômeno inerente a todo sistema linguístico. Surgiram, portanto, as seguintes indagações:

- Estaria ocorrendo uma mudança de paradigma nos pronomes pessoais, considerando essa alternância de uso entre os pronomes retos e oblíquos?

- Essa mudança caracterizaria somente o português brasileiro ou caracterizaria também o português europeu?

- Que fatores linguísticos condicionariam essa mudança?

- A alternância, pronomes retos funcionando como complemento verbal e pronomes oblíquos funcionando como sujeito, ocorreria em todas as pessoas ou haveria uma “preferência” por uma pessoa do discurso?

- O tipo de verbo, suas características semânticas e sintáticas, condicionaria a escolha do pronome como complemento, se reto ou oblíquo?

- Essa mudança se caracterizaria como uma inovação ou como uma tendência existente e já prevista no sistema da língua portuguesa?

Para responder a esses questionamentos, analisamos *corpora* de textos escritos e orais do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB). Para observação de textos escritos utilizamos como referência o *Corpus do português*, organizado por Mark Davies e

Michael Ferreira (2006), o COMTELPO (Corpus Mínimo de Textos Escritos da Língua Portuguesa), organizado por Figueiredo-Gomes e Pena-Ferreira (2006), e o Projeto Fly (Forgotten Letters Years 1900-1974) (MARQUILAS *et al.*, 2008). Os dados dos textos orais foram retirados do CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CLUL, 2012) e do CTOPS - Corpus de Textos Oraís do Português Santareno (PENA-FERREIRA; LIMA-GOMES, 2010).

Além dos textos produzidos por falantes de Portugal e do Brasil, analisamos ainda textos orais de falantes de língua portuguesa de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Goa, Macau, Timor-Leste.

A pesquisa mostrou que há uma liberdade, no português popular tanto brasileiro quanto europeu e africano, quanto ao uso dos pronomes pessoais. Como já apresentado acima, há frequente substituição, no PB, embora com coexistência, dos pronomes *tu* e *nós* por *você* e *a gente*, respectivamente; e a substituição do pronome *vós* por *vocês*. Mas esses usos também ocorrem no PE popular. Alguns estudos sobre a linguagem popular em Portugal comprovam isso. Alves (1965, p. 180) estudou a linguagem dos pescadores de Ericeira, uma vila que fica a 42 km de Lisboa, e constatou que:

Embora as formas do pronome pessoal sejam as mesmas do português normal, observam-se, no entanto, diferenças na 1ª pessoa e 2ª pessoas do plural para as quais se empregam as formas: (a) 1ª pessoa – a gente (a par de nós) “a gente somos pescadores”; (b) bocês, boceses (nunca vós).

Esses usos foram constatados também por Cruz (1991), que estudou a aldeia de Odeleite, uma comunidade que pertence ao concelho de Castro Marim, de que dista 14 km, à comarca de Vila Real de Santo António e ao distrito de Faro. A aldeia de pescadores, lavradores e canasteiros tem forte influência moura. Cruz (1991) observou que *o pronome sujeito nós é muito frequentemente substituído pela expressão a gente, como é próprio da linguagem popular:*

- (10) “Quand’ a gente pod’ à vinha...”
(11) “A genti orden’ a vaca, ô a ovelha, ô essi que fôri...”
(12) “chama-l’ a gente atafarrilha”
A forma do plural *vós* é substituída por *vocês*:
(13) “Vocês é que sabem...”

E o pronome *comigo* é geralmente substituído pela expressão *mais eu*.

- (14) “Foi ele mais eu...”

Essa substituição também é realizada no nordeste brasileiro: “o homem que vive mais eu...”²

Em Malhada Velha, uma aldeia no Concelho de Penela, distrito de Coimbra, a substituição do pronome *nós* por *a gente* também foi confirmada por Oliveira (1992). A autora diz que o pronome *nós* é usado na Malhada Velha como no português-padrão. Por vezes é substituído pelo indefinido ‘a gente’:

- (15) “Nós semos labradoris”
(16) “A genti ó pé d’elis num ganha sebo!”

E constatou que o pronome *vós*, pelo contrário, é sempre substituído por *bocê(s)*, *bossemecê(s)*

- (17) E ká stou a aborrecer a vossemecê, num stou?
(18) Bocês são mas é uns rabacêros!

Em relação ao uso dos pronomes pessoais na função de sujeito e de complemento, Alves (1965) constatou que, em Ericeira, as formas do complemento direto *o*, *a*, *os*, *as* e de complemento indireto *lhe*, *lhes*, aparecem substituídas pelas formas *ele*, *ela*, *a ele*, *a ela*, *a eles*, *a elas*.

- (19) “Eu não quero ele cá dentro”.
(20) “Tinha uma cadêra de berga, escangalhei-ela”.
(21) “Bendi eles há munto ano”.

² Fala espontânea de mulher, 50 anos, diarista, em Fortaleza/CE.

(22) “Molhómos elas todas”

Cruz (1991) observou que em Odeleite o pronome pessoal complemento é usado por vezes com função de sujeito:

(23) “... dá pra mim guardari”.

O caso contrário, o uso do pronome sujeito com função de complemento também se observa por vezes:

(24) “A gente agora vai cercando elas”

Consultando a base de textos orais do CRPC, vimos que o pronome indefinido a *gente* vem sendo usado no PE popular com verbo na 1ª pessoa do plural:

(25) “é sim, minha senhora, o navio fica ancorado e a *gente* íamos com os botezinhos é que íamos procurar³”

Utilizando a mesma base, verificamos o comportamento dos pronomes no português africano. Encontramos a *gente* substituindo o pronome *nós* em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau:

(26) “eu acho que hoje em dia, com a proliferação de doutores que a gente tem” (Angola)

(27) “essas crianças que a gente tem, ao ficarem em casa só por dois meses” (Moçambique)

(28) “sim, a gente sabe.” (Guiné-Bissau)

E os pronomes *ocê* e *ocês* substituindo *tu* e *vós* em Angola e Goa:

(29) “bom, formada, depende do que você entende por formada, porque, escola secundária, como digo” (Angola)

(30) “qualquer coisa que você julga e você acredita” (GOA)

(31) “vocês entre, en[...], mas, en[...], na juventude” (GOA)

³ Falante da cidade de Aveiro.

Os dados de Angola nos mostraram que, a exemplo do que ocorre no PB e no PE, os clíticos *o, a, os, as* são substituídos por *ele, ela, eles, elas*.

(32) “eu e o padre Horácio é quem acompanhámos ela até ao hospital” (Angola,002)

Em Moçambique, encontramos os clíticos *o, a, os, as* substituídos por *a ele, a ela*.

(33) “que eu sigo *a ele*” (Moçambique)

(34) “do, do jogo, não é, a, de, da corrida, muita gente começou a criticar *a ela*.” (Moçambique, 005)

O clítico *me* ganhou reforço com a presença de *a mim*.

(35) “e outro segue-me *a mim*” (Moçambique)

Em Angola, o pronome oblíquo *mim* também é usado como sujeito.

(36) “eu tive de sair mesmo da minha família e arranjar um cantinho que é para mim poder viver sozinho trabalhar normalmente, para mim poder sobreviver.” (Angola, 004)

Nos Açores, também encontramos usos parecidos. Medeiros (1964, p. 72), ao estudar a linguagem da Ilha de São Miguel, constatou que “com infinitivo conjugado, nas circunstâncias de fim, a forma pronominal de primeira pessoa que se usa é **mim** e não **eu**; *p’a mim comê(r)*; *p’a mim me desembaraça(r)*”.

Os dados apresentados revelam que o uso do pronome do caso reto em função de objeto e o uso do pronome oblíquo em função de sujeito, tidos como características do PB⁴, ocorrem nas demais

⁴ Un phenomèna remarquable est celui de l’inversion des pronoms (...). Le pronom sujet s’emploie au lieu d’accusatif: chamar eles “chamá-los” ou “chamá-los a eles”. (LEITE DE VASCONCELLOS, 1970, p.132).

variedades da língua portuguesa, sendo, portanto, um traço peculiar a essa língua e não a uma variedade específica.

Podemos ser tentados a pensar que esses usos são recentes na língua portuguesa, mas Nunes (1989) atesta o uso de **eles, elas** como formas de objeto direto no português arcaico: Na literatura antiga encontra-se por vezes o pronome *ele* ou *el* empregado também como acusativo ou complemento directo; assim no Livro de Esopo (edição Leite de Vasconcelos) lê-se *que enforacariam ell*. Veja-se exemplo idêntico em documento do século VIII, pág.39. Igual prática subsiste no português do Brasil, segundo informa Leite de Vasconcelos no seu livro *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. (LEITE DE VASCONCELLOS, 1970, p.33, 39).

Esse emprego dos pronomes, então, poderia ser considerado um uso existente no português arcaico e que se manteve no português popular contemporâneo, com maior ou menor frequência dependendo da variedade. No PB, por exemplo, esse uso, na oralidade, é praticamente generalizado. Campos e Pena-Ferreira (2013) observaram que, independente da classe social ou do nível de escolaridade, os falantes tentem a usar tanto os pronomes retos na função de complemento quanto os pronomes oblíquos na função de sujeito.

As fontes pesquisadas nos mostraram que o uso, objeto de nossa investigação, embora com alta frequência no PB, não é uma exclusividade desta variedade da língua portuguesa. Com exceção do Brasil, onde verificamos esse uso na oralidade, e às vezes na escrita menos monitorada, independente da classe social e/ou da escolaridade, notamos que, em outras comunidades linguísticas onde esse uso foi registrado, este se caracteriza como sendo um uso tipicamente popular, próprio das camadas menos escolarizadas. Foi o que se observou em Portugal, nas vilas de Ericeira, Malhada Velha e Odeleide, e nos Açores, na Ilha de São Miguel e na Ilha Terceira.

Notadamente, parece ser no Brasil que o uso dos pronomes retos em função de complemento e dos oblíquos em função de sujeito melhor se acomodou na estruturação sintática da língua portuguesa. Enquanto que no PE, tanto continental quanto insular,

o uso tende a desaparecer devido ao aumento da escolarização dos falantes, no Brasil, conforme observamos nos nossos dados, este uso está cada vez mais frequente e disseminado.

Na fala popular, as formas do objeto direto clítico convivem com as formas do objeto direto não-clítico, e aparecem como opção para o falante competindo com aquelas e, não raras vezes, são as formas preferidas pelo usuário do português. Citando Du Bois (1987), para quem motivações em competição são propulsoras de funções gramaticais, podemos apontar como formas que competem no sistema pronominal da língua portuguesa as seguintes: *tu* e *ocê*; *contigo* e *com ocê* (2ª pessoa do singular); *nós* e *a gente*, *conosco* e *com a gente* (1ª pessoa do plural); *vós* e *ocês*, *convosco* e *com ocês* (2ª pessoa do plural); assim como, as formas da 4ª coluna, do quadro acima, competem com as formas da 5ª coluna na função acusativa. Em função dativa a forma *lhe* compete com as formas *o/a* e *te* (eu *lhe* amo; eu *o/a* amo; eu *te* amo).

Na função de sujeito, os pronomes *mim* e *ti* competem com *eu* e *tu*, respectivamente, quando antecidos da preposição “*para*” seguidos de verbo no infinitivo. E não parece ser esse uso uma inovação do português brasileiro.

Figura 24 - Com o prof. Mackenzie. Lisboa, 2014.



Fonte: Arquivo pessoal.

A realização dessa pesquisa foi um mergulho na língua e na vida portuguesa.

8. A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: *MINHAS EXPERIÊNCIAS*

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente
Um pleonasma, o principal predicado de sua vida,
regular como um paradigma da 1ª conjugação.
Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,
ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos
torturar com um aposto.
Casou com uma regência.
Foi infeliz.
Era possessivo como um pronome
E ela era bitransitiva.
Tentou ir para os EUA.
Não deu.
Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.
A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,
conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.
Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.
(LEMINSKI, 1997)

8.1 Experiência no ensino de graduação e pós-graduação

Lembro de ainda muito criança ter vontade de ser professora, mas uma coisa me incomodava. Como poderia ser professora se ainda não sabia pronunciar direito as palavras?. Os encontros consonantais com a lateral /l/ me eram os mais difíceis. Lembro que minha irmã, apaixonada por futebol e rubro-negra dos pés à cabeça, cobriu as paredes do nosso quarto com reportagens da revista Placar, e sem querer ajudou no meu “problema” de pronúncia. A manchete de uma das reportagens dizia assim: “Empate serve, mas Fla quer a vitória”. Um belo dia, ao olhar a manchete, pronunciei calmamente cada palavra e, como num passe

de mágica, finalmente consegui destravar a língua e pronunciar o encontro consonantal fl. Já podia então, pensei eu, ser professora.

Minha primeira experiência em sala de aula, quando ainda era universitária, foi em uma escola particular em Santarém. Iria substituir uma professora que estava de licença maternidade. Trabalharia língua portuguesa de 5ª a 8ª série e literatura para o 1º ano do ensino médio. Foi uma experiência sofrível, principalmente, nas turmas de 6ª e 7ª série. O assunto eu dominava bem, mas o público adolescente não me foi agradável. Os alunos eram de classe média alta, mimados e indisciplinados. Os alunos da 5ª série me davam presentes, bilhetes e faixas. Gostava deles. Mas preferia a turma do 1º ano. Não sei dar aula para adolescentes, não sei falar a linguagem deles e seria muito infeliz, além de ser uma péssima professora, se tivesse que trabalhar com esse público. Felizmente foram apenas alguns meses.

Quando terminei a graduação, tive uma feliz experiência em sala de aula em uma escola pública. Trabalhei com turmas noturnas de alunos da 1ª a 3ª séries do ensino médio. A relação professora-alunos já foi diferente. Lembro da primeira vez que cheguei à sala de aula. Eu era muito jovem e meu corpo magro me fazia aparentar menos idade ainda. Já estava em iniciando a aula, quando um aluno atrasado entrou na sala e perguntou com inocência (ou desdém?): *É estagiária?* Eu, recém-formada, respondi firme: *Não, sou professora formada.* Para alguns alunos, minha frase foi suficiente para impor respeito e ter com a turma boa relação. Mas nunca tive desejo de trabalhar na educação básica. Meu objetivo sempre foi o ensino superior.

Oficialmente iniciei minha carreira docente no ensino superior no dia 30 de dezembro de 1997, data da assinatura de minha portaria. Havia terminado o curso de Letras e estava na metade do curso de especialização *Língua Portuguesa: uma abordagem textual*. A Universidade Federal do Pará abriu concurso para professor efetivo de Língua Portuguesa no período em que eu estava terminando o curso e ainda não poderia concorrer. Foram ofertadas duas vagas para Santarém e somente um candidato inscrito. Para

minha surpresa, o candidato não foi aprovado e o concurso seria reeditado. Quis acreditar que, assim como na mitologia grega, os deuses do Olimpo tivessem interferido nas ações humanas, para eu fosse a escolhida, pudesse concorrer e quem sabe ser aprovada.

Intervenção divina ou não, o concurso foi reaberto um ano depois, quando dispunha de meu diploma de graduada. Pela última vez, a UFPA editava um concurso para o corpo docente efetivo sem exigência de titulação conferida pelos cursos de Pós-graduação, bastava o diploma de graduação. Confiante de que “tudo concorre para o bem dos que amam o Senhor” (Rm, 8, 28), fiz minha inscrição e, arduamente, comecei a estudar os vinte tópicos disponibilizados no edital de seleção. Um deles, por sorteio, seria o tema da prova escrita e o outro seria o tema da prova didática, para os candidatos aprovados na prova escrita.

Para estudar os tópicos, tive auxílio do prof. Leonel Mota, meu professor de Linguística e Língua Portuguesa na graduação. Ele me doou alguns livros, leu alguns rascunhos que eu escrevia e, principalmente, me incentivou a concorrer e a acreditar no meu potencial. Sou-lhe eternamente grata. Diferente do edital anterior, o atual só dispunha de uma vaga (*só preciso de uma*, pensei eu!) e eu tinha dois concorrentes. Lembro que o prof. Aldo Queirós, então coordenador do *campus* da UFPA em Santarém, me encontrou nos corredores e perguntou se eu faria o concurso. À minha resposta afirmativa, ele me disse: *Seja aprovada. Não peço nem pra tu fiques em primeiro lugar, só preciso que tu sejas aprovada*. Senti o peso da responsabilidade e, ao mesmo tempo, certo alívio pela possibilidade de o *campus* poder negociar mais uma vaga para esse concurso.

Alguns meses depois e com os vinte temas escritos e, praticamente, decorados, fui fazer o concurso, que se realizou no próprio *campus* de Santarém. Havia uma grande expectativa para a banca que me avaliaria. Eram três professores vindos de Belém, Profa. Iaci Abdon, Profa. Guilhermina Correa e Prof. Joaquim Nepomuceno. Dos três, eu só conhecia a profa. Guilhermina Correa, de cujo projeto havia sido bolsista.

Meus dois concorrentes e eu nos postamos nervosamente em frente à banca que, depois de todas as explicações necessárias ao certame, sorteou o tema *Estilística da língua portuguesa*. Lembro de escrever quatro laudas e citar Joaquim Mattoso Câmara Jr. e José Lemos Monteiro. Feitas as leituras das provas, foi sorteado o segundo tema, que serviria para aula didática. O tema sorteado foi *Sintaxe de regência da língua portuguesa*. Fui apressadamente para casa preparar a aula. Na época, 1997, não havia muitos recursos disponíveis. Retroprojetor ainda era luxo e tive que fazer meu esquema de aula em cartolinas, para no dia seguinte dar minha aula.

Ciente de que meu material didático estava sofrível, aguardei meu horário, pois de acordo com o sorteio eu seria a terceira a me apresentar. Estava tranquilamente na sala minúscula onde funcionava a coordenação do ABL (Projeto de Alfabetização do Base Linguística), quando o prof. Joaquim Nepomuceno abre a porta e diz: *Vamos, Ediene, você é a única candidata, os outros dois desistiram!* Meu coração acelerou, juntei minhas humildes cartolinas e parti para minha aula didática.

Confesso que a banca me deixava confusa, pois os professores nem me olhavam quando comecei a “dar aula”. Havia, na sala, algumas pessoas assistindo, entre elas minha amiga Aya, que sempre esboçava um sorriso encorajador quando meus olhos se fixavam nesse rosto conhecido. Um pouco insegura, concluí meu tempo. Os professores da banca se despediram de mim sem dar nenhuma pista de como eu me havia saído. Entretanto, as palavras do prof. Nepomuceno me deixaram muito confusa: *Continue seu curso de especialização, Ediene*. Como interpretar essas palavras? *Continue o curso, porque o que você demonstrou aqui não foi suficiente* ou *continue o curso, porque você vai precisar adquirir muito conhecimento, pois será professora universitária?*

A resposta não tardou a chegar. Tínhamos a primeira professora de língua portuguesa efetiva da UFPA do *campus* de Santarém. Um misto de alegria, ansiedade e medo tomou conta de mim. Tomei posse em dezembro de 1997 e em janeiro de 1998 estava eu ministrando Língua Portuguesa I (leitura e produção

textual), para a primeira turma de Letras – habilitação em inglês do *campus* de Santarém. A turma era intervalar e as aulas eram intensivas. Acho que me saí bem na primeira experiência.

Em março, fui lotada nas turmas regulares. Lembro de ministrar disciplinas consideradas “pesadas” no curso. Meu maior desafio foi ministrar a disciplina Língua Portuguesa VIII, para a turma Letras 94, uma turma concluinte. A disciplina tinha por ementa variação linguística, o conteúdo não era difícil e eu o dominava bem, mas daria aula para meus colegas. A turma de Letras 92, da qual eu fazia parte, entrou na universidade apenas dois anos antes, os alunos da turma 94 eram meus contemporâneos e isso acabou criando uma animosidade velada antes do início das aulas. Lembro de estudar com muito afinco, para essa disciplina. No final tudo deu certo e ainda lembro com carinho a festa de formatura dessa turma, que participei pela primeira vez na qualidade de docente da instituição.

Depois dessa experiência, vieram outras. Em 1999, o *campus* de Santarém, levando adiante o processo de interiorização da UFPA, implantou nos municípios de Monte Alegre, Itaituba e Oriximiná, o curso intervalar de Letras – Língua Portuguesa. Fiquei responsável pela disciplina Português Instrumental na turma de Oriximiná. Lembro de preparar com muito carinho o material a ser utilizado juntamente com meu amigo Washington Abreu, colega de graduação e nessa ocasião também docente concursado da UFPA. Ele foi para Monte Alegre e eu fui para Oriximiná. A abertura da primeira turma de Letras da UFPA em Oriximiná foi solene, com direito a almoço na AABB local. Estavam presentes o prof. Aldo Queirós, o prefeito de Oriximiná, a secretária de educação e demais autoridades.

A Oriximiná voltei inúmeras vezes, para ministrar disciplinas, participar das conquistas dessa turma – da qual tive a honra de ser a paraninfa – e para visitar amigos que fiz desde a primeira vez que lá estive. Oriximiná é um lugar pelo qual tenho imenso carinho, os moradores se tornaram meus conhecidos; os conhecidos se tornaram meus amigos; alguns amigos se tornaram irmãos. Cito

aqui Raimundo Nonato de Pádua Câncio, aluno da turma de Letras 99, meu orientando de graduação, hoje Doutor em Educação e professor da Universidade Federal do Tocantins; e Antonio Gonçalves Lima, hoje também Doutor em Educação e professor da rede pública de Oriximiná. Sei que, nas conquistas acadêmicas dos meus amigos, tive influência positiva. Eis o verdadeiro papel do professor!

A região amazônica é permeada por rios e florestas, nossas distâncias não são contadas em quilômetros, são contadas em horas ou dias. Essa contagem faz parte da vida do professor que atua nessa região. Uma universidade *multicampi* no interior da Amazônia tem por desafio, dentre vários que enfrenta, o acesso às comunidades de sua área de atuação. O curso de Letras do *campus* de Santarém atuava nos polos de Itaituba, Monte Alegre, Oriximiná e Curuá. O deslocamento, até início dos anos 2000, era feito exclusivamente por barcos que, na nossa região, recebem o nome de gaiolas.

A depender do município, variavam o tamanho do barco e o conforto que seria oferecido aos professores. Posso dizer que ser professor no interior da Amazônia é sempre uma aventura. Às vezes perigosa quando se enfrenta a fúria dos rios caudalosos, mas sempre muito compensador.

Nos primeiros anos de docência no ensino superior, concluí meu curso de especialização e ministrei todos os níveis de Língua Portuguesa (LP I – leitura e produção textual; LP II – história da língua portuguesa; LP III – fonética e fonologia; LP IV – morfologia; LP V – morfologia/flexão e derivação; LP VI – sintaxe I; LP VII – sintaxe II; LP VIII – sociolinguística), além dos três níveis de Linguística.

Figura 25 - Em sala de aula em Itaituba, 2001.



Fonte: Arquivo pessoal.

Sentindo a necessidade de me qualificar, no ano 2000, prestei seleção para o curso de Mestrado em Letras da UFPa, fiquei dois anos licenciada para qualificação. Em 2002 voltei com o título de Mestre em Linguística. Assumi a coordenação do curso de Letras, junto com a profa. Ana Maria Vieira, foi minha primeira experiência como gestora.

Estava bem animada com a titulação de Mestre, queria melhorar minha prática docente e começar a escrever alguns projetos. O tempo de gestão “nos rouba” o tempo de dedicação às atividades acadêmicas, e a necessidade de entender os trâmites burocráticos – ninguém nos ensina a ser coordenador de curso – deixou tímida minha vontade de elaborar projetos de pesquisa. Senti necessidade de continuar me qualificando, por isso fiz seleção para o curso de doutorado em Linguística na Universidade Federal do Ceará.

Ao sair para meu doutoramento, em março de 2004, havia no *campus* de Santarém as primeiras articulações para a transformação do *campus* em universidade. Algumas reuniões começaram a ser

feitas e o sonho de independência foi sendo construído. Estávamos em um contexto político favorável, com a eleição de um partido de esquerda, disposto a negociar com as universidades e disposto a aumentar o número delas.

Retorno em 2008 com o título de Doutora, a primeira doutora em Linguística do *Campus* de Santarém, e passo a acompanhar de perto a formação de um Grupo de Trabalho, responsável pela elaboração da proposta de criação da primeira universidade federal no interior da Amazônia. Coordenava o *campus* de Santarém, na ocasião, a profa. Maria Marlene Escher Furtado. Com interesse de dar mais vitalidade e caráter universitário ao *campus*, profa. Marlene criou as coordenações de ensino, de pesquisa e pós-graduação, e extensão. A coordenação de ensino ficou sob a responsabilidade da profa. Fátima Matos; a coordenação de pesquisa e pós-graduação, sob responsabilidade da profa. Solange Ximenes e por mim; e a coordenação de extensão ficou sob a responsabilidade da profa. Mirtes Cortinhas. Com exceção desta última, nós três (Fátima, Solange e eu) tínhamos em comum o fato de termos voltado recentemente do doutorado.

Conforme já dito neste memorial, quando entrei na universidade como estudante em 1992, o *campus* só oferecia três cursos regulares (Letras, Pedagogia e Matemática). Todos os alunos se conheciam e as atividades culturais eram realizadas em comum. Quando terminei o curso de Letras, o número de cursos do *campus* já havia aumentado e ao voltar do mestrado, o prédio do *campus* havia recebido investimento na infraestrutura. Tempos depois, ao voltar doutora, o projeto de criação da Ufopa havia sido encaminhado ao Congresso Nacional e posteriormente tramitado e sancionado. O que quero dizer é que meu crescimento acadêmico-profissional está intimamente ligado ao crescimento do *campus* da UFPA em Santarém a ponto de ao voltar doutora encontrar uma universidade nascente.

Doze anos depois de iniciar minha carreira docente na UFPA, foi assinada, pelo Presidente da República em exercício, José Alencar, a Lei nº 12.085 de 05 de novembro de 2009, que criava a

Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa. A primeira universidade federal no interior do estado do Pará surgiu da incorporação do *Campus* de Santarém da UFPA e da Unidade Descentralizada Tapajós da Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra). A Ufopa nasceu multicampi, com sede em Santarém e com mais seis *campi*: Alenquer, Itaituba, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná.

Como a minha trajetória acadêmica está ligada à UFPA e à Ufopa, advirto ao leitor que as atividades descritas aqui ora fazem referência à UFPA, ora à Ufopa, e nem sempre serão apresentadas cronologicamente.

Universidade criada, novas oportunidades surgiram. Indicada pela profa. Solange Ximenes, fui convidada para assumir a Diretoria de Pesquisa na recém criada Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Tecnológica – Proppit. Liderada, inicialmente, pelo prof. José Antônio de Oliveira Aquino e, em seguida, pelo prof. Marcos Ximenes, a Proppit tinha a importante função de criar a política de pesquisa e pós-graduação na recém-criada universidade.

A pós-graduação tem um papel fundamental em uma universidade. Acompanhei de perto a elaboração da APCN (Apresentação de Proposta de Curso Novo) e a aprovação do curso de Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/Ufopa. O curso aprovado em 2013 e iniciado em 2014. Minha primeira experiência em docência na pós-graduação *stricto sensu* foi na primeira turma do Mestrado em Educação, com a disciplina *Variação linguística e ensino de língua portuguesa*.

Debutei como orientadora de mestrado também nessa turma. Andrea Consoelo Cunha da Silva defendeu a dissertação com o título *A formação intelectual de jovens do ensino médio: caminhos e possibilidades para o pensar autônomo*. A pesquisa consistia em investigar como os alunos do ensino médio, bolsistas do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – Gelopa (que será abordado na sessão seguinte), se desenvolviam intelectualmente em contato com experiências acadêmicas intelectuais. Com ancoragem na

Teoria Crítica de Theodor Adorno, a pesquisa mostrou que as experiências formativas por meio da iniciação científica possibilitaram a ressignificação de concepções de língua, descoberta de potenciais cognitivos, desenvolvimento de autorreflexão, aquisição de autoconfiança e habilidades para trabalhar em grupo.

Embora o trabalho de orientação tenha sido interessante e prazeroso, foi bastante difícil adentrar em concepções de educação, com as quais não trabalhava. Mesmo tendo cursado na graduação um curso de licenciatura, minhas pesquisas no Mestrado e no Doutorado foram em descrição e análise de língua portuguesa, leituras ligadas ao ensino e à educação não fizeram parte da minha bibliografia nos últimos anos. Confesso que isso me deixou bastante insegura e com sentimento de não pertencimento ao Programa de Pós-graduação em Educação. Mas, até o momento, esse era o único curso de mestrado acadêmico, de cuja seleção os concluintes de Letras poderiam participar. Eu precisava pensar nesses alunos e na oportunidade única de eles realizarem um curso de mestrado em Santarém.

Pelo PPGE orientei oito dissertações, estou no aguardo de mais uma defesa de uma orientanda, para me desligar oficialmente do programa.

Pelos idos de 2013, fiquei sabendo de uma nova proposta de programa de pós-graduação, os profissionais. Conheci, então, o Programa de Mestrado Profissional em Letras, o Profletras, um programa em rede, com sede na Universidade Federal do Rio Grande Norte. A notícia fez meus olhos brilharem. Era isso! Um mestrado em Letras. Sem perder tempo, encaminhei um e-mail à professora Maria das Graças Soares Rodrigues, da UFRN, então coordenadora nacional do Profletras. Ela me respondeu que as universidades interessadas em criar turmas deveriam aderir ao programa, para oficialmente fazerem parte da rede, caso cumprissem todos os critérios exigidos para a adesão.

De posse de todo documento necessário, da criação de um possível corpo docente e da infraestrutura disponível para o curso,

a Ufopa encaminhou o projeto, assinado pelo prof. Luís Percival Britto, cujo currículo foi bastante elogiado na ficha de avaliação de nossa proposta. *Obrigada, Percival. Eu não conseguiria realizar esse sonho sem você!* Oficialmente a Ufopa passou a integrar a rede de universidades do Programa de Mestrado Profissional em Letras.

Figura 26 - Registro da Aula Inaugural do Profletras/Ufopa – Santarém, 2015.



Fonte: Arquivo pessoal.

Finalmente estava no lugar onde queria estar. Duas disciplinas do curso ficaram sob minha responsabilidade: a obrigatória Gramática, variação e ensino – da qual faço parte da coordenação nacional; e a optativa Função sociossimbólica da linguagem – retirada da grade após a reformulação do currículo. Até o momento foram sete dissertações orientadas.

Sempre em busca de desafios, outro começou a se desenhar na minha mente. Embora goste muito de trabalhar no Profletras, o curso tem uma restrição, é direcionado apenas a professores que estejam atuando em sala de aula. A proposta cumpre uma importante função social, capacitar professores, isso é de grande importância em um país que pouco valoriza a educação e os profissionais que nela trabalham. Mas a restrição acaba por deixar

de fora da pós-graduação muitos jovens concluintes de Letras. Era preciso, então, um mestrado acadêmico.

O mestrado acadêmico em Letras era um sonho bem antigo, que ficou adormecido entre tantos afazeres na universidade. Na transição UFPA – Ufopa, a nova universidade ganhou de herança os cursos de licenciatura. Antes do 5 de novembro de 2009, muitas turmas de Letras já haviam se formado, se contarmos a partir de 1992, pelo menos 18 turmas de Letras foram formadas só em Santarém. Vale lembrar que atuávamos em Monte Alegre, Oriximiná e em Itaituba. Belterra também teve curso de Letras pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - Fundef. Muitos profissionais foram diplomados pela universidade. Urgia pensar em educação continuada, para qualificar esses profissionais, pois a maioria não teria condições de ir para capital ou outra cidade do Brasil, para cursar a Pós-graduação *stricto sensu*. Havia uma grande demanda.

Pensando nisso – e agora com condições mais favoráveis, já éramos universidade e não apenas um *campus*, grande parte do corpo docente do Programa de Letras já possuía o título de doutor, liderei, em 2019, um grupo de trabalho para montar a proposta de APCN. Não foi fácil construir uma proposta, que precisa ser coesa e sistemática, a várias mãos, vários desejos e vários egos. Mas, como diz aquela frase clichê, no fim tudo dá certo. E deu.

Depois de uma reunião nacional com representantes da Capes, em São Paulo, que participei representando o Profletras, voltei com várias ideias. Uma delas foi a realização de um seminário para discutirmos a proposta a ser apresentada. Conteí com a colaboração dos professores da UFPA, Guilherme Fernandes e Regina Cruz, que deram contribuições importantes e aceitaram fazer parte do nosso corpo docente. Nascia assim o Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, nível mestrado, com uma área de concentração *Estudos de Língua e Literaturas na Amazônia* e duas linhas de pesquisa: *Línguas, culturas e identidades na Amazônia* e *Poéticas da linguagem e culturas na Amazônia*.

Depois de preencher o formulário da Capes com nossa proposta e clicar no botão “enviar”, pedi muita proteção espiritual. Lembro de postar nas redes sociais: *Quem for de reza, reze; quem for de orar, ore; quem for de bater o tambor, bata! Proposta de curso de mestrado em Letras enviada!* Era exatamente esse clima de expectativa, de vibrações positivas e de muita ansiedade. Confesso que ia praticamente todos os dias ao meu perfil da Capes, para ver se havia alguma mensagem, alguma resposta.

Até que, no meio de uma pandemia, no dia 24 de agosto de 2020, num final de tarde, quando me preparava para reunir, via Meet, com meu grupo de estudo, recebi um e-mail da Capes informando que eu havia sido cadastrada como coordenadora de curso. Sem entender muito bem, acessei a Plataforma Sucupira e nela, meu perfil. No item proposta enviada, havia a observação: Proposta recomendada. Sem acreditar, entrei em contato com a Pró-Reitora da Proppit/Ufopa, profa. Lenise Silva, para confirmar o que meus olhos estavam vendo. Sim, proposta aprovada!

No primeiro ano de programa, dividi a coordenação do PPGL com o prof. Elder Tanaka, parceiro de sempre. Escrevemos o primeiro edital e, juntos com os demais professores do programa, aguardamos ansiosos as inscrições e a seleção. Preciso dizer que fiquei um pouco frustrada com o baixo número de inscritos, apesar da divulgação intensa e de nossas *lives* apresentando o programa. Depois fiquei sabendo que muitos não se inscreveram, porque temiam a concorrência, que imaginavam estar alta demais, já que era a primeira turma do tão aguardado mestrado.

A primeira turma iniciou em março de 2022 com quinze alunos. Nesta turma, tenho um orientando, Luênissom Mesquita, que deve defender sua dissertação no final deste ano. Luênissom pesquisa os efeitos de sentido da construção *toma-te* falada na cidade de Santarém. O discente foi meu bolsista do Programa de Iniciação Científica – Pibic do ensino médio e Pibic graduação. Na turma atual, oriento Carlos Xavier, que também foi meu bolsista Pibic do ensino médio e bolsista de extensão - Pibex na graduação, e Jéssica Araújo, que também foi minha bolsista Pibic graduação. É

muito gratificante acompanhar a trajetória desses meninos e saber que estou contribuindo com sua formação.

Nosso desafio agora é ofertar um bom curso de mestrado e atender às exigências de avaliação dos cursos de pós-graduação da Capes. Não há dúvida de que a aprovação do mestrado é um grande passo para consolidação do Programa de Letras e da Ufopa na nossa região.

Se posso me orgulhar de alguns feitos na universidade, cito dois: a criação do curso de Mestrado Acadêmico em Letras e a criação do Gelopa. O primeiro já foi apresentado; o segundo será tema da próxima secção.

8.2 Pesquisa e Extensão: O Gelopa

Minhas atividades de pesquisa e extensão estão vinculadas ao Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará – Gelopa. Não poderia falar sobre essas atividades sem fazer referência ao grupo, por isso achei por bem apresentar minhas experiências em pesquisa e extensão tendo como protagonista o Gelopa.

Durante o Doutorado em Linguística na Universidade Federal do Ceará aprendi, de fato, o que é fazer pesquisa e aprendi a importância de um grupo. O trabalho acadêmico é cada vez mais solitário conforme se avançam os níveis. Na graduação, a depender do curso – e minha experiência é com os cursos de licenciatura – as turmas tendem a ser grandes, de 30 a 40 alunos. As disciplinas diárias e em comum, os exercícios e trabalhos em equipe, as avaliações sobre os mesmos temas, dão uma certa unidade àquelas pessoas, umas mais e outras menos, ávidas de conhecimento. Há partilha, cumplicidade, amizade, rugas, desentendimentos, mas isso tudo cria uma espécie de companheirismo, pois o estudar se faz coletivamente. Até mesmo o Trabalho de Conclusão de Curso pode ser feito em dupla a depender das normativas da instituição.

Nos níveis acima, tanto na Pós-graduação lato sensu (Especialização) quanto na Pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado), as atividades em grupo, os trabalhos coletivos

diminuem. No Mestrado, é você e sua dissertação. No Doutorado, é você e sua tese, num exercício solitário de construir o conhecimento. A solidão acadêmica pode causar desde a desistência do curso até sérios problemas psicológicos. Por isso é muito importante estar cercado por pessoas que entendam suas dúvidas, dificuldades, angústias e que estejam passando, ou já tenham passado, pelas fases de construção de um texto acadêmico. Pensar juntos, discutir juntos, sugerir, criticar são verbos importantes nesta etapa. Participar de um grupo de estudos/pesquisa, liderado por seu orientador ou do qual ele faça parte, é de extrema importância para quem se aventura pelo mundo da pesquisa acadêmica.

Foi esse o papel que o Grupo de Estudos em Funcionalismo – GEF, da Universidade Federal do Ceará (<http://www.gef.ufc.br/index.php>), teve na minha trajetória no doutoramento. Fundado em 2001 e liderado pela minha orientadora de doutorado, Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, o grupo de orientação funcionalista foi uma importante base durante a escritura da minha tese e me fez entender a importância de um grupo para o estudante, para o programa de pós-graduação, para a universidade.

Figura 27 - Lançamento do 1º e-book do Grupo de Estudos em Funcionalismo – GEF/UFC.



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando voltei do doutorado, senti uma falta imensa de ter um espaço para dialogar, repartir e receber. Queria muito discutir as temáticas descobertas no doutorado e queria muito continuar minhas pesquisas. Resolvi então criar um grupo de estudos. Vários nomes passaram pela minha cabeça até que surgiu o Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará.

O grupo foi criado em 2008 com o propósito de discutir, descrever e analisar fenômenos linguísticos do Português Brasileiro, com atenção especial, aos fenômenos que caracterizam o falar paraense. O funcionalismo linguístico foi o suporte teórico adotado para investigar os temas centrais desenvolvidos no grupo que são: variação e mudança linguísticas. A metodologia adotada segue os princípios da sociolinguística. Para além do enfoque de pesquisa, o grupo também tem desenvolvido projetos voltados para o ensino de Língua Portuguesa e proposto atividades pedagógicas para a prática docente.

Entre os objetivos do Gelopa estão o geral: descrever e explicar as relações gramaticais, integrando componentes sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos identificados nos diferentes usos das línguas naturais, e os específicos identificar, descrever e analisar fenômenos em variação e mudança; identificar domínios funcionais com diferentes níveis de codificação linguística ao longo do contínuo léxico-gramática; discutir a relação língua; ensino e práticas docentes.

Cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o grupo tem duas linhas de pesquisa: Descrição e análise linguística; ensino de língua. Ao longo dos 15 anos de existência, o grupo tem reunido professores (da Ufopa e de outras universidades, da educação básica), alunos do ensino médio, da graduação e da pós-graduação (acadêmico e profissional), egressos.

Nos idos de março de 2008, fui de sala em sala do curso de Letras, informando a criação do Gelopa e convidando alunos e professores, para uma reunião, onde explicaria os objetivos, teoria de base e propostas de trabalho. Numa sala pequena do *campus* Rondon da então UFPA nascia o Gelopa. Ainda lembro dos olhares

curiosos e atentos dos alunos durante as primeiras reuniões. O grupo foi pioneiro e as atividades de pesquisa não faziam parte do dia a dia da graduação.

Com risco de esquecer algum nome, pois como disse, na nota de advertência deste texto, a memória já não me é uma companheira fiel, quero citar os primeiros alunos que acreditaram comigo no sonho de se fazer pesquisa linguística no interior da Amazônia, que concordaram com minhas ideias incomuns e embarcaram na aventura de reunir semanalmente para estudar textos que ainda não estavam na bibliografia do curso, de escrever projetos e de realizar eventos. As integrantes do grupo passaram a ser chamada de gelopetes e os integrantes, de gelopitos. Assim, a primeira geração de gelopetes e gelopitos foi constituída por:

- Marcela de Lima Gomes: bolsista por várias vezes do Gelopa, atualmente é Mestre em Educação pelo PPGE/Ufopa e professora da rede pública do estado do Pará.

- Suzana Pinto do Espírito Santo: atualmente é Doutora em Linguística pelo PPGL/UFGA e professora da Universidade Federal do Amapá.

- Martina Siqueira Corrêa: atualmente é Mestre em Educação pelo PPGE/Ufopa e professora da rede pública do estado do Pará, na cidade de Terra Santa.

- Elder Ricardo Willot Pereira: formado em Direito, atua atualmente na área jurídica no estado do Amapá.

- Sérgio da Silva Pereira: formado em Letras, atua na rede de ensino particular no município de Oriximiná-PA.

- Danielle Caroline Batista da Costa: Mestre em Educação pelo PPGE/Ufopa. Atualmente é Secretária Executiva do Instituto de Ciências da Educação da Ufopa.

- Lidiane Castro Gregory: formada em Letras, mora atualmente em Pittsburgh - Pennsylvania EUA, e trabalha para a Conservation International (Global Learning and Knowledge Exchange Manager).

Figura 28 - A primeira geração do Gelopa.



Fonte: Arquivo pessoal.

- Tânia Mara dos Santos Dezincourt: formada em Letras, é professora da rede pública do estado do Pará.

- Thaiza Oliveira Silva: Mestre em Educação pelo PPGE/Ufopa, é doutoranda em Educação pela Ufopa, professora da rede de ensino público e particular do estado do Pará.

- Thiago Aquino Silva de Santana: Mestre em Educação pelo PPGE/Ufopa, é doutorando em Educação pela Ufopa, e professor do Instituto Federal do Amapá.

- Rafahel Jean Parintins Lima: Mestre e Doutor em Linguística pelo IEL-Unicamp (Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas), atualmente é professor de Linguística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

- Luciene Marinho da Silva: Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras/Ufopa. Professora da rede de ensino público do estado do Pará.

Grupo constituído, começamos a elaboração de projetos, todos sob minha coordenação, e propostas de eventos, que serão apresentados aqui em ordem cronológica:

8.2.1 Projetos de Pesquisa

1) A inter-relação discurso e gramática: uma análise funcionalista (2008-2010):

O projeto investigou as relações de base funcional entre os propósitos comunicativos dos falantes e os processos de mudança linguística, como gramaticalização/discursivização, e a constituição de enunciados como predicação, referenciação, modalização e articulação de orações, em textos do português brasileiro contemporâneo, de diferentes gêneros textuais, evidenciando, assim, a relação entre discurso e gramática. Por meio desse projeto, pude dar continuidade à minha pesquisa de doutoramento (com bolsa CNPq e, para o Estágio de Doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ PT, bolsa CAPES), cujo enfoque foi o processo de mudança linguística, chamado gramaticalização, por meio da análise dos diferentes usos do verbo chegar.

O projeto foi contemplado com uma bolsa de iniciação científica pelo Programa de Apoio ao Recém Doutor (PARD) da UFPA. Minha primeira bolsista de iniciação científica foi Tânia Mara dos Santos Dezincourt.

2) Constituição, Documentação e Análise de Corpus de Textos Oraís do Português Santareno (CTOPS) (2008-2010):

Subsidiados pela concepção de que as línguas são heterogêneas e apresentam um dinamismo inerente e que as comunidades linguísticas são identificadas pelo modo como seus falantes utilizam a língua, o Projeto Constituição, Documentação e Análise de *Corpus* de Textos Oraís do Português Santareno (CTOPS) pretende estudar a comunidade de fala de Santarém, com objetivo de constituir, para fins de documentação e análise, um corpus de textos orais do português santareno. Para que esse objetivo fosse alcançado o grupo mapeou o município de Santarém e selecionou, na área urbana, núcleos-pólo, onde a pesquisa foi realizada; coletou e registrou amostras de fala de habitantes da zona urbana do município de Santarém; documentou as amostras

de fala coletadas; transcreveu as amostras de fala, segundo normas específicas para esse fim.

Este projeto talvez seja o mais importante realizado pelo grupo, pois o material coletado serviu de referência para estudos realizados pelos integrantes do grupo e atualmente ainda é uma importante fonte de dados. Financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Pará – Fapespa, o projeto teve a participação dos alunos de Letras: Marcela de Lima Gomes (bolsista), Lidiane Castro (bolsista), Danielle Batista, Martina Correa, Thaiza Oliveira Silva, Sérgio da Silva Pereira.

O projeto também foi importante porque contou com a participação de alunos do ensino médio. Com financiamento da Fapespa, o grupo selecionou dez bolsistas das Escola Estadual Álvaro Adolfo da Silveira, entre eles Samuel Figueira Cardoso que, posteriormente, fez o curso de Letras na Ufopa e hoje está desenvolvendo tese doutoral na Universidade de Varsóvia.

3) História social e linguística do português do oeste paraense – HSLP (2012-2014):

O projeto História Social e Linguística do Português do Oeste Paraense, inicialmente, pretendeu desenvolver uma pesquisa para (re)contar a sócio-história de nossa língua na região oeste do estado do Pará. O oeste do Pará é constituído por 27 municípios, muitos deles nascidos sob a influência das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, fora do eixo fluvial que direcionou a colonização histórica. Os municípios dessa região que se destacam pela posição e desenvolvimento econômico e social são: Santarém, Altamira, Oriximiná, Itaituba, Monte Alegre e Juruti. Essa região, também conhecida como região do Tapajós, nome do rio que banha a cidade de Santarém e herança dos índios tupaius, limita-se ao norte com o Suriname e a República da Guiana, a leste com o estado do Amapá e com outros municípios do Pará, ao sul com o estado do Mato Grosso, e a oeste, como os estados do Amazonas e Roraima.

Dentre os objetivos do projeto destacam-se: constituir, para fins de documentação e análise, corpora escrito para a diacronia da região oeste do Pará, de modo a propiciar à comunidade acadêmica

material fidedigno e bem editado para descrever e estudar a formação do português brasileiro no oeste do Pará; mapear a região oeste do Pará e selecionar municípios-polo, onde a pesquisa deve ser realizada, considerando o valor histórico, político e econômico do município; flagrar as mudanças gramaticais do português do oeste paraense; constituir um amplo e fiável material linguístico que possibilite estudos lexicais, fonéticos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos do português do oeste paraense; fomentar a pesquisa linguística na Amazônia Paraense; fomentar estudos de descrição e análise de aspectos linguísticos do português nos falares rurais e urbanos do oeste paraense.

Ligado ao projeto nacional Para História do Português Brasileiro – PHPB, HSLP, por escassez de recursos humanos e financeiros, ficou restrito apenas a Santarém. Foram bolsistas do projeto Thiago Aquino Silva de Santana (atualmente no Doutorado em Educação/Ufopa), Maria Sandy Nunes de Oliveira e Maria Eduarda Chaibe (Mestre em Educação/Ufopa).

Neste projeto, incluímos um plano de trabalho para valorizar escritores santarenos chamado de Vocabulário dos escritores santarenos. Os estudantes do ensino médio da Escola Álvaro Adolfo da Silveira, Carlos Henrique Xavier de Aguiar e Luênisson Luiz Mesquita, pesquisaram as obras de Felisbelo Jaguar Sussuarana e Éfrem Galvão. Esses discentes concluíram o curso de Letras e atualmente, são alunos do Mestrado em Letras/Ufopa.

4) Língua, gramática, variação e ensino (2017 – atual):

O projeto tem caráter temático que reúne, além da coordenadora, a pesquisas de três professores doutores (Celiane Costa, Roberto Paiva e Percival Britto) seus orientandos de graduação e pós-graduação e de ex-alunos pesquisadores voluntários, em torno da questão do ensino escolar de Língua Portuguesa na perspectiva da formação omnilateral. O programa, que se estrutura em duas grandes vertentes: uma de caráter conceitual e outra de caráter empírico-aplicado; se articula com as atividades de descrição linguística desenvolvidas pelo Gelopa,

tendo como principal interlocutor e colaborador o Grupo de Estudos, Pesquisas e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola – Lelit, coordenado pelo prof. Percival Britto.

Fazem parte do projeto, além dos professores já citados: Samuel Figueira-Cardoso - Prof. Me. - Universidade de Varsóvia; Raimundo Hemenegildo Garcia Júnior - Servidor Técnico/Ufopa; Thaiza Oliveira da Silva - Discente de Doutorado PPGEDA/Ufopa; Cleilma Riker Rodrigues - Discente de Mestrado/ PPGE/Ufopa; Luênisson Luis Mesquita de Oliveira - Discente de Mestrado/ PPGL/Ufopa; Maria José Viana da Silva - Discente de Mestrado/ ProfLetras/Ufopa; Eveline Costa Silva - Discente de Mestrado/ ProfLetras/Ufopa; Ana Paula Tavares Lopes - Discente de Mestrado/ProfLetras/Ufopa; Pedro Geraldo de Sousa Filho - Discente de Mestrado/ProfLetras/Ufopa; Carlos Henrique Xavier de Aguiar - Discente de Mestrado/PPGL/Ufopa; Jéssica Caroline Nascimento de Araújo - Discente de Mestrado/PPGL/Ufopa; Luciano Bruno dos Santos Lobato - Discente de Mestrado/PPGL/ Ufopa; Breno Augusto Pena Ferreira - Discente de graduação - Letras/Ufopa; Ana Vitória Batista Mendonça - Discente de graduação - Letras/Ufopa ; Agnaldo Henrique da Silva Nunes - Discente de graduação - Letras/Ufopa ; Alice Metheny Santos do Nascimento - Discente de graduação - Letras/Ufopa; Eduardo Galvão Aguiar - Discente de graduação - Letras/Ufopa; Jarliso da Silva Almeida – Professor do Ensino Médio.

O projeto tem os seguintes temas de investigação: 1) Educação linguística: norma e variação; 2) Língua, cultura e identidade; 3) Que é da língua de ensinar na escola? e 4) Leitura e interdisciplinaridade. Trata-se de um projeto guarda-chuva, que abriga outros subprojetos:

- *Análise de gramática escrita por linguistas*, que objetiva descrever as contribuições de gramáticas produzidas por linguistas para o ensino de língua, a partir das respostas às seguintes perguntas: o que é gramática; o que é ensinar gramática, para que ensinar gramática; e como ensinar gramática. Três dissertações do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGL/Ufopa já foram

concluídas. Em 2019, Marlison Gomes defendeu sua dissertação sobre a Gramática Pedagógica do Português Brasileiro (2012), de Marcos Bagno; em 2020, Adriane Gomes Barroso defendeu sua dissertação sobre a Nova Gramática do Português Brasileiro (2010), de Ataliba Teixeira de Castilho; e em 2021, Thaiza Oliveira Silva defendeu a dissertação sobre A gramática do Português revelada em textos (2018), de Maria Helena de Moura Neves.

• *Diagnóstico sociolinguístico de escolas públicas do oeste paraense em contexto plurilíngue*. Iniciado em 2019, o projeto tem o propósito de mapear a situação sociolinguística nas escolas públicas de Santarém, em razão da diversidade linguística cada vez mais presente nas escolas e a provável falta de preparação pedagógica em lidar com essa realidade.

A ideia de se realizar esse projeto nasceu na disciplina eletiva Função sociossimbólica da linguagem, que ministrei, em 2018, na turma o Mestrado Profissional em Letras-Profletras/Ufopa. No ano anterior, o município de Santarém recebeu grupos de venezuelanos, que, devido a questões políticas, imigraram para o Brasil. Os imigrantes eram indígenas da etnia Warao. De acordo com informações da Secretaria Municipal de Educação – Semed/Santarém, cerca de 40 crianças venezuelanas já estavam matriculadas na escola Eloína Colares, devido à proximidade com o abrigo onde residem os imigrantes venezuelanos em Santarém. Essas crianças aumentaram o número de alunos indígenas no município, pois já é comum encontrar em escolas, quer municipais, quer estaduais, alunos de diferentes etnias pertencentes a comunidades do norte do Brasil, especialmente os Wai-wai da reserva Mapuera do município de Oriximiná.

Era necessário fazer uma pesquisa da realidade sociolinguística, considerando uma sociedade multilíngue em uma escola monolíngue. Mapear a situação linguística de alunos e professores tem sido uma preocupação de inúmeros projetos no Brasil, sobretudo daqueles que tematizam políticas linguísticas, como o Observatório de Educação na Fronteira (OBEDF), cujo objetivo, entre outros, era discutir os confrontos entre o aparato do

monolingüismo e a realidade multilíngue de escolas brasileiras situadas na faixa de fronteira do Brasil com Paraguai e Bolívia (MORELLO, 2016). O mito do monolingüismo, conforme Oliveira (2009), precisava ser discutido e reprimido.

Em 2020, esse projeto foi contemplado com bolsa de Iniciação Científica, com o plano de trabalho Mapeamento da realidade sociolinguística da Escola Municipal Eloína Colares em Santarém-Pará. A discente indígena Wanessa Wai-Wai foi a responsável pelo plano que, infelizmente, não pode ser executado devido à pandemia de corona vírus.

Mesmo com a pandemia, o grupo continuou reunindo, agora de forma remota, para fazer leituras e discutir a realidade monolíngue de Santarém. Os estudantes Natália Almeida e Carlos Henrique Xavier de Aguiar defenderam, respectivamente, os Trabalhos de Conclusão de Curso com os títulos: *Diagnóstico sociolinguístico de escolas estaduais da área urbana de Santarém; Uma escola, mais de uma língua: contexto sociolinguístico de escolas municipais de Santarém-PA*. Carlos está no mestrado em Letras/Ufopa e vai desenvolver sua pesquisa de dissertação, com título provisório *Português como língua de acolhimento: dificuldades de estudantes indígenas venezuelanos da etnia warao*.

Desses projetos resultaram as seguintes orientações de iniciação científica:

- Tânia Mara dos Santos Dezincourt. Um estudo dos processos de constituição de enunciados: a modalização e a articulação de orações. 2008. Iniciação Científica. Universidade Federal do Pará. *Campus* de Santarém.

- Elder Ricardo Willot Pereira. Um estudo do grau de interdependência de orações de um enunciado complexo: a parataxe e a hipotaxe. 2008. Iniciação Científica. Universidade Federal do Pará. *Campus* de Santarém.

- Marcela de Lima Gomes. Constituição de Textos Orais do Português Santareno. 2008. Iniciação Científica. CNPq. Universidade Federal do Pará. *Campus* de Santarém.

- Marcela de Lima Gomes. Documentação de Corpus de Textos Oraís do Português Santareno. 2010. Iniciação Científica. CNPq. Universidade Federal do Pará. Campus de Santarém.

- Elder Ricardo Willot Pereira. Um estudo do grau de interdependência de orações de um enunciado complexo: a parataxe e a hipotaxe. 2010. Iniciação Científica. Universidade Federal do Pará. *Campus* de Santarém.

- Lidiane Castro. Documentação de Corpus de Textos Oraís do Português Santareno. 2011. Iniciação Científica. Universidade Federal do Pará. *Campus* de Santarém.

- Maria Sandy Nunes de Oliveira. Constituição de corpora diacrônico do português do século XX da cidade de Santarém. 2012. Fapespa. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Tiago Aquino Silva de Santana. Constituição de corpora diacrônico do português do século XX da cidade de Santarém. 2012. Fapespa. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Jarlisom da Silva Garcia. Um estudo dos verbos volitivos querer e resolver no falar santareno à luz do processo de gramaticalização: análise de textos de descrição de local. 2012. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Leydiane Sousa Lima. Um estudo dos verbos volitivos querer e resolver no falar santareno à luz do processo de gramaticalização: análise de narrativa de experiência pessoal. 2012. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Jarlisom da Silva Garcia. Um estudo pancrônico do verbo volitivo querer no Português Brasileiro. 2013. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Maria Sandy Nunes de Oliveira. Registro de cartas pessoais dos séculos XIX e XX do Português no Oeste do Pará. 2013. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Tiago Aquino Silva de Santana. Análise das concordâncias verbal e nominal em textos do gênero carta de leitor em jornais santarenos da primeira metade do século XX. 2013. CNPq. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Carlos Henrique Xavier de Aguiar. O vocabulário do escritor santareno Felisbelo Jaguar Sussuarana. 2014. CNPq. Pibic-EM. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Luênisson Luiz Cruz Mesquita. O vocabulário do escritor santareno Éfren Galvão. 2014. CNPq. Pibic-EM. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Raylander Silva dos Santos. O vocabulário do escritor santareno Emir Bemerguy. 2014. CNPq. Pibic-EM. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- José Vanderlilson Sousa da Silva. O vocabulário do escritor santareno Wilson Fonseca. 2014. CNPq. Pibic-EM. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Maria Eduarda dos Santos Chaibe. Estudo da morfologia derivacional em textos jornalísticos santarenos da primeira metade do século XX. 2014. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Anna Paula Ramos Pimentel. Levantamento de usos dos clíticos no Português Brasileiro do século XX, em textos da ordem do narrar. 2014. Fapespa. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Marlison Soares Gomes. Sintaxe de verbos monoargumentais no português falado. 2015. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Caio Mário Mota Cardoso. Os valores semânticos da conjunção “mas” no falar santareno. 2015. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.

- Simone Santos de Sousa. O uso do imperativo no português falado santareno: análise de narrativas de experiência pessoal. 2016. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Caio Mário Mota Cardoso. O uso do imperativo no português santareno: análise de textos jornalísticos do gênero anúncio. 2016. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Jessica Caroline Nascimento de Araújo. Um estudo das funções discursivas da construção olha já no falar santareno. 2017. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Luênisson Luís Mesquita de Oliveira. Padrões de uso e pressões discursivas do advérbio **já** falado no oeste paraense. 2017. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Luênisson Luís Mesquita de Oliveira. Mapeando conceitos de gramática em obras de fundamentação teórica. 2018. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Jéssica Caroline Nascimento de Araújo. Mapeando conceitos de gramática do Português Brasileiro, 2018. Iniciação Científica. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Thaires Cunha dos Santos. Mapeamento da realidade sociolinguística da Escola Estadual Pedro Álvares Cabral em Santarém-Pará. 2019. Iniciação Científica Ações afirmativas. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Vanessa Wai Wai. Mapeamento da realidade sociolinguística da Escola Municipal Eloína Colares em Santarém-Pará. 2019. Iniciação Científica Ações afirmativas. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.
- Cássia Beatriz Feleol. Mapeamento da realidade sociolinguística de escolas municipais em Santarém-Pará. 2021. Iniciação Científica Ações afirmativas. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus de Santarém*.

Figura 29 - A - Premiação de melhor trabalho de Iniciação Científica, discente Leydiane Lima – Santarém, 2013. **B** - A bolsista de iniciação científica Cássia Feleol recebendo o certificado de honra ao mérito pelo melhor trabalho de IC, na área de Letras, na X Jornada Acadêmica da Ufopa, 2022. **C** - Luênisson Mesquista, orientando do PPGL recebendo o certificado de honra ao mérito pelo melhor trabalho de Pós-graduação na X Jornada Acadêmica da Ufopa, 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal.

As discentes Lidiane Castro, Leydiane Lima, Simone Santos e Cássia Feleol receberam certificado de honra ao mérito pelo melhor trabalho de iniciação científica na área Linguística, Letras e Artes.

9.2.1 Projetos de Extensão

1) Contribuições funcionalistas para o ensino de língua portuguesa (2009-2011):

O projeto estava inserido em uma das linhas de investigação do Gelopa, que é o estudo da articulação de orações. Por articulação entendemos a combinação de orações que não estão integradas estruturalmente em outras, mas estão a serviço da organização discursiva. Seguimos as orientações de Matthiessen e Thompson (1988), que entendem que as orações se combinam para refletir uma organização retórica do discurso. Foi interesse deste projeto o

estudo das orações hipotáticas adverbiais, com o propósito de, por meio da abordagem funcional-discursiva, elaborar propostas para o ensino dessas orações, que vêm se constituindo em um dos entraves no processo ensino/aprendizagem da língua portuguesa. O objetivo era realizar cursos de capacitação, para que professores da educação básica conhecessem a abordagem funcionalista.

2) Discutindo tópicos de linguagem (2018-2019):

O projeto tinha objetivo de levar à comunidade acadêmica e à comunidade em geral o conhecimento sobre temas debatidos no grupo. Os temas estavam relacionados à teoria linguística, a pesquisa de caráter empírico-aplicado; e à educação linguística. Os encontros eram realizados na unidade Rondon, da Ufopa, às últimas sextas-feiras de cada mês. Devido à pandemia, o projeto foi encerrado e a proposta foi reformulada.

3) Do real para o virtual: discutindo língua no YouTube (2018-2019):

O objetivo do projeto era promover diálogo com a sociedade por meio da discussão de temas relacionados à língua portuguesa, sobretudo sobre o português falado no oeste do Pará. Para atender ao objetivo desse projeto, foi criado o canal do Gelopa no Youtube (<https://www.youtube.com/channel/UCqWVrhjPIOeFxYrAqvzcgZA>). Carlos Henrique Xavier, aluno de Letras, foi bolsista do projeto.

4) História e memória: registro de vidas femininas (2019):

O objetivo do projeto era fazer registro audiovisual de história de vida de mulheres, a partir de 60 anos, com características de luta na sociedade. Os registros audiovisuais serão disponibilizados em mídia social, como o YouTube, e fornecerão rico material de pesquisa em diferentes áreas de conhecimento, inclusive a da linguagem, interesse do Gelopa. Com a pandemia o projeto não pode ser realizado. Em 2019 foram feitas entrevistas com quatro mulheres, que atenderam o perfil.

5) Programa Língua além dos muros (2020 - atual):

Com a pandemia, o Gelopa precisou se reinventar. Já tínhamos um canal no Youtube, então utilizamos esse canal para realizar as atividades do grupo e elaboramos o programa Língua além dos muros que agrega os projetos *Conversa com o Gelopa*, *Gelopacast* e *Roda de conversa “nós do Norte”*. São ações que buscam divulgar o conhecimento científico relacionados aos temas linguagem, arte, cultura, língua, descrição e análise de línguas, ensino de língua. Em formatos diferentes e para públicos diferenciados, os três projetos têm em comum a discussão de pesquisas linguísticas com um público que nem sempre tem acesso à universidade.

- *Conversa com o Gelopa*: Transmitido pelo canal do Youtube, a atividade consiste em convidar um professor especialista em temas de linguagem, quer relacionados à descrição e análise de línguas, quer relacionados ao ensino destas, para apresentar reflexões sobre língua, sempre pertinentes ao acadêmico da área – quer da graduação, quer da pós-graduação, quer professores que estão atuando no ensino de língua. Trata-se de uma conversa, com bastante interação entre o convidado, o mediador e o público presente.

- *Gelopacast*: O primeiro podcast da Ufopa apresenta temas do curso de Letras e curiosidades sobre grandes autores, por meio de uma linguagem acessível e descontraída.

- *Roda de conversa Nós do Norte*: O projeto é uma parceria com o Olisspa (Observatório do Sul e Sudeste do Pará), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa, e do Iandé da Universidade de Varsóvia, cujo propósito é discutir temas e fazer proposições acerca da pesquisa em língua, linguagens e ensino de Língua Portuguesa. Os encontros são virtuais e quinzenais. Em 2021 e 2022, foram debatidos diversos temas. No primeiro ano, o tema gerador foi oralidade e, no segundo ano, o tema foi linguagem e identidade. O projeto está na fase de escrita de ensaios para compor e-book dos temas debatidos pelos membros dos grupos.

Um dos maiores resultados da ação de extensão do Gelopa foi a abertura do canal. Atualmente, o canal do Gelopa tem 1,2 mil

inscritos, 84 vídeos disponíveis para consulta com acesso que varia de 168 (<https://www.youtube.com/watch?v=2v5EpHjHUxo>) a 2,1 visualizações (<https://www.youtube.com/watch?v=k-9TdCQ-JsM&t=6s>).

Desses projetos resultaram as seguintes orientações de extensão:

- Rafahel Jean Parintins Lima. Contribuições funcionalistas para o ensino de sintaxe da língua portuguesa: um estudo das cláusulas hipotáticas temporais. 2010. Extensão. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Ingrid Nayara Duarte de Jesus. Contribuições funcionalistas para o ensino de sintaxe da língua portuguesa: um estudo das cláusulas hipotáticas condicionais. 2010. Extensão. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Carlos Henrique Xavier de Aguiar. O Youtuber sou eu: falando sobre língua na internet. 2018. Extensão. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

- Carlos Henrique Xavier de Aguiar. O Youtuber sou eu: falando sobre língua na internet. 2020. Extensão. Universidade Federal do Oeste do Pará. *Campus* de Santarém.

Além de trabalhos de Iniciação Científica e de Extensão, orientei os seguintes trabalhos de Graduação:

- Leila Brandão. O uso do pretérito mais que perfeito em textos escritos. 2003. TCC. Universidade Federal do Pará.

- Joelma Castro. A linguagem quilombola da comunidade de Jamari, 2003. TCC. Universidade Federal do Pará.

- Raimundo Nonato de Pádua Cândia. Glossário de expressões populares da cidade de Oriximiná-PA. 2003. TCC. Universidade Federal do Pará.

- Onésimo Castro. O desenvolvimento fonológico da língua Zoé. 2003. TCC. Universidade Federal do Pará.

- Albaniza Saraiva. Um estudo dos alunos egressos do Projeto Alfabetização com Base Linguística. 2003. TCC. Universidade Federal do Pará.

- Deugliele Vieira Penha. As marcas da oralidade na escrita. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Crisluciane Silva da Cruz. Análise do operador argumentativo “pois”: uma abordagem semântico-pragmática. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Enoque Santos. Uma análise dos articuladores textuais na produção de alunos de 5ª série. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Gessonita da Costa Siqueira; Marlene Siqueira Savino. Leitura e interpretação com base em aspectos cognitivo-funcionais do texto: análise da metáfora conceptual. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Arleia Oliveira da Silva; Valdeci Batista Florenzano. A importância da adequação vocabular em textos escolares escritos. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Tânia Mara dos Santos Dezincourt. Um estudo da modalidade deôntica no português falado em Oriximiná. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Suzana Pinto do Espírito Santo. A inserção parentética como estratégia de construção de sentido. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Clara Siqueira Corrêa. A abstratização do verbo *pegar*. 2008. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Andreia Riker Soares de Sousa. O grau em língua portuguesa: análise e sugestões de ensino. 2009. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Maralive Pimentel Ferreira. A alternância nós/a gente em elocuições formais: um estudo funcionalista. 2009. TCC. Universidade Federal do Pará.
- Martina Siqueira Corrêa. A evidencialidade nos textos-base da Campanha da Fraternidade. 2010. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Marcela de Lima Gomes. Da gramática ao discurso: os diferentes usos do item *tá* em textos orais do português santareno. 2010. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Moisés Daniel de Sousa dos Santos. A concordância verbal na escrita dos alunos da Educação de Jovens e Adultos: análise, reflexão e propostas metodológicas. 2011. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Luciene Marinho. Um estudo funcionalista da negação do português oral de Santarém. 2011. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Danielle Caroline Batista da Costa. O sujeito posposto no falar santareno: uma abordagem funcionalista. 2011. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Tiago Aquino Silva de Santana. Análise das concordâncias verbal e nominal em textos do gênero carta do leitor em jornais santarenos da primeira metade do século XX. 2013. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Leydiane Sousa Lima. Algumas reflexões sobre ensino de verbos: um olhar funcionalista. 2013. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Sérgio da Silva Pereira. Apresentação dos tópicos de morfologia nos livros didáticos. 2013. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Francinara Silva Ferreira. Aspectos da transitividade no falar santareno: uma abordagem funcionalista. 2013. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Juliana Barbosa Campos. Análise dos pronomes pessoais no português oral santareno: uma abordagem funcionalista. 2013. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Maelly Larissa Mendes Pantoja. Para um bom entendedor uma metáfora basta: um estudo de metáforas conceituais no português santareno. 2013. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Maria Eduarda dos Santos Chaibe. Estudo da morfologia derivacional em textos jornalísticos santarenos da primeira metade do século XX. 2014. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Samuel Figueira- Cardoso. Programa de Licenciaturas Internacionais: uma análise sob a ótica dos participantes do projeto

em parceria universitária entre a Universidade Federal do Oeste do Pará e a Universidade do Algarve. 2016. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Maria Ivanúbia Vasconcelos Sena. Aspectos do português caboclo: análise do acento da vogal tônica média posterior. 2019. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Gilzandra Silva de Souza Rodrigues. Alguns aspectos do falar de Rurópolis. 2019. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Caroline Gama Rego. Algumas considerações sobre a função expressiva do palavrão. 2019. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Caio Mário Mota Cardoso. A variação das formas verbais imperativas no português santareno: análise de textos jornalísticos do gênero anúncio. 2019. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Luênisson Luís Mesquita de Oliveira. Análise de *memes* voltada para o ensino de língua portuguesa. 2021. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Jéssica Caroline Nascimento de Araújo. Um estudo das funções discursivas do **olha já** no falar santareno sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. 2021. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Carlos Henrique Xavier de Aguiar. Uma escola, mais de uma língua: contexto sociolinguístico de escolas municipais de Santarém. 2022. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Natália Roberta Araújo Almeida. Diagnóstico sociolinguístico de escolas estaduais da área urbana de Santarém. 2022. TCC. Universidade Federal do Oeste do Pará.

Atualmente, estou orientando os seguintes Trabalhos de Conclusão de Curso:

- Aguinaldo Henrique da Silva Nunes. O lugar da variação linguística no novo ensino médio.

- Ana Vitória Batista. Orações coordenadas e a tensão narrativa no conto angolano “Nostempos de Miúdo”, de Boaventura Cardoso.

- Breno Augusto Pena Ferreira. Estratégias de negação no falar paraense.

Orientei, ainda, os seguintes trabalhos a nível de especialização:

- Onésimo Martins de Castro. A educação escolar indígena e o ensino de língua portuguesa. 2009. Monografia. Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Universidade Federal do Pará.

- Elisama Tavares Monteiro. O tratamento funcionalista das construções concessivas. 2009. Monografia. Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Universidade Federal do Pará.

- Andreia Sousa Duarte; Darlen Pimentel de Souza. O papel argumentativo das construções concessivas em decisões jurídicas do STF. 2009. Monografia. Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Universidade Federal do Pará.

- Márcia Alessandra de Freitas Lemos; Verimar de Oliveira Silva. Anáforas indiretas em textos dos vestibulandos. 2009. Monografia. Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Universidade Federal do Pará.

- Suzana Pinto do Espírito Santo. A gradação em português: uma abordagem funcionalista do sufixo -inho. 2009. Monografia. Língua e Literatura na escola: reflexões e alternativas. Universidade Federal do Pará.

- Miriam Pinheiro de Amorim; Rosa Sinara Feitosa Figueira. Um estudo dos valores do juntivo “ou”. 2009. Monografia. Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Universidade Federal do Pará.

- Naira Augusta Pedroso de Sousa. Leitura hipertextual: potencialidades pedagógicas e discursivas. 2009. Monografia.

Língua Portuguesa: uma abordagem textual. Universidade Federal do Pará.

- Luciene Marinho da Silva. Estratégias de relativização no português santareno. 2013. Monografia. Língua, Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Marcela de Lima Gomes. O marcador pragmático extra-cláusula **tá** no português brasileiro. 2013. Monografia. Língua, Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Oeste do Pará.

As dissertações de mestrado orientadas estão listadas a seguir:

- Lena Raimunda Pauxiuba Soares. Ensino de português por meio de textos: implicações de uma metodologia proposta para ensino de prática de linguagem. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Joelma Sá Figueiredo. Ensino de gramática: renovando as práticas escolares e inserindo o aluno em seu processo de formação. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Marcela de Lima Gomes. As noções do termo *erro* para os estudos linguísticos e suas implicações ao ensino de língua portuguesa. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Andrea Consoelo Cunha da Silva. A formação intelectual de jovens do ensino médio: caminhos e possibilidades para o pensar autônomo. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Clara Correa Marinho. Trabalhando a variação linguística na escola: uma experiência com alunos do 9º ano fundamental. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Fádya Lorena de Souza Moura. Norma-padrão: caracterização e ensino. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Marlison Gomes Soares. Gramática pedagógica do português brasileiro (BAGNO, 2012) e o ensino de gramática. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Jax Mara de Jesus Queirós. Ensino da língua em uso: discutindo variação linguística. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Adriane Gomes Barroso. Análise de Gramática do Português Brasileiro de Ataliba de Castilho. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Thaiza Oliveira da Silva. A concepção de gramática e de ensino de gramática que emerge da obra “A gramática do português revelada em textos” Neves (2018). 2021. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Luciene Marinho da Silva. Estratégias de relativização no português brasileiro: diagnose de uma turma de 8º ano do ensino fundamental em Santarém-PA e proposta para o ensino de gramática. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras) Universidade Federal do Oeste do Pará.

- Cleilma Sousa Rodrigues Riker. Do estudo ao ensino de gramática nas obras de Mário Perini. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Oeste do Pará.

Atualmente, estou orientando as seguintes dissertações de mestrado:

- Carlos Henrique Xavier de Aguiar. Português como língua de acolhimento: dificuldades de estudantes indígenas venezuelanos da etnia Warao.

- Cássia Beatriz Feleol. Em prol de uma vida linguística mais saudável: análise da variedade do português escrito de discentes Wai Wai.

- Jéssica Caroline Araújo. Mapeamento do léxico do Festival da Banana em Trairão – PA: Uma proposta de glossário.

- Luciano Lobato. Terminologia da Festa Çairé em Língua de sinais brasileira
- Luênisson Luís Mesquita de Oliveira. Da gramática para o discurso: análise da construção “toma-te” falada na cidade de Santarém-PA.
- Pedro Geraldo de Sousa Filho. O papel da escola no combate ao preconceito linguístico.

9.2.2 Principais eventos promovidos pelo Gelopa

Aos longos de quinze anos, o Gelopa realizou muitos eventos. Vou destacar aqui apenas os que julgo mais relevantes.

1) I Congresso de Língua Portuguesa (2008)

Tema: Língua, cultura e educação.

Data: 26 a 28 de novembro de 2008

Convidados:

- Prof. Luís Percival Leme Britto (Uniso)
- Prof. Kilpatrick Campelo (UECE)
- Prof. Abdelhak Razky (UFPA)
- Poeta Thiago de Melo

2) II Congresso de Língua Portuguesa (2010):

Tema: Educação linguística: pesquisa, ensino e cidadania

Data: 25 e 26 de novembro de 2010

Convidados:

- João Wanderleu Geraldi (Unicamp)
- Maria José Nóbrega (UFF)
- Paulo Nunes (UFPA)
- Nilma Lacerda (UFF)

Figura 30 - A – Divulgação do I Congresso de Língua Portuguesa. **B** - Poeta Tiago de Melo – Santarém, 2008. **C** - Folder de divulgação do II Congresso de Língua Portuguesa, Santarém, 2010. **D** - Cartaz de divulgação do III Congresso de Língua Portuguesa, Santarém, 2012.



Fonte: Arquivo pessoal.

3) III Congresso de Língua Portuguesa (2012):

Tema: Faílangas amazônicas: pesquisa e ensino

Data: 23 a 25 de maio de 2012

Convidados:

- Ataliba Teixeira de Castilho (USP)
- Sandra Campos (UFAM)
- Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA/Belém)
- Eliane Machado Soares (UFPA/Marabá)

4) II Seminário de Extensão do Gelopa (2011):

Tema: Autonomia e identidade no estudo da Língua Portuguesa

Data: 07 e 08 de abril de 2011

Palestrantes:

- Luiz Percival Leme Britto - Ufopa
- Rodrigo Canal - Ufopa
- Fábio Tenório – Ufopa

5) Viajando pela sócio-história da língua portuguesa (2017, 2018 e 2019)

6) Gelopa declama Chico (2019): Uma atividade em parceria com o Lelit – Grupo ler e viver literatura, onde os integrantes do Gelopa declamaram versos de Chico Buarque. A apresentação está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tzyp9LdL1ws&t=236s>

7) Curso de extensão língua e ensino: unidade x diversidade (2020): O curso fez parte do Programa de Extensão Língua além dos muros e teve por objetivo discutir concepções de língua, reconhecer forças centrífugas e centrípetas responsáveis pela diversidade e pela unidade dos sistemas linguísticos, relacionar conhecimentos da ciência linguística ao ensino de língua. O curso teve a carga horária de 30h, foi realizado pelo Meet, no período de 13 a 31 de junho de 2020.

8) III Encontro de Estudos em Funcionalismo Linguístico (2021)

Figura 31 - Cartazes de divulgação do II Seminário de Extensão do Gelopa (2011), do Curso de Extensão do Gelopa (2020) e do III Encontro de Estudos em Funcionalismo Linguístico (2021), nessa ordem.



Fonte: Arquivo Pessoal.

9) I Simpósio Internacional Nós do Norte (2021)

10) II Simpósio Internacional Nós do Norte (2022)

11) III Simpósio Internacional Nós do Norte (previsto para setembro de 2023)

Figura 32 - Cartazes de divulgação do II Simpósio Internacional Nós do Norte.



Fonte: Arquivo Pessoal.

9.2.3 Produções

Em 2008, a Fapespa publicou edital para apoiar publicação. Apresentei uma proposta de criação de um periódico da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará – *Campus* de Santarém. Com o nome de **Olho de Boto**, amuleto carregado de simbologia que, segundo a crença paraense, atrai sorte e afugenta mau-olhado, a proposta foi aprovada, e teve seu primeiro número publicado em 2009.

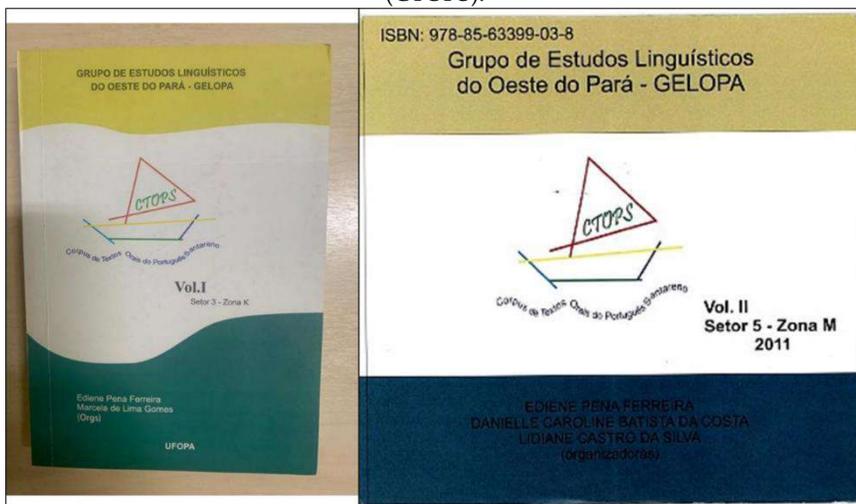
Figura 33 - Os quatro números da Revista Olho de Boto e o Lançamento do seu primeiro número.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em 2010, o Gelopa iniciou a publicação de uma série de cinco livros referentes ao **Corpus de textos orais do português santareno (CTOPS)**. Esta série é resultado de um projeto de pesquisa do grupo que visou a constituição, documentação e análise de textos orais de Santarém. Todos os volumes trazem o registro do falar santareno, em formato impresso e coletado com o rigor sociolinguístico, e que está disponível para investigação linguística da comunidade acadêmica da Ufopa e outros interessados. Foi um produto de pesquisa do grupo importante e necessário, em razão da carência de pesquisas linguísticas baseadas em *corpus* em Santarém, como também para possibilitar estudos de pesquisadores de outros lugares interessados no falar do Norte.

Figura 34 - Volumes I e II do Corpus de textos orais do português santareno (CTOPS).



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em 2013, outra relíquia foi publicada. Trata-se do **livro Santarém dos anos 20 em anúncios, cartas e notícias**, com dois CD's contendo documentos históricos (entre anúncios, notícias e cartas de leitores dos anos de 1927 a 1930). Este livro é produto da pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto História Social e

Linguística do Português do Oeste do Pará, cujo o propósito foi recontar a sócio-história da região Norte. Esse projeto era vinculado ao projeto nacional “Para a história do Português Brasileiro (PHPB)”.

Figura 35 - Livro e CDs "Santarém dos anos 20 em anúncios, cartas e notícias".



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em 2018, foi publicado um e-book em comemoração aos 10 anos do grupo. O e-book “**Experiências em linguagem: fazendo pesquisa na Amazônia**” congrega um seleto número de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores do Gelopa. A publicação está disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/995>.

Os 10 anos do grupo, além da publicação do e-book, foram comemorados com uma gincana entre as turmas de Letras, numa divertida disputa sobre conhecimento de linguística.

Figura 36 - Comemoração dos 10 anos do Gelopa.



Fonte: Arquivo Pessoal.

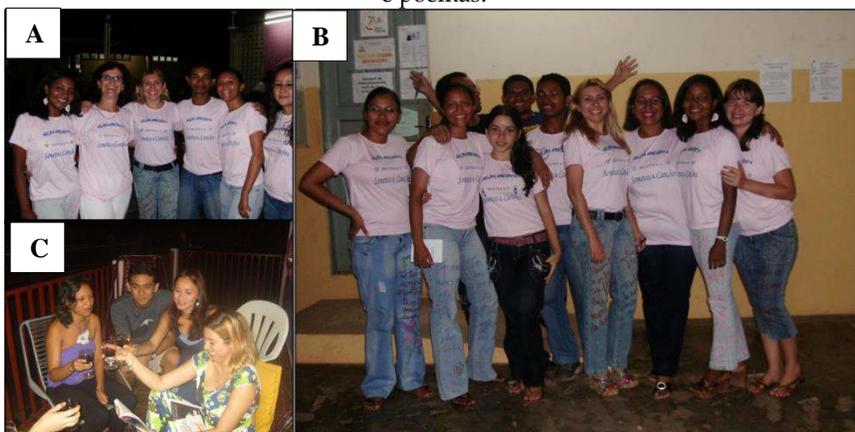
Figura 37 - Comemoração dos 15 anos do Gelopa, com a participação do Prof. Dr. Xoán Lagares (UFF) e o corte do bolo.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O grupo publicou o e-book **Estudos de linguagem na Amazônia: homenagem aos 15 anos do Grupo de Estudos Linguísticos do Oeste do Pará**, em 2023, para comemorar o aniversário o seu décimo quinto aniversário. O e-book está disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/1011>.

Figura 38 - Atividades culturais do Gelopa: **A e B** - Sonetos e canções. **C** - Vinhos e poemas.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O Gelopa é um lugar de produção de conhecimento, mas também de entretenimento. *A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte* (TITÃS, 1987). Por isso aliado aos eventos acadêmicos, o grupo também realiza atividades culturais, como Sonetos e canções e Vinhos e poemas.

O grupo influenciou gerações. Se já há integrantes que ingressaram no grupo quando alunos do ensino médio e hoje estão terminando o doutorado, há também integrantes que cresceram ouvindo falar do Gelopa. Exemplo é meu sobrinho, Breno Augusto, que quando criança acompanhou o nascimento do Gelopa e hoje é aluno do curso de Letras e integrante do grupo.

Figura 39 - Com meu sobrinho e integrante do Gelopa, Breno Augusto.



Fonte: Arquivo Pessoal.

8.3 Experiências em gestão

Os cursos de licenciatura têm por função nos preparar para a sala de aula. A formação continuada aprofunda conhecimentos e nos dá segurança para desenvolver pesquisas e melhorarmos a prática docente. Aprendemos a ensinar, porque nos ensinam a ser professor. Mas não nos ensinam a ser gestor, embora seja raro o professor universitário que nunca tenha assumido um cargo de gestão. Considero que ao entrarmos na docência no ensino superior sejam ofertados cursos que nos preparem para a função administrativa.

A primeira vez que assumi um cargo administrativo foi ao retornar do mestrado em 2003. Primeiro como vice coordenadora do curso de Letras e depois coordenadora desse curso. Os desafios foram grandes. Administrar e lecionar exigem habilidades diferentes. É preciso encontrar um equilíbrio entre as demandas do cargo e as responsabilidades do ensino. O tempo precisa ser

gerenciado para que, de forma eficaz, cumprimos todas as obrigações.

É difícil gerir equipe e tomar decisões estratégicas. Há necessidade de garantir resolução de problemas de múltiplas demandas – alunos, colegas professores, servidores técnicos – e, por vezes, gerenciar expectativas conflitantes.

A experiência na coordenação do curso de Letras foi encerrada com minha ida para o Doutorado. Mas ao voltar da pós-graduação, outros desafios, além da pesquisa, extensão e docência, me aguardavam. Em 2008, assumi, junto com a profa. Solange Ximenes, a coordenação de pesquisa e pós-graduação do *Campus* de Santarém. Em 2009, realizamos a I Jornada Acadêmica de Ensino, pesquisa e extensão.

Figura 40 - Alunos do *campus* de Santarém participando da I Jornadas Acadêmica, 2009.



Fonte: Arquivo Pessoal.

A coordenação se encerrou com a extinção do *campus* de Santarém da UFPA, que, junto com a unidade descentralizada da UFPA, se tornou a Universidade Federal do Oeste do Pará, em novembro de 2009.

Do período de 2010 a 2013, assumi a Diretoria de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação Tecnológica – Proppit da então nascente primeira universidade federal do interior da Amazônia. Foi um período de grande aprendizagem e de inúmeros desafios. Estávamos começando do zero, embora nossa tutora UFPA já tivesse larga experiência. Foi desafiador e muito gratificante. Entre as tarefas da diretora de pesquisa estavam: cadastro de programas e projetos de pesquisa, orientação para cadastro de grupos de pesquisa junto ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, elaboração de editais de bolsas de iniciação científica, cadastro e gerenciamento de bolsas, gerenciamento de frequência e relatório dos bolsistas, cadastro de laboratórios de pesquisa. Na época, as atividades de extensão estavam vinculadas à Proppit. Além das tarefas ligadas à pesquisa, nossa diretoria também gerenciava as ações de extensão da Ufopa.

Fui eu que escrevi a primeira proposta do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Pibic e encaminhei ao CNPq e à Fapespa. Conseguimos iniciar o Pibic com cotas de bolsas da Ufopa, do CNPq e da Fapespa. A primeira proposta do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica - PIBIT também teve a minha assinatura, assim como o PIBIC e PIBIT Ações Afirmativas e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio – Pibic-EM.

Era tarefa da diretora de pesquisa coordenar a realização do Seminário de Iniciação Científica, tanto da graduação quanto do ensino médio, convidar os bolsistas de produtividade para fazer a avaliação, coordenar as inscrições do seminário e a publicação dos anais. Foi um período de bastante trabalho, mas o resultado foi positivo. Durante minha gestão, realizamos a 1ª gincana com alunos do ensino médio, como parte do Seminário de Iniciação Científica.

Figura 41 - Gincana com alunos do ensino médio durante o Seminário de Iniciação Científica da Ufopa.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na extensão, também fomos responsáveis pelo primeiro edital do Programa Institucional de Extensão – Pibex. Trabalhavam comigo, na coordenação de programas e projetos, a profa. Mirtes Cortinhas e, posteriormente, a profa. Celiane Costa.

Em 2014 não assumi cargo de gestão, por estar afastada para o pós-doutorado, mas em 2015 assumi a coordenação do Curso de Letras do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - Parfor, e no ano seguinte assumi a coordenação adjunta do programa na Ufopa. Foi um trabalho de gestão muito difícil de ser feito. O Programa de Letras ofertava turmas em Alenquer, Juruti, Monte Alegre, Óbidos e Oriximiná. Havia muitos alunos, poucos servidores técnicos para auxiliar a coordenação, muitos professores externos à universidade para fazer lotação e pouca infraestrutura para atender os cursos.

Embora as aulas fossem ministradas no período intervalar, o trabalho administrativo precisava ser realizado ao longo do ano. Além dos problemas apontados acima, ainda havia a questão orçamentária. Nem sempre o Ministério da Educação liberava o recurso em tempo hábil para custear as despesas do professor que ministrava aulas nos municípios fora da sede e, por isso, precisava

pagar passagem, hospedagem, transporte no local e alimentação do próprio bolso, até a situação ser resolvida.

Em Santarém, as aulas das turmas do Parfor, por serem realizadas no período intervalar e não coincidirem com o período regular, ocorriam na unidade Rondon. Entretanto, devido a algumas greves, o calendário precisou ser modificado e o período regular passou a coincidir com o período intervalar. As turmas do Parfor foram excluídas da organização estrutural do *campus*, o que gerou um desgaste muito grande para a coordenação, que precisava negociar com escolas do município ou do estado, para alocar os alunos. Recebíamos muitas críticas por isso. Os alunos do Parfor também eram alunos da universidade, mas não eram preferenciais. Essa era uma das críticas que ouvíamos dos alunos. Eles estavam certos.

Foi um período muito difícil para estar na coordenação do Parfor. Aliado a isso, o programa passou por uma auditoria, devido a alguns problemas em gestões anteriores. A coordenação me ocupava quase que integralmente, mesmo tendo que dar conta das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Não havia descanso nos fins de semana nem nos feriados. Comecei a me sentir um produto, peça de uma engrenagem que não podia parar. Se eu fosse descrever o período em que estive na coordenação do Parfor por meio de uma metáfora diria que estava equilibrando pratos sobre varas.

Felizmente o tempo passou.

No período de 2017 a 2020, assumi a coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras/Ufopa. Convidei o prof. Roberto Paiva, para a coordenação adjunta. Foi uma fase bem mais tranquila. O trabalho era bem mais simples e, embora fosse um trabalho administrativo, estava mais ligado às minhas atividades acadêmicas. Viajei várias vezes para participar de encontro de coordenadores. Cada encontro me dava mais motivação. Assumi, junto com as professoras Sílvia Vieira – UFRJ e Juliana Bertucci – UFTM, a coordenação da disciplina Gramática, variação e ensino, disciplina que ministrei no Profletras.

Concomitante à coordenação do Profletras, estava escrevendo a proposta do Mestrado Acadêmico em Letras. Com a aprovação da proposta, saí da coordenação do Profletras, para assumir a coordenação do PPGL. Também me foi um trabalho agradável, porque o programa foi a concretização de um velho sonho. Embora trabalhoso, foi prazeroso preparar as *lives* de apresentação do programa, elaborar o primeiro edital, preparar a primeira seleção.

Mas como sou movida a desafios, saí da coordenação do PPGL, para assumir em maio de 2022 a Pró-reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão – Procce na gestão Novos Sonhos, que tem como reitora a profa. Aldenize Ruela Xavier e como vice-reitora, a profa. Solange Ximenes, duas mulheres fortes, competentes e determinadas.

Preciso abrir um parêntese para falar da profa. Solange. Nossas trajetórias acadêmicas se cruzaram muitas vezes. Quando eu era estudante de graduação em Letras, ela cursava Pedagogia e era a secretária do coordenador do *campus*, prof. Aldo Queiroz. Terminamos a graduação pela mesma época, nos tornamos professoras da UFPA e concluímos o curso de Doutorado no mesmo ano de 2007. Trabalhamos juntas na Coordenação de Pesquisa e Pós-graduação do *Campus* da UFPA em Santarém. Quando assumi a Diretoria de Pesquisa na Ufopa, ela assumiu a Diretoria de Ensino e posteriormente a direção do Instituto de Ciências da Educação. Hoje estou na Procce e ela na vice-reitoria. Solange é uma pessoa por quem tenho enormes carinho e admiração.

Figura 42 - Com a Profa Solange Ximenes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Para me ajudar no desafio de gerir a pró-reitoria, convidei o prof. Roberto Paiva, para a Diretoria de Extensão, o prof. Alan Ribeiro, para a Diretoria de Cultura, e a profa. Celiane Costa para a Coordenação de Programas e Projetos de Extensão. Além deles há uma equipe extremamente competente com quem aprendo todos os dias. Minha gratidão a: Márcia Arouca, Renata Cabral, Marcelo Moraes, Rodrigo Rosa, Adrielle Serra, Raimundo Hemenegildo Júnior, Ádria Monteiro, Luziana Caldeira, Patrícia Borges, Carlos Bandeira Júnior, Gabriel Prado, Paula Rabelo, Kaila Moura, Libia Jaty, Mirella Alves e Caê Oliveira.

Há mais de um ano e meio na Pró-reitoria, pude realizar muitos projetos: I, II e III Workshop de Extensão, Procce em ação, Uma sala da Ufopa na Comunidade, Gincana O conhecimento é pai d'égua, Aulão da Ufopa, Cursinho Popular, II Encontro de Empresas Juniores da Ufopa, e ainda há muitos para realizar.

Figura 43 - Equipe da Procce.



Fonte: Arquivo Pessoal.

O grande desafio é aprender a administrar. É conciliar as funções acadêmicas com as administrativas. Estou liberada das atividades docentes, mas continuo pesquisando e orientando alunos de graduação e de pós-graduação. É difícil manter a rotina de pesquisadora, porque preciso estudar, para me manter atualizada em relação às políticas de extensão e de gerenciamento de pessoal. O gestor, além de conhecimento técnico, precisa de serenidade para enfrentar desafios interpessoais, pois lidamos com personalidades e interesses diferentes, é preciso resolver conflitos e cultivar boas relações.

Apesar das dificuldades, o cargo de pró-reitora tem me dado recompensas significativas. Sei que, dentro das minhas limitações, venho influenciando positivamente a instituição, colaborando com projetos estratégicos e contribuindo para melhoria da educação superior.

9. PENA TALHADA NO FERRO

Escrever um memorial é um exercício difícil, interessante e emocionante. Difícil, porque você vai ser avaliado e, como toda avaliação, o resultado pode ser negativo ou positivo. Interessante, porque, embora se expondo, você descobre muita coisa sobre si mesmo. Emocionante, porque você revive memórias, com as quais é impossível não se emocionar.

Eu abri meu baú de memórias. Literal e metaforicamente. Reencontrei fotos e documentos dos quais já não me recordava; e ressuscitei lembranças, lembrei de pessoas que fizeram parte da minha trajetória, refiz laços que pareciam desfeitos pelo tempo.

Iniciei este memorial fazendo um trocadilho com meu sobrenome Pena Ferreira e o encerro da mesma forma, agora com a metáfora *pena talhada no ferro*. O que isso significa? Para mim significa meu processo de amadurecimento pessoal e profissional. O tempo nos molda e nos aprimora, semelhante a uma pena esculpida em ferro bruto.

Assim como o ferreiro esculpe uma peça de ferro para criar a forma desejada, assim eu fui moldando meu conhecimento e minhas habilidades (ou fui moldada por eles). Todo esculpir é um processo lento, para que a forma final seja alcançada. Assim minha formação foi um processo gradual, construída ao longo do tempo sobre conhecimentos existentes dos que me antecederam e dos que caminham junto comigo.

Talhar uma pena numa peça de ferro requer paciência, habilidade e persistência. Precisei ser dedicada, paciente e persistente, para enfrentar os desafios e os obstáculos da caminhada, assim como fazem todos os professores. Cada peça esculpida é única, assim como são únicos nossos alunos. Cada um tem suas necessidades, habilidades e interesses. Assim como fui

moldada, preciso garantir que meus alunos sejam moldados de maneira apropriada.

Criar algo belo a partir de uma peça bruta exige responsabilidade. Tive a sorte de ter uma família responsável, uma escola responsável, amigos responsáveis, que contribuíram para minha formação. Uma vez talhada a pena, ela mantém essa forma por longo tempo. As letras me talharam de forma lenta e duradoura e impactaram minha vida. Minha responsabilidade hoje, então, é fazer com que conhecimentos repassados em sala de aula possam influenciar as escolhas e os sucessos de meus alunos ao longo de suas vidas, para que se tornem indivíduos realizados.

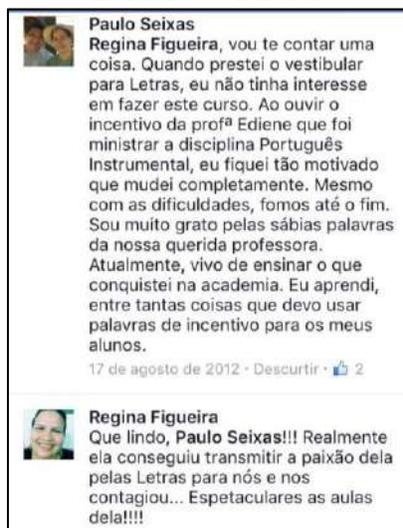
Muito do que fiz não consta neste memorial e peço desculpas aos nomes não citados. Mas pelo que lembrei e registrei, posso dizer que sou profissionalmente realizada. Gosto de fazer o que faço e o faço razoavelmente bem. Gosto de ser professora. Gosto de ser professora de língua portuguesa e de linguística. *Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões/ gosto de ser e de estar/ quero me dedicar a criar confusões de prosódiale uma profusão de paródias que encurtem dores/e furtem cores como camaleões* (VELOSO, 1984).

Se eu já pensei em desistir? Se já me senti impotente ou incompetente? Se já achei que não estava no lugar ou na profissão certa? Várias vezes. Já tive a síndrome da impostora e sempre ponho em dúvida meu conhecimento. Mas logo surge uma palavra ou um sorriso de reconhecimento, com elogios que nem sei se mereço. Prefiro acreditar que sim.

Para concluir este memorial, trago duas homenagens recebidas no início da minha carreira. Por que as do início? Para ter consciência de que estou sempre iniciando e ainda há um longo caminho a percorrer.

Registro aqui as palavras, publicadas em uma rede social, de dois alunos de uma das minhas primeiras turmas. Paulo Seixas e Regina Figueira – infelizmente Regina faleceu vítima de covid – foram meus alunos da Turma de Letras 1999 em Itaituba, no início da minha vida docente.

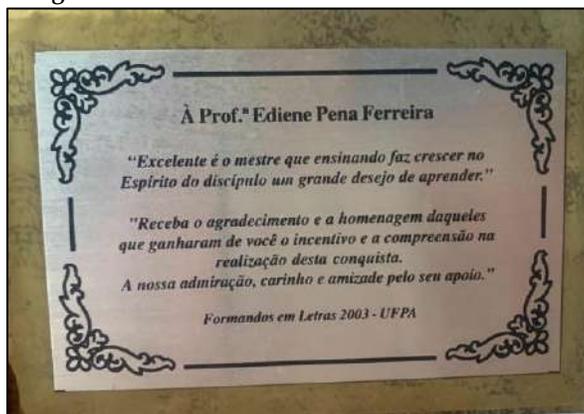
Figura 44 - Homenagens recebidas em rede social, de ex-alunos da turma de Letras 1999 – Itaituba.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Também deixo registrada a placa que recebi da Turma Letras 2003, a primeira para qual ministrei aula depois de voltar do Doutorado. Eu me perguntava se ainda saberia dar aula depois de um tempo longe da sala de aula. Essa turma foi pra mim um novo começo.

Figura 45 - Placa recebida da turma de Letras 2003.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao longo da carreira, já recebi muitos elogios, e, sem falsa modéstia, continuo recebendo. O maior deles é quando algum aluno me diz que sou uma inspiração e uma motivação. Às vezes uma simples palavra, dita com suavidade, mas com firmeza, muda destinos. Todo professor tem esse dom, o de mudar destinos com suavidade e com firmeza. Com a pena e com o ferro. O sentimento é de dever cumprido.

E tenho dito!

10. REFERÊNCIAS

ALVES, Antônio Frederico de Castro. **Os Escravos**, 1883.

ALVES, Joana Lopes. **A linguagem dos pescadores da Ericeira**. Junta Distrital de Lisboa, 1965.

AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá**: uma história de amor. Editora Record, 1976, 65 p.

ANDRADE, Carlos Drumond de. No meio do caminho. **Revista de Antropofagia**, 1928.

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1899.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOJUNGA, Lygia. **Livro – um encontro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de Dicionários**: uma introdução à Lexicografia. São Paulo: Ed. UNESP. 2003. 356 p.

BRASIL, **Lei Nº. 5692 de 11 de Agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus (Revogada pela Lei nº 9.394, de 20.12.1996).

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes y desacuerdos: la lectura más allá de lo obvio**. Bogotá: Asolectura, 2010.

BRONCKART, Jean-Pal. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo socio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**, 1572.

CAMPOS, Juliana Barbosa; PENA-FERREIRA, Ediene. **Corpus de Textos Oraís do Português Santareno (CTOPS)**, 2013.

CANETA, [s.d]. **Centro de Referência em Educação Mario Covas**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/txt_html/mem/obj/obj_a/caneta.php. Acesso em 25 ago, 2023.

CARVALHO, Vicente de. **Poemas e canções**, 1908.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. **Revista de estudos linguísticos e literários**. Salvador: UFBA, p. 25-64, 1997.

CHAFE, Wallace L. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, Russel S. **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam. Philadelphia: University of California, Santa Barbara, 1987.

CLUL – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. **CRPC - Corpus de Referência do Português Contemporâneo**, 2012. Disponível em <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc>. Acesso: 25 ago, 2023.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. **“A canoa da cura ninguém rema só”**: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (AM). 2017. Tese (Doutoramento em Antropologia Social). Universidade do Amazonas, 2017.

CRUZ, Maria Luisa Segura da. **O falar de Odeleite**. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa, 1991.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Lexikon: 2010.

DAVIES; Mark; FERREIRA, Michael. (Orgs). **Corpus do português**, 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>. Acesso em: 25 ago, 2023.

DIK, Simon C. **The theory of functional grammar**. Holland/Providence: Foris Publications. Dordrecht, 1989.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Genres et progression en expression orale et écrite. Éléments de réflexions a propos d'une expérience romande. **Enjeux**, n. 37/38, p. 49-75. 1996.

DU BOIS, John W. Competing motivations. *In*: HAIMAN, John Michael (Org.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1985.

DUBOIS, John, W.; THOMPSON, Sandra A. **Dimensions of a theory of information flow**. Progress. Ms, UC Santa Barbara, 1991.

DUBOIS, John. W. **The discourse basis of ergativity**. Baltimore: Language, v. 63, n. 4, 1987.

ESOPO. A reunião geral dos ratos. [s.d].

FIGUEIREDO-GOMES, João Bosco.; PENA-FERREIRA, Ediene. (Orgs.). **Corpus mínimo de textos escritos em língua portuguesa**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PDEE/CAPES, 2006.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (Org.). **Corpus Discurso & Gramática** – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil**: os usos da expressão 'diz que'. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Letras, 2001.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. **O achar no português do Brasil**: um caso de gramaticalização. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GONÇALVES, Vicente Geraldo. **Aspectos da gramaticalização no português**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1987.

HEINE, Bernd. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. **Transitivity in grammar and discourse**. Baltimore: Language, v. 56, n. 2, p. 251-99, 1980.

LEITE DE VASCONCELLOS, José. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.

LEMINSKI, Paulo. **Melhores poemas**. São Paulo: Global, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**: Rocco, 1971.

LONGO, Beatriz. O.; CAMPOS, Odette. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *In*: ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela C. S. (orgs.) **Gramática do português falado**. Vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

MARQUILAS, Rita; MARTINS, Ana Maria; GUILHERME, Ana; GALLARDO, Ángel Rodríguez; MACHADO, Fernando Luís; GOMES, Mariana. **Projeto Fly (Forgotten Letters Years 1900-1974)**. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2008. Disponível em: <http://cards-fly.clul.ul.pt/> Acesso em: 25 ago, 2023.

MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano; VOTRE, Sebastião; CESÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and 'subordination'. *In*: HAIMAN, John, THOMPSON, Sandra. **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

MEDEIROS, M. de J. C de. **A linguagem micaelense em alguns dos seus aspectos**. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1964.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *In*: MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912.

MORELLO, Rosângela; MARTINS, Marci Fileti (orgs.). **Observatório da Educação na Fronteira**: Política Linguística em Contextos Plurilíngues: desafios e perspectivas para a escola

Florianópolis: IPOL: Editora Garapuvu, 2016. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1CRbWHheOaZm-WOXl68WuSBAnTgroKTKE/view> . Acesso em: 25 ago, 2023.

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. **A interface sociolinguística/ gramaticalização**. Niterói, v.9, n. 1, p. 125-134, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOGUEIRA, Márcia Teixeira. As expressões isto é, ou seja e quer dizer. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Descrição do português: definindo rumos de pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 37-47, 2001.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica Editora, 1989.

OLIVEIRA, Gilvan M. **Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. Synergies Brésil**,. v. 7, p. 19-26, 2009. Disponível em: <http://gerflint.fr/Base/Bresil7/bresil7.html>. Acesso em: 25 ago, 2023.

OLIVEIRA, Margarida Gama de. **Malhada Velha (um lugar da serra no concelho de Penela)**: Estudo etnográfico, linguístico e folclórico. Edição da Câmara Municipal de Penela, 1992.

PENA-FERREIRA, Ediene; LIMA-GOMES, Marcela. **Corpus de Textos Oraís do Português Santareno – CTOPS**. 1. ed. Santarém: Gráfica e Ed. Tiagão, v. I. 436 p., 2010.

PENA-FERREIRA, Ediene. *As faces de Ana*. Santarém, 2021.

PINDUCA. **Marcha do vestibular**, 1974.

POE, Edgar Allan. O corvo. **New York Evening Mirror**, 1845.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves e Cia, 1988.

SOBRENOME Pena. **Geneaminas**, [s.d.]. Disponível em: https://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/sobrenome.asp?cod_sobrenome=4748#:~:text=Sobrenome%20Pena&text=Sobrenome%20de%20origem%20geográfica%2C%20derivado,%2C%20em%20espanhol%2C%20Peña). Acesso em: 25 ago, 2023.

TITÃS. **Comida**. 1987.

TRESPASH. R. Ferreira. **Sobre Nomes**: o portal de sobrenomes da Genera. Disponível em: <https://sobrenomes.genera.com.br/sobrenomes/ferreira/#:~:text=Ferreira%20%C3%A9%20um%20top%C3%B4nica%20de,ou%20ligado%20a%20algum%20ferreiro.>). Acesso em 25 ago, 2023.

VELOSO, Caetano. **Língua**, 1984.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O Gigolô Das Palavras**. Porto Alegre: LP&M, 1982.



Memorial descritivo do percurso acadêmico de Ediene Pena Ferreira, para concurso de professora titular, apresentado ao Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, para promoção da Classe D, denominação Associado IV, para a Classe E, denominação Titular da carreira de Magistério Superior da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa.

